



**Adriana da Silva Lisboa Tomaz**

**Ocupação de três escolas estaduais no Rio de Janeiro: ação coletiva; reivindicações e conquistas**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Alicia Maria Catalano de Bonamino

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2019



**Adriana da Silva Lisboa Tomaz**

**Ocupação de três escolas estaduais no Rio de Janeiro: ação coletiva; reivindicações e conquistas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof<sup>a</sup>. Alicia Maria Catalano de Bonamino**  
Orientadora  
Departamento de Educação – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Rosália Maria Duarte**  
Departamento de Educação – PUC-Rio

**Prof<sup>a</sup>. Maria Carla Corrochano**  
Departamento de Educação – UFSCar

**Prof. Luiz Carlos de Souza**  
Departamento de Educação – UNIRIO

**Prof<sup>a</sup>. Naira Muylaert Lima**  
Departamento de Educação – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Adriana da Silva Lisboa Tomaz**

Graduou-se em Pedagogia pela Faculdade de Educação de Joinville Santa Catarina, possui Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) e Clínica pelo Centro Psicopedagógico do Rio de Janeiro (CEPERJ). Pós-graduada em Ciência das Religiões pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá (FIJ). Mestrado em Educação pela Universidade Estácio de Sá em 2010. Na área educacional, sua experiência e atuação se relacionam, principalmente, aos seguintes temas: avaliação da aprendizagem, políticas públicas educacionais e novos movimentos sociais. Desde 2012 é pesquisadora no grupo de pesquisa no Laboratório de Avaliação Educacional – LAed na Linha de Pesquisa Educação, Relações Sociais e Construção Democrática. Atua profissionalmente na Educação Básica por 25 anos na rede privada como docente no Ensino Fundamental e por seis anos na Secretária de Estado de Educação do Rio de Janeiro como Professora Inspetora Escolar atuando principalmente com o Ensino Médio.

#### Ficha Catalográfica

Tomaz, Adriana da Silva Lisboa

Ocupação de três escolas estaduais no Rio de Janeiro : ação coletiva; reivindicações e conquistas / Adriana da Silva Lisboa Tomaz ; orientadora: Alicia Maria Catalano de Bonamino. – 2019.

190 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2019.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Ocupação das escolas. 3. Ação coletiva. 4. Juventudes. I. Bonamino, Alicia Maria Catalano de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Aos meus pais, Valdir Lisboa e Terezinha Maria da Silva.  
Ao meu marido, Marco Aurélio Tomaz por seu companheirismo  
e paciência na minha trajetória acadêmica, aos meus filhos,  
Marco Aurélio Tomaz Júnior e João Pedro Lisboa Tomaz.  
A todos os estudantes secundaristas da rede pública de ensino,  
sem os quais esta pesquisa não teria sentido.

## Agradecimentos

A Deus, o Senhor da minha vida.

À minha orientadora, Professora Maria Alicia Catalano Bonamino, pelo acolhimento, apoio acadêmico e incentivo.

À Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

À Sociedade de Beneficência Humboldt, representada pelo Colégio Cruzeiro, Unidade de Jacarepaguá, em especial à Coordenadora Pedagógica Dulce Alba e à Orientadora Educacional Lílian Guimarães.

Às escolas, aos agentes da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, diretores e aos secretários, professores, estudantes da rede estadual do Rio de Janeiro, que foram de suma importância para que essa pesquisa pudesse ser realizada e ex-estudantes. Em especial ao aluno Yago José de Medeiros Papa, um estudante militante que viabilizou o contato com outros estudantes.

Aos meus pais.

Ao meu marido por sua paciência e companheirismo e aos meus filhos, que sempre me apoiaram nessa trajetória acadêmica.

À minha grande amiga Andrea de Souza Carneiro, por tamanha generosidade.

Ao Igor Guimarães, que me apoiou observando comigo todos os vídeos.

Aos meus amigos de Grupo de pesquisa do Laboratório de Avaliação Educacional (Laed), em especial à grande amiga Professora Naira Muylaert e colaboradores de outros grupos de pesquisa da PUC- Rio, que me auxiliaram no trabalho de campo.

Aos professores que participaram da comissão examinadora, em especial à professora Rosália Maria Duarte.

A todos os professores, em especial ao Professor Doutor Edgar Lyra do departamento de Filosofia da PUC- Rio pelos ensinamentos e contribuições e a todos os funcionários do Departamento de Educação.

## Resumo

Tomaz, Adriana da Silva Lisboa; Bonamino, Alicia Maria Catalano de. **Ocupação de três escolas estaduais no Rio de Janeiro: ação coletiva; reivindicações e conquistas.** Rio de Janeiro, 2019. 190p. Tese de Doutorado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese de doutorado investiga as ocupações das escolas na percepção dos estudantes no ano de 2016, focalizando estudantes que se posicionaram, respectivamente, de maneira favorável e de maneira contrária à ocupação. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória do tema, e leva em conta autores de referência que se debruçaram sobre temas como novíssimos movimentos sociais (Day, 2015; Gohn, 2008), coletivos sociais (Maia, 2013; Perez; Souza, 2017), juventude (Corrochano, 2018) e tecnologias digitais de informação e comunicação (Castells, 2013; Spósito, 2014). As percepções dos estudantes sobre ocupações foram investigadas em três colégios estaduais de Ensino Médio do Rio de Janeiro, a saber: C. E. Prefeito Mendes de Moraes; C. E. Amaro Cavalcanti e C. E. José Leite Lopes. A escolha do campo esteve baseada na observação de 40 vídeos elaborados e postados por estudantes nas redes sociais durante as ocupações em diversas escolas. A partir desse conjunto de mídias, foi editado um “vídeo gatilho”, de aproximadamente quatro minutos de duração, que enfatiza temas posteriormente abordados em entrevistas coletivas realizadas com os mesmos estudantes. A pesquisa permitiu compreender que reivindicações relativas a problemas de infraestrutura escolar, a falta de diálogo sobre as demandas de professores e alunos e a eleição direta para diretor se expressaram como fatores promotores de unidade entre os alunos antes e no início das ocupações. O momento de cisão dos estudantes em dois posicionamentos opostos ocorre cedo, a partir da efetivação das ocupações, fazendo dessa experiência comum um fator de distinção entre duas visões de escola. A ênfase na dimensão relacional e afetiva da ocupação é significativa entre os estudantes posicionados a favor do movimento. Entre eles se evidencia um sentimento de pertencimento, uma visão da escola como um bem comum, um espaço feito para eles, estudantes atuais e futuros, e no qual desejam poder colocar suas opiniões. A ênfase dos estudantes na dimensão acadêmica e no potencial prejuízo causado pela ocupação

no seu preparo para o Exame Nacional do Ensino Médio é significativa entre os estudantes contrários à ocupação. Entre eles também se evidencia uma preocupação mais pragmática com as aulas perdidas, com a falta de cobertura do currículo e com o enfraquecimento da perspectiva propedêutica da sua escola. A pesquisa também identificou ganhos materiais e simbólicos decorrentes da ocupação. Os primeiros envolvem aspectos tais como: i) medidas para assegurar a transparência no uso dos recursos públicos destinados à merenda escolar; ii) lei dispondo que a provisão do cargo de diretor das escolas da rede estadual de ensino passe a ser feita por eleição direta pela comunidade escolar e não mais por indicação; iii) reativação de medida legal relativa ao grêmio estudantil; iv) estabelecimento de repasse de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) a cada escola ocupada para reparos emergenciais, exceto o Colégio José Leite Lopes; v) estabelecimento do compromisso de reforma de 185 escolas com pior indicador de infraestrutura e publicação dos gastos; vi) suspensão das avaliações estaduais. Entre os principais ganhos simbólicos esta pesquisa identificou mudanças institucionais para atender às reivindicações dos estudantes, como a de uma maior escuta por parte da direção das escolas e de um maior espaço para colocar suas opiniões.

### **Palavras-chave**

Ocupação das escolas; Ação Coletiva; Juventudes.

## Abstract

Tomaz, Adriana da Silva Lisboa; Bonamino, Maria Alicia Catalano de (Advisor). **Occupation of three state schools in Rio de Janeiro: group action, claims, and conquests.** Rio de Janeiro, 2019. 190p. Tese de Doutorado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

In this thesis, we investigate the perception of students who took part in 2016 schools occupation, focusing on groups of students who were for and against the movement. The research uses a qualitative and exploratory approach of the theme, considering authors who have studied the new social movements (Day, 2015; Gohn, 2008) and social groups (Maia, 2013; Perez; Souza, 2017), as well as youths and digital technologies of information and communication (Corrochano, 2018); Castells, 2013; Spósito, 2014). Students' perceptions about the occupation have been investigated in three state high schools in Rio de Janeiro: C. E. Prefeito Mendes de Moraes; C. E. Amaro Cavalcanti; and C. E. José Leite Lopes. We have chosen these schools based on 40 videos, recorded and published by students in social networks during the occupation of different schools. From this media, a video of approximately four minutes was edited in order to emphasize themes that were going to be discussed in group interviews with the same students. By the research, we can understand that claims related to school infrastructure, to the lack of dialogue about teachers and students' demands, and to the direct election of schools' principals, promoted unity among students before and in the beginning of occupation. The moment of disagreement between the two groups of students, in opposed ways of positioning, happened right in the beginning of occupation itself, what shows two different views about school. Emphasis in the relational and affective dimensions of occupation can be observed in the discourse of students who were for the movement. They show that school belongs to them and is a common space made for current and future students, where they should be able to show their point of view. On the other hand, students who were against the movement emphasize the academic dimension of school and a possible damage caused by the occupation regarding their preparation to High School National Exam (ENEM in Portuguese), which is used for admittance to universities in Brazil. These students pragmatically worry about lost lessons, curriculum and a

possible damage in school's propaedeutic perspective. The research has also identified material and symbolic gains, resulting from the occupation. Among the material gains, we can point out: i) actions to assure transparency in the use of public budget intended to students' meals; ii) a law to establish that schools' principals should be directly elected by the school community; iii) reinstatement of a legal measure related to students council; iv) establishment of R\$ 15.000,00 (fifteen thousand reais) to be transferred to each school that was occupied, except the school José Leite Lopes, which received funds only for emergency repairs; v) commitment to overhaul 185 schools that had the worst infrastructure indexes, publishing all the expenses; vi) discontinuation of tests aiming on state schools accountability. Among the main symbolic gains, this study identified institutional changes focused on students' claims, such as a greater dialogue with schools' principals.

## **Keywords**

Schools occupation; collective action; youths.

# Sumário

1. Introdução .....	15
2. Movimentos sociais e ação coletiva: construindo as referências da pesquisa .....	19
2.1. Movimentos sociais e ação coletiva .....	22
2.2. Movimentos sociais e educação .....	28
2.3. Juventude e ação coletiva de estudantes no Brasil .....	31
2.4. Antecedentes e características da ocupação das escolas no Brasil .....	37
2.4.1. A ocupação das escolas no Brasil .....	40
2.4.2. Estado de São Paulo .....	46
2.4.3. Estado de Goiás .....	47
2.4.4. Estado do Rio de Janeiro .....	48
2.5. Mapeamento sobre o tema: o que diz a Literatura sobre as ocupações das escolas no Brasil? .....	51
3. Metodologia .....	58
3.1. A influência do ciberativismo na metodologia .....	60
3.2. A construção do Vídeo Gatilho .....	62
3.2.1. Cenas do Vídeo Gatilho .....	64
3.2.2. Como chegamos à definição do campo .....	66
3.2.3. A escolha dos Colégios .....	67
3.2.4. As entrevistas coletivas e individuais .....	68
4. Escolas pesquisadas e sua contextualização .....	72
4.1. Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes .....	72
4.2. Colégio Estadual José Leite Lopes – NAVE .....	77
4.3. Colégio Estadual Amaro Cavalcanti .....	81

5. Análise das entrevistas coletivas: alguns pontos de partida e de chegada .....	84
5.1. Anotações sobre o campo, seus sujeitos e a pesquisa .....	85
5.2. Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes .....	86
5.3. C.E. José Leite Lopes .....	105
5.4. C.E. Amaro Cavalcanti .....	117
5.5. Ocupação das escolas: consequências e conquistas .....	129
5.6. O que foi comum a todas as escolas .....	134
6. Considerações finais .....	135
7. Referências bibliográficas .....	139
8. Anexos .....	147
8.1. Anexo I: Aprovação do Comitê de Ética da PUC-Rio .....	147
8.2. Anexo II: Autorização da Pesquisa .....	148
8.3. Anexo III: Autorização do Governo para a Realização da Pesquisa .....	149
8.4. Anexo IV: Mapa das Regionais do Rio de Janeiro .....	150
8.5. Anexo V: Escolas Ocupadas no Estado do Rio de Janeiro .....	151
8.6. Anexo VI: Tabela de Vídeos observados .....	156
8.7. Anexo VII: Transcrição das Entrevistas Coletivas .....	159
8.7.1. Colégio Prefeito Mendes de Moraes .....	159
8.7.2. Colégio Amaro Cavalcanti .....	169
8.8. Anexo VIII: Resolução Seeduc Nº 4778 .....	179
8.9. Anexo IX: Roteiros das Entrevistas Individuais .....	181

## Lista de siglas

ANEL – Assembleia Nacional dos Estudantes Livres.  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular.  
CAEd – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação.  
CEAC – Colégio Estadual Amaro Cavalcante.  
CEJLL – Colégio Estadual José Leite Lopes.  
CF – Constituição Federal.  
CMI-Rio – Centro de Mídia Independente do Rio de Janeiro.  
CEPMM – Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes.  
D – Desocupa (Contra as ocupações).  
Diesp – Diretoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas.  
EC – Entrevista Coletiva.  
EI – Entrevista Individual.  
EM – Ensino Médio.  
EJA – Ensino de Jovens e Adultos.  
GD – Grupo de Discussão.  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.  
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.  
JCA – José Carlos de Almeida.  
LDB – Lei das Diretrizes Básicas da Educação.  
MP – Ministério Público.  
MPL – Movimento Passe Livre.  
MS – Movimento Social.  
NAVE – Núcleo Avançado em Educação.  
NMS – Novíssimos Movimentos Sociais.  
NS – Novos Movimentos Sociais.  
O – Ocupa (A Favor das Ocupações).  
PEC – Proposta de Emenda na Constituição.  
PPP – Projeto Político Pedagógico.  
PL – Projeto de Lei.  
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.  
PNE – Plano Nacional de Educação.  
SAERJ – Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro.  
SAERJINHO – Sistema de Avaliação Bimestral do Processo de Ensino e Aprendizagem nas Escolas do Estado do Rio de Janeiro.  
SEEDUC/RJ – Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.  
SEPE/RJ – Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Estado do Rio de Janeiro.  
SIGRH – Sistema Integrado de Gestão de Recursos Humanos.  
SUGEN – Superintendente e Diretor da Subsecretaria de Gestão de Ensino.  
SUPLAN – Superintendência de Planejamento da Rede.  
UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas.  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Lista de quadros

Quadro 1. Roteiro da entrevista coletiva (EC) .....	69
Quadro 2. Alunos do C. E. Prefeito Mendes de Moraes .....	74
Quadro 3. Total de estudantes por faixa etária, ano, turmas e turnos .....	75
Quadro 4. Quantitativo de estudante do C. E. José Leite Lopes nos últimos três anos por série .....	78
Quadro 5. Total de estudantes por faixa etária e turmas em 2018 ..	78
Quadro 6. Quantitativo de estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti nos últimos três anos, por série .....	83
Quadro 7. Caracterização dos estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes favoráveis ao movimento .....	89
Quadro 8. Caracterização dos estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes contrários ao movimento .....	91
Quadro 9. Caracterização dos estudantes do C. E. José Leite Lopes favoráveis à ocupação .....	108
Quadro 10. Caracterização dos estudantes do C. E. José Leite Lopes contrários à ocupação .....	109
Quadro 11. Caracterização dos estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti favoráveis à ocupação .....	118
Quadro 12. Caracterização dos estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti contrários ao movimento .....	119

## Lista de figuras

Figura 1. Estados brasileiros com escolas ocupadas em 2016 .....	45
Figura 2. Ocupação de escolas em Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás .....	45
Figura 3. Cotidiano da ocupação .....	64
Figura 4. Contagem dos utensílios .....	64
Figura 5. C. E. Amaro Cavalcante – Manifestação dos estudantes na Zona Sul do Rio de Janeiro .....	65
Figura 6. Entrada do Colégio Prefeito Mendes de Moraes em 2018 .....	72
Figura 7. Fotografia da vitrine na sala dos professores – Térreo ....	73
Figura 8. Auditório onde foram realizadas as entrevistas coletivas .	75
Figura 9. Estudantes que se disponibilizaram para a entrevista coletiva .....	75
Figura 10. Entrada do C. E. José Leite Lopes em 2018 .....	77
Figura 11. Sala de “Germinação” .....	80
Figura 12. Espaço de Convivência .....	80
Figura 13. Fachada do C. E. Amaro Cavalcanti em 2018 .....	81
Figura 14. Cartaz “Cadê nossos direitos?” construído pelos estudantes em 2018 .....	83
Figura 15. Cartaz construído pelos estudantes em 2018 .....	83
Figura 16. Cartaz “Que democracia é essa?” construído pelos estudantes em 2018 .....	83
Figura 17. Estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes batendo palmas .....	93
Figura 18. Cena do C. E. Prefeito Mendes de Moraes inserida no vídeo .....	102
Figura 19. Espaço de Convivência e Sala de “Germinação” .....	106
Figura 20. Estudantes do C. E. José Leite durante a ocupação .....	115
Figura 21. Dia das mães no C. E. Amaro Cavalcanti .....	127
Figura 22. Dia das mães no C. E. Amaro Cavalcanti .....	127
Figura 23. Dia das mães no C. E. Amaro Cavalcanti .....	127
Figura 24. Intersecção mostrando as reivindicações atendidas em cada uma das unidades .....	133

# 1 Introdução

*O mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando.*

Guimarães Rosa (1956)

As motivações para a realização da presente tese surgem da minha inquietação a respeito da fragilidade, e da baixa utilização dos canais institucionalizados para aproximação entre a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e os estudantes da rede pública de ensino. Durante o período em que trabalhei como Professora Inspectora Escolar, visitando as escolas de ensino médio da rede estadual, e tive acesso à central de relacionamento (CEREL) pude observar um número reduzido de reclamações e reivindicações de estudantes que chegavam à Seeduc. Essa observação foi reforçada durante um projeto piloto realizado no C. E. José Leite Lopes, logo após sua ocupação.

Durante esse projeto piloto no C. E. José Leite Lopes, em que vivenciamos o momento em que eclodiam as ocupações em todo o país, pude constatar o desconhecimento dos estudantes da existência desse canal de relacionamento institucional. Isso me levou a considerar a existência de um descompasso entre a reivindicação dos estudantes de terem voz e de serem ouvidos, a partir de relações próximas e presenciais com a gestão escolar e com a gestão educacional estadual, por um lado, e a institucionalização mais anônima e invisível da ouvidoria que lhes era oferecida pela Seeduc, por outro.

O presente trabalho surge tanto da minha prática pedagógica quanto da vivência como servidora e professora da rede particular, experiências que me permitem perceber melhor as especificidades da educação pública, seus desafios, suas carências e potencialidades.

Também conta a necessidade de compreender as ocupações das escolas como parte de um contexto social, político e econômico, marcado pela crise financeira do Estado e pelo descrédito das autoridades governamentais diante das fraudes e da administração inadequada dos recursos públicos, especialmente no estado do Rio de Janeiro, como fora evidenciado nos cartazes e faixas elaborados pelos estudantes e postados em vídeos e noticiários. Por se tratar de uma crise longa, esse é também o contexto da pesquisa.

No ano de 2016, várias escolas estaduais do Rio de Janeiro foram ocupadas por estudantes do ensino médio, organizados em torno de pautas múltiplas.

As ocupações fazem parte de um contexto com inúmeras manifestações desse tipo, um período de forte mobilização popular, em especial de jovens que se manifestam em espaços públicos e iniciam com uma série de ações coletivas em 2003, tais como: Estudante não é bucha de canhão para partido: a Revolta do Buzu, 2003; Habitar a praça como uma praia: Belo Horizonte, em 2009; Os acontecimentos de junho de 2013; Zuera e perigo: os rolezinhos em São Paulo, 2014.

De acordo com as referências teóricas e conceituais adotadas pela pesquisa (MAIA, 2013; PEREZ 2017; SOUZA, 2017), o movimento de ocupação das escolas é concebido como uma ação coletiva caracterizada pela sua presença e permanência circunstanciais, pelas relações horizontais entre seus membros, a ausência de liderança e a forte presença nas redes sociais.

Com essas características, movimentos de estudantes de Ensino Médio no Chile, na Argentina e no Brasil promoveram a ocupação de escolas, para explicitar sua insatisfação com o cotidiano escolar e com as políticas implementadas pelo poder público.

No Brasil, mais especificamente no Estado Rio de Janeiro, o movimento foi impulsionado por diversos elementos comuns às escolas estaduais, como a forma de provimento do cargo de direção, e, também, por aspectos mais específicos, materiais e relacionais, de cada instituição, tais como: falta de água, manutenção do ar condicionado, ausência de professores, falta de segurança, infraestrutura inadequada de um modo geral e falta de escuta por parte dos gestores escolares e educacionais.

Esta tese de doutorado investiga as ocupações das escolas em 2016, na percepção dos estudantes que, em 2018, cursavam a 3ª série do ensino médio, e se posicionaram, respectivamente, de maneira favorável e de maneira contrária à ocupação, em três colégios estaduais do Rio de Janeiro, a saber: C. E. Prefeito Mendes de Moraes; C. E. Amaro Cavalcanti e C. E. José Leite Lopes.

As razões que nos levaram a pesquisar essas ocupações acontecidas no ano de 2016, dois anos depois, é o reconhecimento pela literatura especializada de que essas formas de ação coletiva não se esgotam nos eventos que atestam a sua visibilidade, tornando necessário, para sua compreensão, procurar os momentos

em que as práticas estão submersas e invisibilizadas no cotidiano (MELUCCI, 2001).

O objetivo da pesquisa foi compreender, a partir da percepção dos estudantes, as características dessas ocupações, suas pautas de reivindicações, suas consequências e conquistas.

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, e leva em conta autores de referência que se debruçaram sobre temas como novíssimos movimentos sociais (DAY, 2015; GOHN, 2008), coletivos sociais (MAIA, 2013; PEREZ 2017; SOUZA, 2017), juventudes (CORROCHANO, 2017) e tecnologias digitais de informação e comunicação (CASTELLS, 2013; SPOSITO, 2014).

A escolha do campo esteve baseada na observação de 40 vídeos elaborados e postados por estudantes nas redes sociais durante as ocupações em diversas escolas. A partir desse conjunto de mídias, foi editado um “vídeo gatilho”, de aproximadamente quatro minutos de duração, que enfatiza temas posteriormente abordados em entrevistas coletivas realizadas com os mesmos estudantes. O vídeo gatilho tem como objetivo ser um instrumento disparador da memória dos estudantes sobre o movimento das ocupações das escolas.

A tese está estruturada em seis capítulos, além desta Introdução. No segundo capítulo, apresentamos uma síntese de algumas das principais referências sobre novíssimos movimentos sociais, coletivos, além de um mapeamento das publicações sobre as ocupações. Situamos, ainda as características do movimento de ocupação no conceito de coletivos e pontuamos diversas manifestações que ocorreram no país e ocupações das escolas em São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro, os três primeiros Estados a terem escolas ocupadas.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa, a escolha do campo a partir da observação de 40 vídeos elaborados e postados nas redes sociais durante as ocupações em diversas escolas. A construção do vídeo Gatilho foram formuladas as questões para as entrevistas individuais e coletivas para os grupos contrários e a favor das ocupações.

No quarto capítulo, de modo a contextualizar os colégios estudados, descrevemos as unidades escolares e suas particularidades, como localização e características do entorno, tamanho da escola, equipamentos e infraestrutura.

O quinto capítulo foi construído a partir das entrevistas coletivas com dois grupos de estudantes a favor e contrários ao movimento em cada unidade escolar. Temos como base as seguintes categorias de análise: revisitar a ocupação; ser ouvido; coletivo(s), posicionamento(s) e ambiguidades; organização da ocupação; apoio recebido; comunicação e gostar da escola, extraídas das falas dos participantes. A fim de identificar algumas considerações que nos apontam para uma possível representação dos estudantes sobre o movimento, no que diz respeito a suas reivindicações e conquistas. Finalmente, no sexto capítulo, as conclusões sintetizam os achados da pesquisa e suas articulações com os referenciais conceituais e teóricos adotados.

## 2

### **Movimentos sociais e ação coletiva: construindo as referências da pesquisa**

Desde que os movimentos sociais se tornaram objeto de estudo, na década de 1960, várias teorias e paradigmas abordaram o tema a partir de diferentes perspectivas (BRINGEL; ESPÍNEIRA, 2008; GOHN, 1997). A complexificação da produção e da reprodução das relações sociais (SPOSITO, 2014) fez com que os movimentos sociais adquirissem novas formas de atuação, também mais complexas, sobretudo depois que as novas formas de ação coletiva começaram a atuar para além do mundo do trabalho (SPOSITO, 2014). Com isso, o leque das abordagens teóricas dos movimentos sociais se tornou amplo e diversificado, não havendo apenas uma teoria, mas sim várias teorias, e, dentro de cada paradigma interpretativo, outras tantas (GOHN, 2008).

A partir das múltiplas e diversas correntes teóricas, os estudos passaram a analisar os movimentos sociais que não restringiam sua atuação apenas à esfera do trabalho, mas que ampliavam seu olhar para outras pautas. Esses estudos começaram a olhar, principalmente, para o “*potencial conflitivo existente nos locais de moradia, nos bairros, enfim, nos lugares onde as pessoas vivem sua cotidianidade*” (SPOSITO, 2014, p. 104).

O foco dos estudos passou a ser a atuação dos moradores das periferias da cidade, que passaram a demandar do poder público atendimento de suas necessidades básicas para a sobrevivência no mundo urbano (GOHN, 2011). Desta forma, os estudos buscaram compreender “*esse mundo heterogêneo e fragmentado, distante do universo da fábrica, mas também marcado pelas formas em que as desigualdades se processam na sociedade*” (SPOSITO, 2014, p. 104)

De modo geral, são três as principais correntes teóricas que têm como escopo analítico os movimentos amplos<sup>1</sup>: a teoria dos novos movimentos sociais (MELUCCI, 1989 e 2001; TOURAINE, 2003 e 2006), a teoria do confronto político (TARROW, 2009; McDAM, TARROW e TILLY, 2009) e a teoria dos novíssimos movimentos sociais (DAY, 2005; GOHN, 2008 e 2017; AUGUSTO, ROSA e RESENDE, 2016).

---

<sup>1</sup> Os movimentos sociais clássicos têm como escopo analítico as relações de trabalho. A partir do momento em que esse escopo analítico extrapola as questões do mundo do trabalho, essas três novas correntes emergem para tratar dos movimentos sociais amplos.

Os novos movimentos sociais se caracterizam por reivindicações de ordem simbólica, pautadas em lutas identitárias e pela construção ou reconhecimento de identidades coletivas (PEREZ e SOUZA, 2017). Baseado em Melucci (1989), Perez e Souza (2017) afirmam que os novos movimentos sociais são caracterizados pela fluidez, pois têm curta duração e são reversíveis, pela horizontalidade, pois não possuem hierarquia rígida, e pelo apartidarismo, pois os indivíduos que aderem ao movimento não possuem filiação partidária.

No Brasil, os novos movimentos sociais surgiram na década de 1970, durante a ditadura militar, e produziram

um novo sujeito coletivo pautado em novos padrões de sociabilidade, mais horizontais e cientes do que lhes é de direito. Diferente dos movimentos sociais anteriores à ditadura que lutavam por mais serviços, os novos movimentos sociais almejavam a conquista de direitos, inclusive o direito a participar das decisões públicas. (SADER, 1988 apud PEREZ e SOUZA, 2017, p. 5)

A partir desses movimentos do período militar, e com a redemocratização do país na década de 1980, os movimentos sociais se ampliaram e concretizaram direitos com causas identitárias, como, por exemplo, direitos para as mulheres, para os negros e para os casais homo afetivos.

Baseado em McDam, Tarrow e Tilly (2009) e em Tarrow (2009), Perez e Souza (2017, p. 6) afirmam que “*as mudanças operadas nas estruturas de oportunidades e restrições políticas condicionam a motivação para o engajamento na ação coletiva*”. Isto é, mudanças nas condições políticas favorecem, ou não, ambientes para a realização da ação coletiva. Uma das tônicas da teoria do confronto político consiste, segundo os autores, nas formas e nos canais de comunicação existentes entre os manifestantes, o que confere um caráter relacional aos movimentos sociais analisados na perspectiva do confronto político.

Estudiosos contemporâneos (DAY, 2005; GOHN, 2008 e 2017; AUGUSTO, ROSA e RESENDE, 2016) têm avançado nas definições conceituais de movimentos sociais e vem adotando o termo novíssimos movimentos sociais para se referirem “*a mobilizações sociais com pautas anarquistas e/ou anticapitalistas ligadas ao fenômeno da globalização*” (PEREZ e SOUZA, 2017).

Segundo DAY (2005), os novíssimos movimentos sociais seguem a lógica da afinidade, uma vez que se fundamentam na autonomia e na descolonização construindo, assim, novas formas de auto-organização. Essas novas formas de auto-organização podem funcionar em paralelo ou como alternativas às formas

existentes de organização social, política e econômica. Como se pautam no anarquismo libertário e, portanto, na recusa ao Estado e às formas de relações hegemônicas, os novíssimos movimentos sociais desenvolvem sociabilidades distintas sem se vincular, necessariamente, ao projeto social hegemônico (PEREZ e SOUZA, 2017, p. 7).

Gohn (2008) também faz uso do termo novíssimos movimentos sociais ao fazer referência aos movimentos globais, como o Fórum Social Mundial que, ao atuar por meio de redes sociais, políticas e culturais, articula movimentos sociais, locais, regionais e transnacionais<sup>2</sup>. Para Gohn (2008 apud PEREZ e SOUZA, 2017), os novíssimos movimentos sociais são caracterizados pela pluralidade, autonomia e horizontalidade – aspectos bem distantes das estruturas institucionalizadas de movimentos sociais. Por fim, outro aspecto relevante destacado por Gohn (2008 apud PEREZ e SOUZA, 2017) é a utilização de novas tecnologias da informação que caracterizam novas formas de mobilização e sociabilidade e, portanto, de atuação social.

No início da década de 1980, Melucci já anunciava que as demandas e os conflitos inerentes aos movimentos sociais também se enunciariam por meio do espaço virtual. Esse anúncio, feito em meados da década de 1980, confirmou-se na década de 1990 e ganhou mais intensidade a partir dos anos 2000, por meio da proliferação de sites, blogs e redes sociais. O uso de tecnologias digitais de informação e comunicação para a mobilização e o enfrentamento político, social e/ou cultural é denominado de *ciberativismo* (MILHOMENS, 2009; CASTELLS, 2013; ALCÂNTARA, 2013).

Segundo Gohn (2011, p. 336), o uso dos novos meios de comunicação e informação são denominados por Habermas como *agir comunicativo*, na medida em que o desenvolvimento e a criação de novos saberes são produtos da comunicabilidade que se dá, na atualidade, por meio desses meios de comunicação, em especial a internet.

Como veremos mais adiante, o *ciberativismo* é elemento constituinte das ações coletivas e marcam as novas formas de ativismo juvenil na atualidade.

---

<sup>2</sup> O termo *transnacionais* refere-se às pautas reivindicatórias presentes em vários outros países e que podem ser acionadas a qualquer tempo e em qualquer lugar do mundo (GOHN, 2018).

## 2.1 Movimentos sociais e ação coletiva

Embora haja inúmeras correntes teóricas e, portanto, diversos conceitos e definições de movimentos sociais, abordaremos a definição cunhada por Gohn (2011) para diferenciá-la da definição de ação coletiva e situar, conceitualmente, a ocupação das escolas no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro.

Para esta autora, os movimentos sociais são definidos como

[...] ações coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até pressões indiretas. (GOHN, 2011, p. 335)

Os movimentos sociais representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas com a finalidade de elaborar atividades e experiências sociais, criadoras de inovações socioculturais (GOHN, 2011). A atuação dos movimentos sociais não advém de pautas reivindicatórias do passado, embora a memória das lutas passadas seja crucial para a atribuição de sentido e significação à atuação dos movimentos presentes. Citando Touraine, Gohn (2011, p. 336) enfatiza que os movimentos sociais são “*o coração, o pulsar da sociedade [pois] expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberta*”.

Os movimentos sociais, a partir da realização de diagnósticos sobre a realidade social, constroem práticas propositivas, cuja direção é sempre no sentido de resistência à exclusão e de luta por inclusão social. Desta forma, os movimentos sociais

[...] constituem e desenvolvem o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais tem construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas. Criam identidades para grupos antes dispersos e desorganizados, como bem acentuou Melucci (1996). Ao realizar essas ações, projetam em seus participantes sentimentos de pertencimento social. Aqueles que eram excluídos passam a se sentir incluídos em algum tipo de ação de um grupo ativo. (GOHN, 2011, p. 336)

Os movimentos sociais apresentam, basicamente, três características: possuem identidade, oposição e um projeto de vida e de sociedade bem articulado e fundamentado. Além dessas características, Gohn (2011) destaca mais algumas que a história dos movimentos sociais tem revelado:

[...contribuem] para organizar e conscientizar a sociedade; apresentam conjuntos de demandas via práticas de pressão/mobilização; têm certa continuidade e permanência. Não são só reativos, movidos apenas pelas necessidades (fome ou qualquer forma de opressão); podem surgir e desenvolver-se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência. (GOHN, 2011, p. 336)

Os movimentos sociais mais atuais, além de apresentarem essas características, também apresentam um ideário civilizatório, na medida em que colocam como horizonte a construção de uma sociedade democrática e ressignificam os ideais clássicos da Revolução Francesa – igualdade, fraternidade e liberdade.

A igualdade é ressignificada com a tematização da justiça social; a fraternidade se traduz em solidariedade; a liberdade associa-se ao princípio da autonomia – de constituição do sujeito, não individual, mas autonomia de inserção na sociedade, de inclusão social, de autodeterminação com soberania. (GOHN, 2011, p. 337)

As pautas atuais também avançam nas suas propostas reivindicatórias, pois pleiteiam sustentabilidade, reconhecimento da diversidade cultural, respeito às diferenças e a incorporação das questões multiculturais na construção da identidade dos próprios movimentos sociais. Também se apresentam como um desafio para a esfera pública. Suas pautas e modos de atuação e a realização de parcerias com outras entidades da sociedade civil e política acabam por redefinir não apenas a atividade como também a estrutura das instituições públicas governamentais. Com isso, os movimentos sociais adquirem poder e controle social e constroem inovações sociais (GOHN, 2011).

Partindo apenas de uma definição de movimentos sociais, sem explorar outras correntes teóricas, podemos notar que esta, trazida por Gohn (2011), é ampla, multifacetada e complexa. Um dos debates acerca dessa definição diz respeito à diferença entre movimentos sociais e ação coletiva. Conforme mencionado anteriormente, na definição de Gohn (2011, p. 335), os movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural.

Entretanto, Sposito (2014) destaca que, quando os estudos sobre os movimentos sociais extrapolaram os muros das fábricas e da temática trabalhista e passaram a incluir outros atores, aspectos, dimensões e temáticas da sociedade, novas reflexões conceituais surgiram e marcaram a ampliação dos marcos teóricos em que se inscreviam as lutas sociais. Assim, as várias formas de ação coletiva começaram a se distinguir do conceito de movimentos sociais, na medida em que

“a ideia de movimento social se inscreve numa compreensão mais abrangente das várias formas da ação coletiva” (SPOSITO, 2014, p. 105).

Essa chave teórico-conceitual é tributária dos trabalhos de Alain Touraine (1975) e de seu grupo de pesquisadores, que criaram

um campo conceitual em que as condutas coletivas de resistências às crises, as lutas políticas diante dos sistemas institucionais seriam formas importantes da ação coletiva, mas não se confundiriam com aquelas que reuniriam, para além dessas características, elementos que trariam consigo as características de movimentos sociais. (SPOSITO, 2014, p. 106)

Os movimentos sociais podem, então, ser caracterizados pela proposição de um novo modo de constituição das relações sociais, ao passo que a ação coletiva diz respeito às demandas que incidem sobre o sistema político-institucional, mas não propõe uma nova constituição das relações sociais.

Gohn (2011) reconhece que há diferenciação entre ação coletiva e movimentos sociais ao apresentar e analisar os principais movimentos sociais ocorridos no Brasil. Segundo a autora, na década de 1990, com o avanço das políticas neoliberais e da crise econômica, várias ações coletivas surgiram, “atuando mais como grupos de pressão do que como movimentos sociais estruturados” (GOHN, 2011, p. 343). Dentre essas ações coletivas, Gohn (2011) destaca algumas delas, tais como: manifestações pela paz e contra a violência urbana; greve de caminhoneiros; manifestações contra as reformas estatais e as privatizações; movimento dos aposentados ou pensionistas do sistema previdenciário, dentre outras.

Sposito (2014) também explicita essa diferenciação, apresentando como exemplo a luta das mulheres na sociedade contemporânea. Segundo a autora, as mulheres, ao se organizarem, apresentam demandas, como, por exemplo, o direito ao aborto e a igualdade salarial, que afetam o sistema político-institucional da sociedade.

As manifestações que reivindicam essas demandas se caracterizam como ações coletivas. Por outro lado, quanto a demanda das mulheres diz respeito a “uma nova relação entre homens e mulheres, de modo a superar as relações de opressão do masculino sobre o feminino” (SPOSITO, 2014, p. 107), isso pode gerar um outro modo de organização da vida social segundo a relação entre os gêneros e, por isso, inscreve-se na pauta dos movimentos sociais.

Assim, a definição conceitual de movimentos sociais incorpora, segundo Sposito (2014, p. 107), um *elemento inegociável* que é a ruptura com as estruturas sociais vigentes e a proposta de um novo modelo de relações sociais. Esse *elemento inegociável* não é percebido no conceito de ação coletiva, uma vez que não pretende fazer rupturas e constituir uma nova forma de relação social. Ao invés disso, o estudo da ação coletiva leva em conta, como aponta Melucci (1991, apud Sposito, 2014), a análise das individualidades que constituem toda e qualquer forma de ação coletiva.

Conhecer as experiências da vida privada, as demandas individuais, os sentidos atribuídos pelos indivíduos e as complexidades do contexto social em que cada um está inserido é essencial para se compreender como as individualidades se tornam coletivas, qual é o escopo da ação coletiva, quais são as formas e espaços de atuação e os canais de comunicação.

Assim, a ênfase nas individualidades, na análise da ação coletiva, tem a preocupação de observar como elas assumem papel ativo na construção das relações sociais e como se constituem os vínculos e as redes de sociabilidade das pessoas, bem como a atuação delas nas instituições. Gohn (2008, p. 8) chamam a atenção para uma limitação desse eixo analítico:

O único problema neste tipo de investigação, que é relevante e há grandes lacunas a respeito, é que as teorias que tem fundamentado estas investigações tomam os indivíduos, com suas trajetórias e histórias de vida, como unidades isoladas, preocupando-se pouco ou quase nada, com o movimento ou ação coletiva do qual fazem parte.

Corti, Corrochano e Silva (2016, p. 1171-2), também destacam a distinção entre ação coletiva e movimentos sociais:

Partindo do legado de Touraine (1975) e de Melucci (2001), Sposito (2014) defende essa necessária distinção na medida em que as condutas de resistência às crises ou as lutas políticas podem não conter os elementos que permitiriam caracterizá-las como movimento social: a capacidade de estabelecer um conflito, a capacidade de identificação de um “nós” a partir desse conflito e a totalidade, ou seja, a capacidade de acenar para uma ruptura e uma nova maneira de constituição das relações sociais.

Gohn (2018) destaca que na atualidade há formas de ação coletiva protagonizadas pelos jovens que possuem características inovadoras e que se situam no paradigma dos novíssimos movimentos sociais. Uma dessas formas é denominada por Gohn (2018, p.120) de coletivo/coletivos.

Os coletivos, ao contrário de movimentos ou outras formas mais tradicionais, são agrupamentos fluidos, fragmentados, horizontais, e muitos têm a autonomia e a

horizontalidade como valores e princípios básicos. Coletivos autodenominam-se como ativistas e não militantes de organizações. Vivem experiências e experimentações que podem ser tópicas ou mais permanentes, fragmentadas, ou mais articuladas.

Os coletivos são formados por jovens que desenvolvem práticas que contestam, ou não, as estruturas das relações sociais. Possuem forte influência de ideários anarquistas e libertários, especialmente os coletivos atuantes no campo da cultura. Além disso, caracterizam-se pela criação de novas dinâmicas, mais discursivas e confrontadoras de ideias e valores.

Para Perez e Souza (2017, p. 10), os coletivos “seriam fluidos (aparecem e desaparecem com facilidade e a permanência neles seria circunstancial), fragmentados, sem liderança, diferenciados internamente, autônomos, com pautas múltiplas e temporárias e forte presença na internet”.

Segundo Gohn (2018), a fluidez, a fragmentação, a horizontalidade e o autonomismo permitem que as ações coletivas, em especial os coletivos, se transformem, ou não, em movimento social. Gohn (2018, p. 120) explica:

Um coletivo pode se transformar em movimento social, ou autodenominar-se movimento, ou articular-se a um conjunto de outros coletivos que configuram um movimento social. Ou, ainda, podem negar a forma de movimento social por considerá-la presa aos modelos tradicionais de fazer política. Mas há, também, coletivos que se juntam ou dão apoio a determinados movimentos, que se estruturam de forma mais livre, como o Movimento Passe Livre (MPL).

Para Augusto, Rosa e Resende (2016, p. 21) as ações coletivas da atualidade negam as estruturas hierárquicas dos modelos de representação, no qual as negociações são feitas a partir de uma liderança capaz de negociar com o Estado e apresentam algumas características inovadoras: “*horizontalidade, autogestão, ausência de lideranças ou de intelectuais orgânicos, autonomia, transversalidade temática, foco na ampliação de liberdades e ampla utilização das redes sociais digitais*”.

Alonso e Mische (2016, p. 5 apud Gohn, 2018, p. 123) apresentam elementos semelhantes ao de Perez e Souza (2017), de Gohn (2018) e de Augusto, Rosa e Resende (2016) sobre o ativismo juvenil na atualidade:

Podemos notar que, dentre as características observadas, alguns elementos remetem às formas de organização anarquistas, contrárias à hierarquia, à centralização do poder, à representação e a lideranças, daí, o horizontalismo, a independência política e a ação direta, sem lutar pela tomada do poder. Outras características são recentes e estão presentes em outras mobilizações globais: a heterogeneidade dos participantes, a maioria desvinculada de organizações; o

caráter artesanal dos cartazes; uma alta participação de jovens; e a tomada das ruas e ocupação dos espaços urbanos.

Outra característica constituinte das ações coletivas e dos coletivos refere-se ao *ciberativismo*, isto é, ao uso de tecnologias da informação e comunicação, em especial a internet, não apenas nos discursos, como também nas práticas das ações coletivas e dos movimentos sociais. A internet tem revolucionado as formas de comunicação da sociedade civil, de interação dos indivíduos e da influência da opinião pública. Segundo Gohn (2018, p. 119), a internet altera “*a formação, a articulação e a atuação*” do ativismo social (juvenil, ou não), o que gera impactos e resultados na sociedade e no próprio movimento social e/ou ação coletiva.

Gohn (2018, p. 130), chama a atenção para a necessidade de se ampliar os estudos sobre o uso das redes de mídias sociais e a construção da cultura digital para assim, compreender a cultura política, a cidadania juvenil em construção e a “*possibilidade de uma democracia digital – aquela que tenta dialogar com a geração digital e que poderá combinar outras formas de democracia, especialmente a representativa, com a democracia direta via online*”.

É preciso atentar para o futuro da democracia e os novos tipos de cultura política que estão sendo construídos, e para suas possibilidades de desenvolvimento, incluindo as novas formas de participação dos jovens e seus novíssimos movimentos ou coletivos, num cenário de queda da representação partidária. (GOHN, 2018, p. 130)

Assim, a partir da distinção entre movimento social e ação coletiva e dos principais elementos que caracterizam as ações coletivas, Sposito (2014, p. 105) faz um questionamento pertinente que deve ser colocado pelos estudos que se propõem investigar movimentos sociais: “*a ação coletiva que estudo é portadora ou não de elementos que a configuram como um movimento social?*”

Pensando na distinção destes conceitos, no questionamento de Spósito (2014) e no caráter exploratório desta pesquisa, definimos a ocupação das escolas pelos estudantes brasileiros – objeto desta investigação – como um coletivo, ou seja, como uma forma de ação coletiva. As ocupações das escolas apresentam vários elementos que nos permitem caracterizá-las como coletivo, uma vez que a atuação dos estudantes – sujeitos participantes das ocupações – se configura como um grupo de pressão (GOHN, 2011), por meio do qual se pleiteia que o poder público atenda a pautas reivindicatórias propostas por eles. Além disso, a ocupação das escolas não tem como finalidade propor alterações nas estruturas

relacionais da sociedade, ou, mais especificamente, mudanças na relação dos estudantes com os demais atores da educação – do professor aos representantes do Ministério Público.

Os estudantes, ao se organizarem e ocuparem o espaço da escola fazem pressão junto aos órgãos públicos para que suas vozes sejam ouvidas e suas demandas atendidas. Dessa forma, afetam o sistema político-institucional educacional, mas não propõem uma ruptura com a lógica desse sistema instituído. Por isso, a ocupação das escolas é definida como uma ação coletiva – uma forma de ação coletiva (GOHN, 2018) – alinhada à perspectiva dos novíssimos movimentos sociais.

## 2.2 Movimentos sociais e educação

Conforme vimos anteriormente, os movimentos sociais e as ações coletivas são multifacetadas e permeiam diversas áreas, inclusive, e principalmente, a área educacional. Gohn (2011, p.333) chama a atenção para o caráter educativo existente em todos os movimentos sociais e ações coletivas. Segundo a autora, os movimentos sociais são “fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes”:

A relação entre movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações. (GOHN, 2011, p. 334)

Para Gohn (2011, p. 346), a educação tem ampla abrangência, abarcando principalmente três áreas: formal (escolas), não formal (práticas educativas de formação voltadas para a construção da cidadania) e informal (socialização dos indivíduos no ambiente familiar de origem).

Os movimentos sociais e as ações coletivas, independentemente do objeto que lhes confere identidade e da área a qual se vinculam, se inserem na perspectiva de educação não formal, pois suas atividades e modos de atuação possuem práticas educativas de formação e produzem saberes.

No caso específico da educação, os movimentos sociais e as ações coletivas possuem caráter histórico e processual e ocorrem dentro e fora da escola, em espaços institucionais ou não. Possuem como pauta reivindicatória o direito – resguardado pela *Constituição Federal* de 1988 e por outros documentos oficiais,

sobretudo os produzidos no âmbito das Organizações das Nações Unidas (ONU) – e a formação para a cidadania – que inclui a formação de capacitação profissional para a futura inserção no mercado de trabalho.

Segundo Gohn (2011, p.348), são muitos os eixos dos movimentos sociais e ações coletivas que demandam educação, sobretudo nas escolas de ensino básico.

Os principais são:

- Lutas pelo acesso – demandas por vagas em diferentes níveis de ensino, sobretudo no ensino superior e na Educação Infantil, e ampliação de vagas no ensino fundamental e médio;
- Escola pública de qualidade – demanda clássica nas reivindicações dos movimentos sociais, em geral e, em específico, na educação;
- Gestão democrática da escola – mencionada na CF/188, na LDB/96 e na meta 19 do PNE/2014, a gestão democrática tem sido pauta reivindicatória dos movimentos sociais do período da redemocratização do país;
- Diminuição do valor das mensalidades nas escolas particulares, em especial, nas escolas confessionais – jovens protagonizam movimentos em torno dessa temática, sobretudo quando se trata das mensalidades no ensino superior privado;
- Priorização da Educação nas políticas públicas e no planejamento orçamentário dos governos federal, estadual e municipal – movimentos sociais institucionalizados reivindicam com veemência essa pauta. Fórum Nacional de Luta pela Escola Pública, Movimento Compromisso Todos pela Educação, sindicato dos docentes e demais profissionais da educação, são alguns exemplos;
- Experiências educacionais alternativas – demanda por formas educacionais que articulem educação formal e não formal;
- Melhorias salariais e de condições de trabalho – demanda que mais tem destaque no campo educacional e envolve, também, melhorias no plano de carreira e nos incentivos para a qualificação dos professores;
- Demandas por medidas que garantam a permanência dos estudantes na escola, como alimentação, transporte, moradia (sobretudo no caso de estudantes do ensino superior), etc.
- Demandas por ensino técnico e profissional;
- Denúncias sobre as diversas formas de discriminação, incluindo as questões de abuso sexual;
- Programas voltados para o combate ao analfabetismo – o Movimento Brasil Alfabetizado é um exemplo desse eixo reivindicatório;
- Ampliação da oferta de Educação para jovens e adultos – o Movimento Nacional do EJA e o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA) são exemplos que reivindicam maior oferta de escolas e de qualidade de ensino para os jovens e adultos que não foram alfabetizados na idade correta;
- Demanda por projetos políticos-pedagógicos que respeitem as culturas locais – movimentos indígenas, quilombolas, ribeirinhos etc.
- Alterações na relação da escola com a comunidade.

É sobre esse último eixo que Gohn (2011) se debruça ao analisar a relação entre movimentos sociais e educação. A visão tradicional da relação comunidade-escola limita-se à participação dos pais na escola para um único objetivo:

prestação de ajuda entre pais/mães e escola para a superação de carências e deficiências dos estudantes.

No entanto, segundo Gohn (2011, p. 351), há uma nova concepção de relação escola-comunidade em vigência que amplia “*o espectro dos sujeitos em ação [e pressupõe] um trabalho conjunto entre pais, professores, gestores, funcionários, representantes de associações e organizações de bairro e entorno das escolas*”.

Para a autora, as relações desses atores diversos devem ser marcadas por dois aspectos: 1) integração: os problemas da escola devem ser pensados a partir dos problemas do bairro e da comunidade na qual a escola está localizada; 2) criação de “Escolas de Sujeito” (TOURAINÉ, 2005), nas quais haja o reconhecimento da liberdade, da criatividade e das demandas individuais e coletivas dos sujeitos.

Sobre a Escola de Sujeitos, Gohn (2011, p. 351) destaca:

O modelo orienta-se para a liberdade do sujeito, para a comunicação intercultural, para a gestão democrática da sociedade e suas mudanças, para formar para a cidadania. Esse modelo ainda supõe a transmissão competente de conhecimentos básicos e não só de domínios de habilidades – como querem vários projetos neoliberais. Uma escola que, em suma, prepara os indivíduos para ser cidadãos do e no mundo.

De modo geral, as lutas no campo da Educação reivindicam a formação de cidadãos *do e no* mundo, quando as pautas reivindicatórias versam sobre a garantia de direitos. Segundo Gohn (2018, p. 125), as lutas por direitos dos jovens, no campo da educação, demandam não apenas acesso às escolas, mas também e, principalmente, “*educação com qualidade para além dos discursos e retóricas dos planos e promessas de políticos e dirigentes*”. Assim, as pautas prioritárias das greves e mobilizações dizem respeito à contratação de professores, ao aumento de verbas públicas para a Educação, à contenção de reajustes nas mensalidades de instituições particulares, à ampliação das políticas de cotas para grupos socialmente excluídos do sistema educacional, como os não brancos e os de baixa de renda, por exemplo.

Como dito anteriormente, as ações coletivas, na qual se situa a ocupação das escolas, são marcadas por ideais anarquistas e libertários, que recusam o Estado e as formas hegemônicas e hierarquizadas das relações sociais. Entretanto, ao reivindicarem direitos, sobretudo aqueles referentes ao campo da Educação, os

jovens “*restituem o Estado e suas formas de “assujeitamento”*” (PAES; PIPANO, 2017, p.19-20 apud GOHN, 2018, p. 128).

Assim, embora as formas de organização das ações coletivas, nas quais se inscrevem os coletivos, sejam marcadas por ideais anarquistas e libertários, o repertório das demandas cobra do Estado prestação de serviços e garantia de direitos. É por isso que, segundo a proposição de SPOSITO (2014), as ações coletivas não propõem rupturas com as estruturas relacionais da sociedade. Ao contrário, restituem a estrutura hierárquica institucional e reforçam o assujeitamento do indivíduo a essa estrutura. Por isso, as ações coletivas se diferenciam do conceito de movimentos sociais.

### 2.3

#### Juventude e ação coletiva de estudantes no Brasil

No Brasil, desde a redemocratização do país, a atenção da opinião pública e, principalmente, os estudos acadêmicos (ABRAMO, 1997) têm-se voltado, novamente, aos jovens. As reflexões encontradas nas dissertações de mestrado e teses de doutorado se propunham a discutir, em sua maioria, as instituições – escola, família, sistemas jurídicos e penais – presentes na vida dos jovens ou, então, a debater “*as estruturas sociais que conformam situações problemáticas para os jovens*” (ABRAMO, 1997, p. 25).

Segundo Sposito (2014, p.111), na década de 1980, os estudos brasileiros sobre a juventude partiam basicamente de dois eixos analíticos: 1) os jovens eram hedonistas e marcados pelo consumismo; 2) os jovens eram “solo fértil” para a fecundação da violência, sendo os rapazes negros, pobres e moradores das periferias urbanas os maiores protagonistas dessa violência.

A tradição desse foco analítico perdurou até o início dos anos 2000, quando alguns estudos começaram a focalizar a percepção dos jovens sobre o modo como vivem e elaboram suas próprias experiências. Assim, apenas recentemente, um maior número de estudos começou a ter como objeto investigativo o protagonismo juvenil – ou seja, que passaram a considerar a voz dos jovens na forma como eles próprios constroem e vivem suas experiências.

Para Gohn (2018), os jovens e a juventude continuam a desafiar os teóricos e a teoria. Os principais autores (DAYRELL, 2009; ABRAMO, 2005; SCALON,

2013; CARRANO, 1999, SPOSITO, 2009) que se dedicam a essa temática estudam os jovens especialmente no campo da educação formal, não havendo muitos estudos que olhem para a atuação dos jovens em ambientes de educação não formal. Segundo Gohn (2018, p. 119), é possível identificar um “*certo modelo de comportamento do ‘ser jovem’*” nos estudos que destacam os atributos positivos da juventude, como a inovação e a criatividade e, também, em estudos que destacam os atributos negativos, por exemplo, o comportamento juvenil associado às condições de vulnerabilidade socioeconômica (galeras da periferia).

Gohn (2018, p. 119) também destaca que os jovens podem ser estudados sob a ótica de seus variados papéis sociais: “*estudantes e produtores de artes em galeras, blogs, redes sociais etc.*”

Se a mudança do olhar da academia para os jovens e a juventude é lenta e recente, o olhar das políticas públicas para essa população, no Brasil, é ainda mais. Segundo Abramo (1997, p. 26), algumas prefeituras e governos estaduais começaram a ensaiar

a formulação de políticas específicas para esse segmento da população, envolvendo programas de formação profissional e de oferecimento de serviços especiais de saúde, cultura e lazer; nota-se também uma movimentação no plano federal para focar a questão: foi criada, pela primeira vez, no Brasil, uma Assessoria Especial para Assuntos de Juventude, vinculada ao gabinete do Ministério da Educação.

A lentidão em se promoverem políticas públicas que focalizem a juventude também é percebida pela demora em se concretizar, por exemplo, a universalização do acesso ao Ensino Médio. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), em 2015, apenas 84,3% dos jovens de 15 a 17 anos estavam na escola. O Plano Nacional de Educação (PNE) estabeleceu, na meta 3, que 100% dos jovens nesta faixa etária deveriam estar, em 2016, matriculados na escola. Isso significa que a meta estabelecida pelo PNE não foi cumprida, o que revela a lentidão e a falta de prioridade na promoção de políticas educacionais – mas não somente – voltadas para a juventude.

Essa lacuna deixada pelo poder público é preenchida por projetos e programas elaborados por instituições e agências de trabalho social – ONGs,

associações beneficentes etc. – cujo atendimento destina-se, prioritariamente, aos adolescentes em situação de desvantagem social<sup>3</sup> (ABRAMO, 1997).

Segundo Gohn (2011, p. 343), a atuação das ONGs foi ressignificada na passagem dos anos 1980 e 1990. Antes, estas instituições atuavam em parceria e apoio aos movimentos sociais. Já na década de 1990, elas passaram a atuar no âmbito do terceiro setor, formando parcerias entre o poder público e a sociedade para atuar em “*áreas onde a prestação de serviços sociais é carente ou até mesmo ausente*”. Entretanto, em muitos casos, a atuação dessas instituições é insuficiente e falha, pois promove, em sua maioria, programas de ressocialização e de capacitação profissional, que não costumam lograr sucesso, pois se limitam a oficinas ocupacionais, não oferecendo qualificação efetiva para o trabalho.

Segundo Abramo (1997, p. 26), esses programas, a despeito das boas intenções, caracterizam-se como ações cuja finalidade é conter “*o risco real ou potencial desses garotos, pelo seu afastamento das ruas e pela ocupação de suas mãos ociosas*”. A autora ressalta que há programas que se preocupam, de fato, com a formação integral do adolescente e que colocam foco na sua formação cidadã. No entanto, a maior parte deles focaliza o combate aos problemas sociais, tomando o jovem como a causa de tais problemas e propondo intervenção para “*salvá-los e reintegrá-los à ordem social*” (ABRAMO, 1997, p. 26).

Para além dos debates acadêmicos e da ação governamental, a juventude também é pauta temática de outros atores e categorias sociais, como partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais (ABRAMO, 1997). Nesse plano de discussão, ancorado em uma perspectiva política, os jovens não assumem a roupagem de “problemas sociais”, mas são cobrados por serem ausentes nos debates públicos ou criticados por terem presença difusa, com baixo grau de formalização e com questões não pertinentes para as agendas políticas em pauta (ABRAMO, 1997, p. 28).

Para Sposito (2014, p. 113), o tema da apatia juvenil e de sua incapacidade de ação é anacrônico diante das recentes manifestações protagonizadas pelos jovens em diversos contextos, como o *Occupe Wall Street*, em Nova Iorque, as mobilizações de jovens chilenos, internacionalmente conhecida como A Revolta

---

<sup>3</sup> O termo carente ou “de risco” também são usados para se referir a adolescentes que vivem em situação de rua, que são submetidos a exploração sexual, que são envolvidos no tráfico de drogas, em atos de delinquência etc.

dos Pinguins, os eventos de rua em Londres (SPOSITO, 2014) e o movimento da ocupação de escolas por estudantes em vários estados brasileiros, entre eles São Paulo e Rio de Janeiro.

Sánchez (2000, p. 246) também indica a importância dos movimentos estudantis na medida em que eles incluem dois tipos de reivindicações, que abrangem, respectivamente, a própria condição de estudante e a dimensão política.

A autora explica:

Las peticiones del movimiento estudiantil se caracterizan porque incluyen dos tipos de reivindicaciones: unas de carácter gremial, relativas a su situación de estudiantes, como son la gratuidad de la educación, los sistemas de enseñanza, comedores estudiantiles y otros; y aquellos de índole política, como son el debate acerca de la condición de la Universidad, o bien las posibilidades de participar en la conducción general de la sociedad, la política universitaria y la nacional.

Essas manifestações juvenis, no Brasil contemporâneo, possuem formas pouco formais e institucionalizadas de participação, sobretudo quando a atuação juvenil se dá no âmbito da política. O estudo de Corrochano, Dowbor e Jardim (2018, p. 56), evidenciam essas duas características das manifestações dos jovens brasileiros. Citando dados da pesquisa Agenda Brasil 2013, as autoras afirmam que os jovens preferem “*formas e canais menos tradicionais e menos institucionalizados*” de atuação. Três são os motivos apontados pelas autoras para essa preferência:

1) a baixa institucionalização da participação política não é uma particularidade da juventude brasileira; ela é observada também em países europeus;

2) a impermeabilidade dos canais tradicionais aos jovens, que fazem com que eles busquem canais e formas alternativas de organização política;

3) *modus operandi* das formas tradicionais de participação política não correspondem ao tipo de engajamento almejado pelos jovens. As autoras explicam que isso se deve, em parte, ao peso da reprodução social nos espaços tradicionais do fazer político:

Tais espaços (partido, associação, conselho, etc.) acabam por privilegiar modos de agir e pensar afins à própria instituição e sua posição no sistema político, sendo pouco permeáveis a novas táticas e, principalmente, novos temas e problemas sociais – justamente aqueles que potencialmente mais afetam a juventude. (CORROCHANO; DOWBOR; JARDIM, 2018, p. 57)

A informalidade e a baixa institucionalização são características que marcaram o evento das ocupações das escolas no Brasil. Além disso, como

veremos mais adiante, elementos como a fluidez, o *ciberativismo*, a horizontalidade, o apartidarismo e o autonomismo, também são elementos que se fizeram presentes no coletivo da ocupação das escolas.

Esses elementos que caracterizam a ocupação das escolas advêm do Movimento Passe Livre (MPL) – uma importante instituição, formada majoritariamente por estudantes, que mobiliza manifestações sociais para combater os constantes aumentos nas passagens dos transportes públicos.

Segundo Falchetti, (2017, p. 12), o MPL é

composto por um pequeno grupo de militantes de um amplo espectro social que congrega punks, feministas, professores, artistas, estudantes, trabalhadores e desempregados, em sua maioria, jovens, usuários do transporte. Há uma rotatividade relativa dentro do movimento, o que envolve uma variação grande no perfil dos manifestantes, de modo que a identidade está mais na partilha dos princípios organizativos e de ação.

De acordo com Dowbor e Szwako (2013), o MPL surgiu em 2005, no Fórum Social Mundial, mas suas raízes organizacionais e de ação se constituem a partir de dois episódios de conflitos entre jovens (a maioria deles estudantes do Ensino Médio) e autoridades de órgãos públicos. O primeiro episódio ocorreu em 2003, na cidade de Salvador, e ficou conhecido como A Revolta do Buzu. O segundo episódio aconteceu em 2004 na cidade de Florianópolis e ficou conhecido como A Revolta da Catraca. Ambos os episódios são caracterizados como protestos e foram protagonizados por jovens – a maioria estudantes – que combatiam o aumento das tarifas das passagens dos transportes públicos urbanos, em especial, dos ônibus. A partir desses dois eventos, o MPL ganha organicidade e se constitui, em 2005, como um movimento “*horizontal, autônomo, independente, apartidário*” (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 47), segundo a Carta de Princípios da organização interna do MPL.

Segundo Dowbor e Szwako (2013, p. 47), A Revolta do Buzu teve um marco na participação estudantil em manifestações sociais: a recusa de participação de “*entidades representativas e a partidos políticos – e mesmo aos anarquistas*”. O MPL se apropriou desta especificidade do protesto de 2003 que afirmou que, para defender sua autonomia, o movimento deve ser “*apartidário, porém não antipartidário*” (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 47).

Isso significa que qualquer camarada pode participar nos bastidores, nas discussões e decisões internas, se e porquanto o fazem como indivíduos e não *quanto* partidos; “militantes de partidos políticos são totalmente bem-vindos para colaborar na luta

por passe livre”. Como se nota, partidário não é sinônimo de não relação com atores partidários”. (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 47)

A horizontalidade – elemento característico da Revolta do Buzu – também foi apropriada pelo MPL, o que permitiu que seu desenho organizacional fosse estruturado em formas pouco institucionalizadas de decisão e de deliberação.

Na sua prática organizacional, ser horizontal significa que o MPL resiste à separação base/líderes por meio da instauração, por exemplo, de grupos de trabalho e de resoluções tomadas por consenso, em vez de votações, na maior parte de suas deliberações. (DOWBOR, SZWAKO, 2013, p. 47-8)

Para Gohn (2018, p. 124), os principais legados do MPL para o ativismo juvenil na atualidade são seus elementos estruturantes:

[...] a forma de organização em coletivos horizontais, com ação direta, flexíveis, sem ter as amarras hierárquicas de uma associação formal; o primado da cultura como eixo organizador de suas demandas, lastreada numa utopia, num ideal, o passe livre para todos; uma postura apartidária (não antipartidária ou apolítica); e o caráter educativo não formal que suas práticas geraram.

Esses elementos se fizeram presentes nas manifestações ocorridas em junho de 2013, que também contaram com a participação do MPL, e tiveram ampla adesão da sociedade. Essas manifestações aconteceram em várias cidades brasileiras e tinham como objetivo pressionar os órgãos públicos para que não autorizassem o aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus.

A primeira manifestação ocorreu na cidade de São Paulo, na Avenida Paulista. Os manifestantes foram violentamente reprimidos pelas forças policiais. A *“desproporcionalidade com que a corporação policial paulista atuou”* (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 44) gerou comoção social e vários outros episódios começaram a acontecer em várias outras cidades brasileiras que não se limitaram a protestar contra o aumento das passagens, e passaram a reivindicar e a pressionar as autoridades governamentais com outras pautas, como a segurança pública, a educação, a saúde etc.

Embora as manifestações de junho de 2013 tenham contado com a participação de toda a sociedade, foram os jovens – em especial os estudantes – a parcela da população que mais atuou nesses protestos. De acordo com Bringel e Pleyers (2013, p. 6), essas manifestações devem ser compreendidas *“não somente como um evento de protesto, mas como um processo aberto e inacabado, que inclui uma ampla reconfiguração do ativismo social”*. Os autores argumentam que essas manifestações produziram uma *abertura societária* no Brasil:

“*emergiram novos espaços e atores que levaram a um aumento da conflitualidade no espaço público e a um questionamento dos códigos, sujeitos e ações tradicionais que primaram no país durante as últimas décadas*” (BRINGEL E PLEYERS, 2013, p. 6).

Os autores explicam por que as manifestações de junho de 2013 proporcionaram uma abertura societária no país:

Uma vez aberto o espaço de protesto pelas mobilizações iniciais, outros atores se uniram para fazer suas próprias reivindicações, sem necessariamente manter laços com as mobilizações originais e repetir as formas, a cultura organizacional, as referências ideológicas ou os repertórios de ação dos iniciadores dessas mobilizações. (BRINGEL E PLEYERS, 2013, p. 7-8)

É no bojo dessa abertura societária que a ocupação das escolas se insere, sobretudo a ocorrida no Rio de Janeiro, que se iniciou, primeiramente, com a adesão dos estudantes à causa dos professores que estavam há três meses em greve reivindicando aumento salarial e melhorias no plano de carreira e nas condições de trabalho. Para além da adesão à causa dos professores, os estudantes também apresentaram outras pautas reivindicatórias, como a eleição de diretores escolares e a manutenção adequada das escolas, entre outros.

## 2.4

### **Antecedentes e características da ocupação das escolas no Brasil**

Pretendemos fazer, nessa seção, uma breve revisão da literatura nacional e internacional sobre o movimento das ocupações nas escolas brasileiras e, mais especificamente, de experiências latino-americanas correlatas.

Segundo a literatura, a origem mais remota das ocupações acontecidas em 2016, no estado do Rio de Janeiro, e, em geral, no Brasil, pode ser localizada no ano de 1968, quando estudantes universitários franceses, aliando-se ao maior grupo trabalhista europeu (os ferroviários), iniciam suas reivindicações estudantis utilizando como estratégia a ocupação dos espaços universitários. Estudantes e professores ocuparam a tradicional escola de Belas Artes, em Paris, mobilizando grevistas e militantes.

Recentemente, em 2018, o jornal *RIO e PARIS*<sup>4</sup> trouxe a seguinte notícia: “Estudantes ocupam campi na França contra nova lei de acesso à universidade”.

<sup>4</sup> Mais informações em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/estudantes-ocupam-campi-na-franca-contra-nova-lei-de-acesso-universidade-22575318#ixzz5R7sT5vWM>>.

Segundo a reportagem, o movimento ecoa maio de 1968, após transcorridos 50 anos. A reivindicação dos estudantes, desta vez, era contra a Lei Vidal (apelidada em referência à ministra do Ensino Superior Frédérique Vidal), que pretendia mudar as regras de ingresso no ensino superior.

Em outro contexto, também em 2018, ativistas da Universidade de Cambridge ocuparam os escritórios administrativos da universidade em apoio à greve de pensões, posicionando-se de forma contrária às mudanças introduzidas nas pensões dos professores. Os manifestantes foram convocados pelo sindicato University and College Union (UCU), que sustentava que as mudanças no esquema de aposentadorias reduziriam em quase 10 mil libras (11,2 mil euros) a pensão de um professor universitário comum.

Na segunda década do século XXI, as marchas ou manifestações e as ocupações tornaram-se o modelo básico de protesto, e este modelo incluiu inovações como o uso das novas tecnologias, especialmente de redes digitais. São movimentos inspirados no *Indignados* europeu, ou no *Occupy Wall Street*<sup>5</sup> que têm sido tema de uma série de estudos, principalmente no exterior (DELLA PORTA, 2007; DI CINTIO, 2010 apud GOHN, 2014).

É possível constatar, segundo a literatura, que, em diversos lugares do mundo, os jovens continuam pleiteando demandas grupais focadas em problemas da vida cotidiana, como emprego, salário, serviços de transporte, educação e saúde. Dessa forma, estudos apontam que o movimento social, em geral, estabelece limites e pontes entre grupos com reivindicações específicas distintas, forjando linhas imaginárias de continuidade com lutas por diferentes demandas em diversos tempos e lugares (DOWBOR; SZWAKO, 2013).

Na América Latina, o Brasil não protagonizou a ocupação de prédios escolares por estudantes. Em 30 de maio de 2006, a mídia internacional e, principalmente, latino-americana dava visibilidade ao movimento dos estudantes chilenos que entraram em greve e, após passeatas, ocuparam escolas no Chile. Esta experiência estudantil denominada como “A Revolta dos Pinguins” (assim chamada pelo uniforme dos estudantes que ainda guarda o estilo do século

---

<sup>5</sup> *Indignados* foi uma série de protestos que ocorreram em 2011, na Espanha, realizados por cidadãos inicialmente organizados pelas redes sociais, e idealizados, em um primeiro momento, pela plataforma civil e digital *Democracia Real*. O *Occupy Wall Street*, que ocorreu em 2011, é um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a corrupção e a indevida influência das empresas – sobretudo do setor financeiro – no governo dos Estados Unidos.

passado), pautou a ocupação das escolas com o pleito da gratuidade do exame de seleção para a universidade, o passe escolar gratuito e sem restrições de horário para transporte municipal, a melhoria e o aumento da merenda escolar e a reforma das instalações sanitárias das escolas.

Essas questões foram atendidas pelo governo da presidenta Bachelet, levando os estudantes, a uma ampliação e a um aprofundamento posterior da pauta de reivindicações, que incluiu a anulação da Lei Orgânica Constitucional de Ensino (LOCE)<sup>6</sup> e o fim da Jornada Escolar Completa (JEC)<sup>7</sup>. Nesse contexto, “(...) para além dos 800 mil jovens chilenos que tomaram as ruas, inúmeras escolas também foram ocupadas. Em 2011, uma nova onda de protestos tomou o país, em articulação com o movimento estudantil universitário” (PORTILLO et al., 2012, p. 137-174).

Entre 2010 e 2014, a estratégia das ocupações também ganhou força nas mobilizações de estudantes secundaristas na Argentina (ENRIQUE; SCARFÓ, 2010; LARRONDO, 2014 apud CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016). Em 2012, o movimento da *Frente de Estudiantes Libertários (FEL)* elaborou um guia de ação denominado “*Cómo tomar un colegio*”, que se destina a orientar o passo a passo da ocupação das escolas, em particular em relação a questões ligadas à distribuição de tarefas e atividades a serem desenvolvidas no interior das unidades de ensino após a ocupação.

O manual elaborado pelos estudantes argentinos<sup>8</sup> e as publicações da página de *Facebook* do coletivo “O Mal Educado”, que tem como objetivo registrar, divulgar e fortalecer experiências de luta e organização vividas por estudantes de diferentes escolas daquele país inspiraram as ocupações no Brasil.

Além do manual, também foram instrumentos de luta para os nossos estudantes o documentário “Acabou a Paz, isto aqui vai virar o Chile”<sup>9</sup>, idealizado

---

<sup>6</sup> A LOCE é uma Lei que rege a educação no Chile; foi instituída por Pinochet e foi preservada por todos os governos eleitos a partir de 1990. A Revolta dos Pinguins foi um movimento estudantil no Chile de reivindicações, incluindo a mudança do uniforme escolar. Para maior aprofundamento, consultar o artigo “A Revolta dos Pinguins e o novo pacto educacional chileno”, na Revista Brasileira de Educação (2008).

<sup>7</sup> A JEC foi estabelecida em todo o sistema escolar chileno. Com ela, o tempo escolar diário, para todos os alunos, estende-se em geral das 8 horas da manhã até às 16h.

<sup>8</sup> O guia foi lançado logo após o anúncio de um plano governamental de reorganização das escolas técnicas de Buenos Aires (<https://www.lanacion.com.ar/1510233-el-manual-de-la-toma-de-los-colegios-de-la-ciudad>).

<sup>9</sup> O lançamento ocorreu em fevereiro de 2016 no site Youtube, disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>>.

e produzido pelo cineasta argentino Carlos Pronzato e pelos professores videoativistas Lucas Duarte e Caio Finato. Segundo os produtores, o objetivo do vídeo é registrar e manter viva essa luta estudantil que repercutiu por todo o país. Documentários, cartilhas e materiais publicados e difundidos pela internet proporcionaram uma rápida transmissão de ideias e de modos de fazer as ocupações (SANCHEZ, 2000).

O compartilhamento rápido das informações foi possível pela transformação da tecnologia da comunicação na era digital, que ampliou a velocidade e a maneira de propagar os acontecimentos em uma rede que é, ao mesmo tempo, global e local. Com o uso de aparelhos tecnológicos sem fios, como plataforma da comunicação digital, as reivindicações e a forma de se posicionar do coletivo das ocupações movimento estudantil se expandiram rapidamente.

As redes sociais se constituem como paradigma emergente de novos contextos de relacionamentos e compartilhamento de experiências e saberes caracterizados pela dispersão e pluralidade numa evidente rota de colisão com a lógica de fechamento e linearidade de escolas que se fecham entre suas “paredes”. (SIBILIA, 2012 apud CARRANO; DAMASCENO; TAFAKGI, 2013, p. 2)

A partir dos compartilhamentos construídos pelos estudantes secundaristas ao redor do mundo, o movimento das ocupações chega ao Brasil. A literatura voltada para as experiências latino-americanas nos permitiu construir uma espécie de roteiro da trajetória da pesquisa sobre as ocupações das escolas que indica os conceitos-chaves de suas narrativas.

#### **2.4.1**

#### **A ocupação das escolas no Brasil**

A partir de meados da década de 1990, o Brasil aumentou significativamente seus efetivos escolares. O Ensino Médio, por exemplo, passou de 3.772.698 matrículas em 1991 para 8.376.852 em 2012, sendo considerado o nível de ensino que mais se expandiu no período (DAYRELL; JESUS, 2016).

Apesar de sua expansão, ainda há problemas complexos que refletem diretamente na escolarização dos jovens, como evasão escolar e repetência. De acordo com dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2016, no Brasil, no ano de 2014, 56,7% dos jovens até 19 anos concluíram o Ensino Médio.

Embora ainda tenhamos um número expressivo de jovens que não concluem o Ensino Médio no Brasil, os que ali estavam no ano de 2015 mostraram o desejo

de estudar, concluir seus estudos e seguir sua vida acadêmica. Por meio do movimento de ocupação e também do movimento contrário às ocupações deixaram a mensagem pelo desejo de uma escola pública de qualidade para todos os secundaristas.

No Brasil, o movimento chega em 2015 às escolas paulistas na forma de mobilizações pontuais, ganha projeção nacional o protesto dos estudantes contra a disposição da secretaria estadual de educação de reorganizar a rede de ensino sem consulta aos estudantes.

Os antecedentes nacionais destas ocupações podem ser situados alguns anos antes. Com efeito, em 7 de setembro de 2011, foram realizadas manifestações em Brasília e em, pelo menos, 34 cidades de 17 estados do país, com o objetivo de denunciar a corrupção e aprovar a validação da Lei *Ficha Limpa*<sup>10</sup> para as eleições de 2012, além de pleitear o fim do voto secreto nas votações do Congresso.

Em 2013, o Movimento do Passe Livre (MPL) se tornou um ícone das manifestações estudantis. Para Dowbor e Szwako (2013, p. 43), esse espetáculo, como foi chamado pelos autores, tem hora, data e local marcado.

Dia 13 de junho de 2013, após três “grandes atos”, o Movimento Passe Livre (MPL) convocava simpatizantes para ir às ruas e dar sequência ao seu *script*, o direito dos estudantes de manifestação por seus direitos, despertando a ira e a paixão dos antagonistas: no mesmo dia, a *Folha de São Paulo* publicou um editorial em que pedia um ponto final nas manifestações.

Entre março de 2015 e março de 2016, muitas pessoas foram às ruas contra e a favor do governo de Dilma Rousseff. O *impeachment* da Presidente aconteceu, e, no dia 31 de agosto de 2016, ela é deposta do cargo presidencial, tomando posse Michel Temer. As manifestações nas ruas continuaram, dessa vez para protestar contra o governo Temer.

Nesse cenário político conturbado, e em meio à crise econômica, ocorreram as ocupações das escolas em diferentes estados brasileiros. No ano seguinte, estudantes ocuparam a Assembleia Legislativa de São Paulo para exigir a abertura

---

<sup>10</sup> A Lei Complementar nº. 135 de 2010, mais conhecida como Lei da Ficha Limpa, é uma legislação brasileira que foi emendada à Lei das Condições de Inelegibilidade, uma Lei com o objetivo de aumentar a idoneidade dos candidatos.

de uma Comissão Parlamentar de Inquérito<sup>11</sup>, com a finalidade de investigar desvios nas verbas da merenda escolar.

No estado do Rio de Janeiro, as ocupações das escolas também tinham pauta definida. Ainda no ano de 2016, mais de 1.100 unidades de ensino, na modalidade Ensino Médio Presencial e Superior, foram ocupadas contra algumas medidas do governo federal, principalmente contra a Medida Provisória n. 746, que reformava o Ensino Médio<sup>12</sup>. Essa MP foi posteriormente transformada e aprovada na forma da Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, o que também causou bastante turbulência devido à falta de discussão com os atores diretamente envolvidos com o Ensino Médio, como professores, estudantes, diretores e comunidade escolar.

No dia 15 de março de 2017, ocorreu um protesto que mobilizou professores da rede pública e privada de todo país, além de profissionais da área da saúde, servidores públicos e outros profissionais. Esses protestos foram promovidos por movimentos sociais contra a reforma trabalhista e a reforma da previdência social.

É fato que um número significativo de protestos vem sendo realizado no Brasil há aproximadamente quatro décadas e que houve um crescimento expressivo nos anos de 2013 a 2017. Em 2013, em particular, o Movimento do Passe Livre (MPL) se tornou um ícone das manifestações.

Para Cardoso e Di Fatima (2013), a partir de fevereiro de 2013, teria se iniciado uma nova temporada de reivindicações do MPL, quando, em Porto Alegre, o Bloco de Luta por um Transporte Público reuniu cerca de 200 pessoas contra o novo aumento do preço da passagem. Ainda segundo os mesmos autores, as passagens foram aumentadas uma semana depois, ensejando a continuidade da

---

<sup>11</sup> Comissão Parlamentar de Inquérito é o nome dado ao processo de investigação comandado pelo Poder Legislativo, com o objetivo de averiguar determinadas denúncias de irregularidades no setor público.

<sup>12</sup> Medida provisória nº 746 de 2016: promove alterações na estrutura do Ensino Médio, última etapa da educação básica, por meio da criação da Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Também amplia a carga horária mínima anual do Ensino Médio, progressivamente, para 1.400 horas, determina que o ensino de língua portuguesa e matemática serão obrigatórios nos três anos do Ensino Médio, restringe a obrigatoriedade do ensino da arte e da educação física à educação infantil e ao ensino fundamental, tornando-as facultativas. Além disso, torna obrigatório o ensino da língua inglesa a partir do sexto ano do Ensino Fundamental e nos currículos do Ensino Médio, facultando neste o oferecimento de outros idiomas, preferencialmente o espanhol, permite que conteúdos cursados no Ensino Médio sejam aproveitados no Ensino Superior. O currículo do Ensino Médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por itinerários formativos específicos definidos em cada sistema de ensino e com ênfase nas áreas de linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional e dá autonomia aos sistemas de ensino para definir a organização das áreas de conhecimento, as competências, habilidades e expectativas de aprendizagem definidas na BNCC.

luta e uma liminar judicial que reverteria esse reajuste. O MPL aconteceu em todo Brasil, mas nas regiões Sul e Sudeste teve maior repercussão na mídia.

Além disso, as sucessivas manifestações de 2013 também teriam evidenciado a enorme insatisfação popular com as formas tradicionais de participação política, tornando notável que a população – em especial, os jovens – desejava melhorar a qualidade da democracia brasileira, de forma a sentir-se mais representada pelos governos, a ampliar sua participação nas decisões de políticas públicas e a ter sua voz reconhecida no espaço da política.

Os protestos no Brasil de 2013, que também foram conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, apontaram tanto para a explicitação da crise de legitimidade do sistema político como para a defesa dos direitos sociais básicos, como educação, saúde e transporte.

Januário, Campos, Medeiros e Ribeiro (2015) afirmam que a luta dos secundaristas pode ser vista como o primeiro desdobramento pleno dos protestos de junho de 2013. Não se trata de um impalpável *espírito de junho*, mas das vivências práticas decorrentes da organização e participação dos estudantes em diversas manifestações e também da continuidade da cultura organizativa manifesta em outros estados brasileiros, e que liga o Movimento Passe Livre (MPL)<sup>13</sup> ao coletivo *O Mal Educado* e este à ocupação das escolas pelos estudantes brasileiros.

As ocupações ocorrem em 2015<sup>14</sup> e 2016 em diversos estados, em um cenário político, econômico e educacional conflituoso, tanto em âmbito federal quanto em âmbito estadual.

As ocupações das escolas no Brasil tiveram os estudantes questionando as políticas educacionais oriundas dos governos estaduais, pelo fato de as mesmas não terem passado por um processo de compartilhamento com a comunidade escolar, conforme previsto no princípio da gestão democrática.

As reivindicações também foram motivadas pela rejeição às políticas promovidas pelo governo federal, e não somente às políticas educacionais dos governos estaduais. Isso fez com que outras instituições de ensino, inclusive da

---

<sup>13</sup> Movimento Passe Livre é um movimento social brasileiro que defende a adoção da tarifa zero para transporte coletivo. O movimento foi fundado no Fórum Social Mundial em 2005, mas ganhou destaque em 2013 com os protestos em São Paulo contra o aumento das tarifas de ônibus, trem e metrô.

<sup>14</sup> Em 2015, ocorreram manifestações em dois estados: São Paulo e Goiás. Os demais estados aderiram ao movimento das ocupações apenas no ano de 2016.

esfera federal, aderissem ao movimento da ocupação das escolas estaduais. Assim, universidades, escolas técnicas, colégios de aplicação (CAP) e o colégio Pedro II (no caso do Rio de Janeiro) aderiram às ações de ocupação das escolas e os estudantes se posicionaram, principalmente, contra três propostas educacionais do governo federal:

- a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que propunha o congelamento dos gastos públicos em saúde e educação por 20 anos. Essa PEC foi aprovada e sancionada pelo então presidente Michel Temer em 15 de dezembro de 2016;
- a Medida Provisória (MP) 746, que propunha a reforma do Ensino Médio. Essa MP foi aprovada e sancionada pelo então presidente Michel Temer, sendo convertida na Lei n. 13.415 no dia 16 de fevereiro de 2017;
- O Projeto Escola Sem Partido, popularmente conhecido como ‘A Lei da Mordaça’. Este Projeto – não aprovado pelo Congresso Nacional – foi arquivado no final de 2018 e tem a proposta de evitar que professores façam doutrinações ideológicas no trabalho docente e na prática pedagógica exercida na sala de aula. A proposta do projeto Escola Sem Partido é tornar obrigatória a afixação em todas as salas de aula do Ensino Fundamental e do Ensino Médio um cartaz sobre os deveres do professor. Embora arquivado, o Projeto de Lei (PL) nº. 7.180/2014 pode voltar a tramitar no recém-eleito governo de Jair Bolsonaro.

Motivados por questões de ordem local, referentes às questões específicas dos sistemas estaduais de ensino ou por questões de ordem geral, referentes à educação nacional, os estudantes brasileiros ocuparam as escolas públicas.

Ao todo foram ocupadas 1.154 unidades de ensino em 22 estados do país e no Distrito Federal, de acordo com o levantamento divulgado pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas <sup>15</sup> (Ubes) no dia 26 de outubro de 2016.

---

<sup>15</sup> De acordo com a Ubes, a maioria das escolas ocupadas (845) estava situada no Paraná. A SEEDUC do Estado, confirma 672 ocupações em um total de 2.000 unidades escolares. Informação divulgada pelo jornal *Folha*: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/10/1826548-brasil-tem-1154-unidades-de-ensino-ocupadas-por-alunos-diz-entidade.shtml>>.



Figura 1. Estados brasileiros com escolas ocupadas em 2016.

Fonte: Elaboração própria com base no mapa oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018).

Dentre as instituições ocupadas pelos estudantes estão escolas, universidades, institutos federais e núcleos regionais de educação, mas ainda há dificuldade para precisar a quantidade de escolas que foram ocupadas em todo território nacional.

Para esta pesquisa, faremos um recorte das ocupações em três estados que foram pioneiros no movimento, e focalizaremos mais especificamente o estado do Rio de Janeiro. O movimento disparou a partir dos estados de São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro, com demandas pontuais pertinentes a cada estado. Posteriormente, amplia-se em âmbito nacional.

A situação dos três estados pode ser conferida na Figura a seguir.

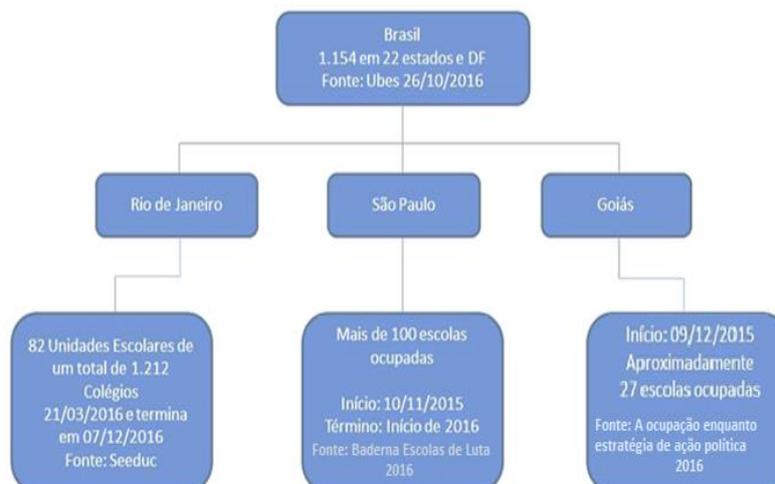


Figura 2. Ocupação de escolas em Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás.

Fonte: Elaborado pela própria autora, em 2018.

### 2.4.2 Estado de São Paulo

A ocupação das escolas paulistas foi motivada pelo anúncio do governo de Geraldo Alckmin do projeto de reestruturação da rede de ensino estadual, sem consulta à população. Esse projeto pretendia fechar quase uma centena de escolas, além de transferir milhares de alunos para instituir o ciclo único. Este último, de acordo com informações da Secretaria de Educação, seria responsável por 15% da melhoria no rendimento escolar dos alunos.

Mais de 200 escolas foram ocupadas em São Paulo, porque os estudantes da rede pública receberam informações pela televisão na hora da realização da matrícula para o ano letivo de 2016, a respeito da divisão em ciclos das escolas da rede estadual. Nessa reorganização escolar, as escolas seriam especializadas no atendimento ao Ensino Fundamental I, ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio. Após a divulgação da iniciativa do governo do estado, ocorreram manifestações nas redes sociais e aproximadamente 163 protestos em pelo menos 60 cidades paulistas<sup>16</sup>.

De acordo com Santos e Segurados (2017), a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo partia da ideia de que a organização por ciclos geraria a melhora do aprendizado dos estudantes. Para os estudantes, a reorganização da rede em ciclos levaria a salas superlotadas e à falta de estrutura física das unidades escolares.

A Escola Estadual Diadema, antigo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam), foi a primeira a ser ocupada. Alguns de seus estudantes trocaram contatos com integrantes do coletivo denominado *O Mal Educado*, no dia 15 de outubro de 2015, e a escola foi ocupada no dia 26 de novembro de 2015.

Com a onda de adesões, o movimento ganhou força e ultrapassou a marca de 100 escolas ocupadas, com apoio de pais, professores, funcionários da rede de ensino, movimentos sociais e da população paulista em geral. A participação da família, em particular, reforçou o caráter social das manifestações.

Houve também a ocupação das secretarias estaduais e regionais por seus beneficiários – os estudantes – que, ao se manifestarem dessa forma, apontaram

---

<sup>16</sup> Dado retirado da página 41 do livro *Baderna Escolas de Luta 2016*.

para uma substancial insatisfação com o modelo de administração do governo paulista, haja vista a falta de diálogo com os estudantes.

O movimento que começou em São Paulo potencializou a iniciativa dos estudantes de outros estados, implicando a paralisação momentânea de um número significativo de escolas brasileiras. Embora em cada estado o movimento dos estudantes tivesse sua pauta específica, a manifestação nacional se unificava em prol da valorização da educação pública.

### **2.4.3 Estado de Goiás**

O processo de mercadorização da educação pública em Goiás se aprofunda a partir um projeto de reforma educacional, intitulado “Pacto pela Educação”, no qual foram estabelecidos planos e metas para a educação em Goiás que vislumbravam reordenar como um todo o sistema educacional do estado. A reforma educacional goiana foi lançada em 2011 e tem como referência um documento que foi intitulado “Pacto pela Educação: um futuro melhor exige mudanças”. Este projeto foi estruturado por uma empresa de consultoria chamada Bain & Company, sediada em Boston, mas que desenvolve projetos também no Brasil – foram eles os responsáveis pela reforma educacional de Nova York e Boston e, no Brasil, do estado do Amazonas. A reforma goiana contou também com a colaboração da Fundação Itaú.

Este processo desencadeou uma grande mobilização, que resultou em uma greve dos profissionais da educação do estado de Goiás, em fevereiro de 2012, com duração de 51 dias. Aliado a tudo isso, foi aprovada a Lei 18.658 de 02 de outubro de 2014 (GOIÁS, 2014 apud Mascarenhas et al. 2017), determinando que, a partir daquela data, as chamadas “Organizações Sociais” poderiam administrar, por meio de licitação estadual, as instituições públicas do estado.

Em Goiás, o movimento estudantil iniciou as ocupações das escolas motivado pela insatisfação com o novo modelo de gestão, que buscava transferir a administração das escolas a entidades filantrópicas, classificadas como organizações sociais (OS). A história das Organizações Sociais (OS) na gestão de áreas estratégicas do governo do estado de Goiás começa em 2011 no setor da Saúde.

Nesse modelo, os repasses das verbas públicas são feitos a entidades do chamado Terceiro Setor, que são responsáveis pela manutenção das escolas e têm autonomia para contratar professores e funcionários.

O modelo de gestão público-privado na educação enfrenta limites legais, embora esteja respaldado na Lei das Diretrizes Básicas da Educação (LDB), de 1996, que estabelece que os recursos públicos somente possam financiar escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas em forma de bolsas de estudo, e introduz maior autonomia administrativa e regime celetista para os professores (ANDRADE, 2016).

O movimento dos estudantes goianos eclode em 9 de dezembro de 2015, com a ocupação do Colégio Estadual José Carlos de Almeida (JCA), em Goiânia. Como forma de manifestação, os estudantes fixaram nas portas das escolas cartazes pedindo um recuo na implantação do modelo das Organizações Sociais e enfatizaram que “Educação não é mercadoria”.

Em março de 2016, o movimento encerrou as ocupações com uma manifestação na frente da Secretaria de Educação, solicitando a reabertura do Colégio Estadual Professor José Carlos de Almeida, arbitrariamente fechado por decisão da secretaria estadual de educação, sem consulta à comunidade escolar. O movimento ecoou na sociedade goiana e no Brasil. O governo de Goiás recuou na implantação do projeto de OS na educação e os alunos ficaram atentos a quaisquer tentativas de fechamento de escolas.

#### **2.4.4 Estado do Rio de Janeiro**

No estado do Rio de Janeiro, o movimento se iniciou em apoio à greve dos professores e em razão das condições adversas de trabalho dos profissionais da educação, como a falta de inspetores escolares, serventes e condições inadequadas de infraestrutura escolar.

Segundo a análise do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe/RJ), que publicou uma nota oficial, a ocupação era uma forma de protesto que tinha como motivação a reivindicação por melhores condições na educação, apoio à greve dos professores e contra o autoritarismo da direção da escola e da Secretaria Estadual de Educação (Seeduc).

A paralisação dos docentes, iniciada em março de 2016, contou com a adesão de 70% da categoria (NUNES, 2016). Além de conter aspectos relacionados à remuneração, como reajuste, fim do parcelamento salarial e pagamento do 13º salário do ano anterior, a pauta docente se posicionava contrária às propostas de reforma da previdência dos servidores.

A partir da iniciativa estudantil no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, os estudantes iniciaram o movimento de ocupação das escolas logo após a deflagração da greve dos professores. No estado do Rio de Janeiro, foi ocupado um total de 82 unidades escolares, de acordo com o registro da Seeduc- RJ (2016), entre as 1.212 escolas públicas estaduais existentes. Nas mídias alternativas, o último registro da UBES informava a existência de um total de 78 escolas ocupadas.

O movimento foi deflagrado no dia 21 de março de 2016, com a primeira ocupação registrada no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, na Ilha do Governador. Embora existam demandas específicas nas escolas ocupadas, algumas reivindicações constituem uma pauta comum às escolas participantes do movimento, tais como: qualidade da merenda; adequação da infraestrutura; maior participação da comunidade; transparência na gestão; mudança curricular; fim do sistema de avaliação da educação (SaeRJ); eleição direta para o cargo de diretor; ampliação da carga horária para as disciplinas de Sociologia e Filosofia e preenchimento da falta de professores em diferentes disciplinas. Essas reivindicações foram explicitadas principalmente por meio de vídeos produzidos pelos estudantes durante as ocupações.

Os estudantes se apropriaram do espaço físico da escola e demonstraram um sentimento de pertencimento, de valorização desse espaço coletivo que faz parte do cotidiano de cada um deles.

No estado do Rio de Janeiro, em particular, além das escolas, o movimento também ocupou a sede da Secretaria de Estado de Educação (Seeduc-RJ), no bairro de Santo Cristo, e as Metropolitanas (Regionais) III e IV, situadas, respectivamente, nos bairros de Engenho de Dentro e Campo Grande.

A Seeduc foi ocupada e houve um momento em que os estudantes recuaram em face de uma possibilidade de negociação com o então secretário Antonio José Vieira Neto. No entanto, com a exoneração do secretário, novos conflitos ocorreram e uma nova ocupação foi iniciada na Seeduc, durante a gestão do

secretário Wagner Granja Victor. Os estudantes permaneceram na sede da secretaria estadual durante vinte cinco dias e isto representou um fato novo também para a Seeduc, que não esperava por desdobramentos dessa natureza e nem que as ocupações se alastrassem por todo o estado.

O movimento adotou o lema “Ocupa Tudo” e se estabeleceu em unidades de ensino localizadas em várias cidades do estado, como Rio de Janeiro, Petrópolis, Arraial do Cabo, Nova Friburgo, Barra Mansa, Nova Iguaçu, Macaé, Cabo Frio, São João de Meriti, Campos dos Goytacazes e Angra dos Reis, dentre outras, em um total de vinte e três municípios.

Houve a tentativa de enfraquecer as ocupações, que já haviam se espalhado por mais de 70 escolas, por meio de algumas ações, dentre as quais podemos destacar o decreto de recesso escolar. Com esta medida, ficou suspenso o repasse de verbas para a merenda, o serviço de limpeza e o vale-transporte dos estudantes, o que tornou mais difícil a continuidade do movimento. No dia 1º de junho de 2016, uma decisão judicial suspendeu o recesso e determinou o retorno às aulas.

No período das eleições para prefeito, os locais de votação situados em escolas estaduais ocupadas foram remanejados para outras escolas da mesma rede de ensino que não estavam ocupadas. Também no mês de outubro, com a proximidade da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o movimento retornou com “força” em outros estados brasileiros, tais como Paraná, Minas Gerais, Tocantins e em diversas unidades escolares federais e universidades, motivado, inclusive, pela oposição à Proposta de Emenda Constitucional 241/2016 e pela proposta de Reforma do Ensino Médio. Com isso, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) encaminhou um ofício suspendendo a aplicação do Enem em todas as escolas ocupadas e uma nova data para aplicação das provas foi proposta.

Naquele período, foram ocupadas mais nove escolas onde os estudantes prestariam o ENEM, no estado do Rio de Janeiro, como as unidades de Humaitá, Engenho Novo, Tijuca; Realengo e duas em São Cristovão do Colégio Pedro II. Naquele momento, havia 78 escolas ocupadas no estado.

Na tentativa de mitigar as consequências da mais longa greve de professores do estado, com duração total de seis meses, a Seeduc instituiu algumas ações após o retorno às aulas, como a alteração do calendário escolar e a reposição das aulas

em cumprimento aos dias letivos, que culminaram na extensão do ano letivo de 2016 até março de 2017.

Os alunos da terceira série do Ensino Médio aprovados no ingresso para as universidades puderam impetrar processos na Seeduc para obtenção da certidão de conclusão do ensino médio, que permitiriam sua matrícula no ensino superior, conforme previsto no Decreto 45.764 da Seeduc<sup>17</sup> – RJ. Essa medida foi colocada em ação para que os alunos não fossem prejudicados em função da mudança do calendário escolar.

## 2.5

### **Mapeamento sobre o tema: o que diz a Literatura sobre as ocupações das escolas no Brasil?**

Os primeiros artigos publicados no Brasil colocaram luz nas ocupações de escolas em países da América Latina, acompanhando a precedência que estas ocupações tiveram em relação a esses eventos em nosso país. São estudos que se debruçam mais enfaticamente sobre as ocupações que aconteceram em 2006 no Chile e em 2014 na Argentina e que abordam o material produzido e postado em vídeo pelos estudantes, na forma de cartilha para orientar as ocupações (ZIBAS, 2008; CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016).

Em relação às ocupações das escolas brasileiras, nos deparamos, com a publicação de três livros: *Baderna* (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016); *Ocupar e Resistir: Memórias de Ocupação Paraná* (PRATES; RUGGI; SILVA; MACHADO, 2017); o livro *O Movimento de Ocupações Estudantis no Brasil* (COSTA; GROppo, 2018). Eles retratam as ocupações das escolas do estado de São Paulo, organizadas em 2015 contra a “reorganização escolar” proposta pelo governo do estado e também no estado do Paraná, em 2016, promovidas pelos estudantes contra a reforma do Ensino Médio do governo federal (Medida Provisória 746), que ocuparam, no estado, 850 escolas, 14 universidades e 3 núcleos de Educação; e uma coletânea de artigos sobre as ocupações estudantis em diversos estados brasileiros de 2015 e 2016, em especial no segundo semestre de 2016 (CANTINI, 2016; CORROCHANO; COTIL; SILVA, 2016; COSTA;

---

17 Decreto que autoriza a Secretaria de Estado de Educação a certificar a conclusão da educação básica de alunos da rede pública estadual de ensino nas situações de disciplina (Acesso em: [http://www.silep.planejamento.rj.gov.br/decreto\\_45\\_764\\_-\\_23092016\\_-\\_au.htm](http://www.silep.planejamento.rj.gov.br/decreto_45_764_-_23092016_-_au.htm)).

SANTOS, 2017; DOYLE, 2017; ANTUNES, 2017; PAES; PIPANO, 2017; SILVA; MELO, 2017; GOMES, 2018).

Um Ebook - *O movimento de ocupações estudantis no Brasil* é uma coletânea que tem como objetivo registrar as ações coletivas de adolescentes e jovens no Brasil. Retrata a capacidade dos jovens de serem sujeitos de seu próprio processo educacional inspirando educadores com o modo e a riqueza com o qual as atividades formativas foram apresentadas (COSTA ; GROppo, 2018).

Trata-se de publicações que apresentam um grande número de imagens e de descrições das ocupações, realizadas geralmente a partir da narrativa dos estudantes.

Já entre os artigos publicados em periódicos, chamaram nossa atenção os dois dossiês da Revista Educação Temática Digital (ETD)<sup>18</sup>, que apresentam artigos sobre as ocupações das escolas brasileiras em São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Eles consideram temas tais como: a *descolonização da escola; os espaços virtuais das escolas ocupadas; a socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas; questões de gênero e de sexualidade; a sociabilidade na escola; as estratégias comunicacionais do movimento de ocupação; a formação política; a conjuntura das ocupações.*

As abordagens são qualitativas e geralmente baseadas na narrativa dos estudantes, fazem uso de entrevistas individuais e grupais, de recursos visuais e, ainda, de informações coletadas via questionários e nas páginas virtuais e redes sociais dos estudantes. As conclusões destacam o processo de socialização política observado na interação entre os estudantes e com outras categorias da rede de apoio, e o papel destas redes na manutenção das ocupações. Destacam, ainda, o pressuposto de que estas mobilizações podem representar uma reativação do movimento estudantil e um novo uso do espaço público.

---

<sup>18</sup> Informações sobre a revista *Educação Temática Digital (ETD)*: é uma publicação eletrônica multidisciplinar, que se dedica à divulgação de artigos da comunidade científica nacional e internacional que investiguem questões de interesse do campo educacional e áreas afins, tendo como objetivo a contribuição para a formação do pesquisador da área de Educação por meio da divulgação e da disseminação de pesquisas e estudos realizados por educadores, vinculados a instituições nacionais e estrangeiras. O propósito da revista é possuir um escopo multidisciplinar atendendo a todas as áreas que permeiam a Educação. Por essa razão, ela é temática e funciona somente no ambiente digital (tipo de suporte), que pode ser traduzido para eletrônico ou *on-line*.

De acordo com os artigos, a ocupação potencializa o “estar junto”, visibilizando a necessidade da participação cotidiana para a construção da ação coletiva, por meio da reapropriação do espaço escolar, da horizontalidade nas interações, do protagonismo, das fruições culturais e do reconhecimento do outro, na perspectiva da autogestão e do protagonismo dos estudantes no desenvolvimento de atividades culturais.

Os dossiês tratam, ainda, do mesmo tema na perspectiva do feminismo e também apresentam textos na forma de ensaios.

Além dos textos que compõem essas duas edições da Revista Educação Temática Digital (ETD), ainda revisitamos o artigo “Reintegração de posse: a ocupação das escolas estaduais no estado do Rio de Janeiro com processo de reavivamento da escola pública” (NUNES, 2016), que analisa os movimentos reivindicatórios dos estudantes das escolas públicas ocorridos no Rio de Janeiro e que ocuparam, em março de 2016, espaços públicos sob a gerência do estado, dentre as quais, estavam escolas, coordenadorias de ensino e, até, a Secretaria de Estado de Educação.

O artigo conclui que esses movimentos reivindicavam uma nova concepção de escola e melhorias na sua estrutura.

“Não é só pelo diploma: as ocupações das escolas e os processos curriculares” também focaliza o Estado do Rio de Janeiro, colocando em discussão saberes produzidos e processos vividos durante a ocupação das escolas estaduais, a fim de contribuir para o debate sobre os currículos das escolas públicas brasileiras. Como conclusão, foram encontrados a partir das narrativas um grande descompasso entre as políticas instituídas e os modelos de escola praticados nas ocupações.

O artigo “Uma Pá de Ocupação: Ocupações escolares e atuação juvenil no Rio Grande do Sul (2016)” (SILVA; SILVIA, 2016) apresenta reflexões sobre as ocupações das escolas secundárias ocorridas no Rio Grande do Sul a partir do mês de maio de 2016. Os autores se propõem a pensar esses acontecimentos a partir da ideia de juventudes e de culturas juvenis, e também é feita uma reflexão sobre a importância dessas experiências para as trajetórias de jovens estudantes secundaristas envolvidos politicamente com a melhora da educação pública tanto estadual quanto nacional.

A mudança no perfil e nas práticas desses jovens ativistas ilustrada pela relação com a internet e a mídia social tem configurado uma nova forma de fazer política, que por sua vez tem gerado nesses jovens uma mobilização mais radical, como foram as ocupações das escolas e a maneira como se propagaram com mais e mais adeptos agregados rapidamente em território nacional.

A maioria dos artigos focaliza o Estado de São Paulo. No texto “Ocupar e resistir: a insurreição dos estudantes paulistas” (CORTI; CORROCHANO; SILVA, 2016), é abordado o conflito entre os estudantes paulistas e o governador Geraldo Alckmin, que foi motivado pela política de desativação de 94 escolas públicas estaduais, e o remanejamento de estudantes de outras 754 escolas no estado de São Paulo. O artigo sugere rumos para a interpretação das ocupações, tidas como modalidades de ação coletiva que interrogam as políticas educacionais e a cultura escolar a partir de novas estratégias e linguagens, distintas dos mecanismos tradicionais da democracia representativa.

A principal conclusão foi que os jovens atuavam nas ocupações, discursando, cozinhando e limpando, o que aponta para um contraste com as imagens tradicionais de estudantes calados e enfileirados nas salas de aula e também para um novo modelo de escola e para uma educação menos burocratizada e mais adequada ao atendimento das camadas populares.

“Escolas de luta, educação política” (CANTINI; MELLO, 2016) trata das lutas protagonizadas pelos estudantes secundaristas, principalmente das escolas paulistas, no fim de 2015. Apresenta análise do contexto político, econômico e educacional em que tais embates se inserem, assim como reflete sobre a formação e a organização dos estudantes, considerando as ações e seus conteúdos à luz das críticas aos modos dominantes da educação escolar.

“As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social” (JANUÁRIO; CAMPOS; MEDEIROS, 2016) apresenta o projeto do executivo estadual paulista que ficou conhecido como a “reorganização escolar”, evidenciando a forma autoritária e burocrática pela qual o plano foi concebido e começou a ser executado. O artigo focaliza a demanda dos estudantes por participação democrática na educação pública, que acabou por encontrar sua forma de expressão na ocupação de escolas como uma tática de luta baseada neste tipo de participação.

Aponta algumas conexões concretas entre os eventos de 2013 e de 2016, interpretando-os como símbolos de novas formas de luta social.

Por último, “Ocupação das escolas paulistas: uma análise jurídica crítica” é um artigo publicado na revista *Direito & Práxis* em 2017 que apresenta reflexões inspiradas em uma concepção crítica de direitos humanos em relação às experiências de ocupação das escolas públicas paulistas. Os estudantes como sujeitos *do e no* seu processo de escolarização e a ocupação como uma experiência de resistência às violências estatais, fazendo com que os direitos humanos desses estudantes fossem ampliados pelas ocupações.

“Ocupação dos espaços públicos e a produção do comum: a ação política dos estudantes secundaristas nas escolas públicas de São Paulo” (BURGOS; SEGURADO, 2016) tem por objetivo analisar a ação política desenvolvida pelos estudantes secundaristas de São Paulo, entre novembro de 2015 e janeiro de 2016, que ficou conhecida nacionalmente como *Ocupação das Escolas*.

Após a queda do primeiro secretário de educação do cargo, que tinha negado diálogo com os estudantes, observa-se que os jovens estudantes trouxeram para o debate novas formas de pensar os enfrentamentos dos processos de dominação e de rompimento com a submissão hierárquica do sistema. Sendo assim, o segundo secretário reconhece a importância do diálogo com esses estudantes e as práticas de desobediência civil como enfrentamento que contagiou inúmeros estudantes.

Tivemos também a oportunidade de consultar dissertações de mestrado sobre o tema. As dissertações revisitadas mostram suas origens em campos científicos e acadêmicos diversificados, a partir dos quais se colocaram questões de pesquisa muito variadas sobre as ocupações das escolas.

A primeira dissertação consultada, *Jovens trabalhadores estudantes: a construção da vontade coletiva em experiências de ocupação de escolas* (GOMES, 2018) defendida no Programa da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), apresenta pesquisa sobre a ocupação de escolas no primeiro semestre de 2016, no Rio de Janeiro.

Utiliza entrevistas individuais e em grupo com estudantes e professores de colégios de Niterói e São Gonçalo (RJ), considerando tanto o movimento de ocupação como o de desocupação. Dá ênfase aos jovens trabalhadores estudantes,

que não abandonaram suas escolas e que buscaram, no cerne das ocupações, a formação da vontade coletiva.

A dissertação conclui que a organização do trabalho no interior das escolas—o de limpar, cozinhar, promover atividades culturais, cuidar do ambiente e da segurança etc. — foi fundamental para o aprendizado e a criação, mesmo que parcial, de um sentimento de coletividade entre jovens trabalhadores estudantes.

Um aprendizado que reafirma a premissa do princípio educativo do trabalho, o qual se constituiu como mediação no “fazer-se” (THOMPSON, 1987) desses jovens como classe trabalhadora. A pesquisa destaca a categoria trabalho e conclui que o movimento deixou marcas no movimento estudantil brasileiro por suas práticas educativas.

A segunda dissertação encontrada foi a intitulada *Competência crítica em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro*, apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Programa de Pós-graduação em Ciência da informação, que investiga novas práticas informacionais e educativas desenvolvidas nas ocupações das escolas estaduais do Rio de Janeiro.

O trabalho tem por objetivo compreender a contribuição das ocupações para a educação a partir do conceito de competência crítica em informação. Seus objetivos específicos foram: mapear o acesso dos estudantes a espaços de informação escolares consagrados (biblioteca, sala de informática e laboratórios de ciências) antes, durante e depois da ocupação; identificar fontes de informação geradas a partir das atividades desenvolvidas nas ocupações e discutir a percepção dos estudantes sobre as informações veiculadas na mídia a respeito das ocupações.

O trabalho conclui que, para além das conquistas do movimento como acesso a alguns espaços informacionais, maior participação nas decisões escolares por meio das eleições diretas para direção e grêmios, verba emergencial, entre outras, as práticas das ocupações tornaram seus organizadores indivíduos mais críticos e mais preparados para o aprendizado ao longo da vida.

A terceira dissertação, *Juventudes e movimento de ocupação das escolas: caminhos e desafios para o ensino de geografia* (SOUZA SILVA, 2017), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília (UnB), buscou destacar a importância da Geografia na formação para a cidadania.

Segundo a pesquisa, a leitura que os estudantes fizeram da conjuntura de crise sociopolítica brasileira, e a compreensão que obtiveram de como determinadas medidas políticas – Reforma do Ensino Médio, Escola sem Partido, Emenda Constitucional n.º 95/2016 – poderão se manifestar no espaço escolar e também podem ser entendidas como expressões dos propósitos da educação geográfica, no âmbito da Educação Básica.

As conclusões da dissertação afirmam que os estudantes, ou as juventudes, revelaram autonomia e capacidade de reflexão, mostraram a dinâmica das suas práticas e sinalizaram para a necessária reflexão acerca da efetivação dos princípios democráticos do país e da organização escolar do século XXI.

A dissertação *O Movimento de ocupações das escolas e as novas formas de fruição da juventude escolarizada nas classes popularizadas do Brasil*, apresentada na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) no departamento de Ciências Sociais (CAMASMIE, 2018), apresenta as ocupações no Brasil e a relação dos jovens das classes populares com o ineditismo por meio das ocupações.

A autora destaca que, por um lado, as ocupações constituem uma demonstração de apreço inédito dos jovens em relação à escola pública, percebida como decisiva para suas vidas; de outro, o fenômeno não deixa de explicitar uma nova forma de desigualdade entre os jovens de classes populares, em um processo que se sobrepõe à desigualdade já existente decorrente do dualismo entre a rede pública e a rede privada.

A ocupação das escolas, nessa pesquisa, aparece como resultado de um processo de mudança social que, analisado pela chave da sociologia da educação, revela uma nova forma de ação coletiva e uma interlocução entre instituição, sujeitos e direitos.

Até o fim do ano de 2018 nenhuma tese de doutorado foi encontrada.

### 3 Metodologia

A “Ocupação das escolas” representa um tema de pesquisa sensível e incômodo para as autoridades educacionais. Em 2016, os estudantes ocuparam a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, no período de 30 de maio a 24 de junho, ou seja, por vinte cinco dias, e os servidores retornaram para trabalhar no dia 03 de agosto de 2016 na sede, em virtude da necessidade de reorganização do espaço e formulação de ações, diante do ocorrido.

Em 2018, iniciamos os trâmites junto à SEEDUC com vistas à obtenção da autorização oficial para realização da pesquisa de campo nas escolas. No primeiro momento, foi entregue ao Secretário de Educação um ofício da universidade solicitando a autorização para a pesquisa, que foi deferido. No segundo momento, foi aberto um processo, após aprovação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), com o projeto e todos os instrumentos de coleta de dados para que fossem analisados, já que a solicitação incluía entrevistas com diversos atores, como estudantes, professores, diretores e agentes da Seeduc que mediarão as ocupações.

O processo protocolado na Seeduc sob o número E- 03.001.594.2018 começou a tramitar no dia 8 de janeiro e foi aprovado no dia 29 de maio de 2018, pela Superintendência Pedagógica. A Secretaria de Estado de Educação autoriza e informa, por e-mail, a presença da pesquisadora nos Colégios citados.

O acesso aos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio que participaram de forma direta ou indireta da ocupação da escola, e que ainda a frequentavam, não foi tarefa fácil em virtude do tema. Exibir um vídeo sobre o movimento para os estudantes antes das entrevistas e filmar as entrevistas foram estratégias utilizadas durante a pesquisa de campo que causaram certa resistência por parte de alguns diretores das escolas, isto é, alguns atores sentiam-se ameaçados pelo tema em questão. A resistência era visível, porque algumas autoridades diziam frases tais como: “Aqui esse assunto morreu, não se fala mais nisso”; “Nós somos uma unidade escolar”.

A decisão de filmar os entrevistados, além de gravar suas falas, teve a intenção de perceber suas expressões, de facilitar a identificação de cada um dos estudantes, uma vez que fizemos uso de entrevistas coletivas, auxiliando-nos nas

transcrições e na identificação das reações dos estudantes ao assistirem ao vídeo Gatilho e suas interações nos momentos de entrevista.

Com o objetivo de compreender o movimento a partir da percepção dos estudantes que vivenciaram as ocupações de suas escolas em 2016, focalizando alunos que se posicionaram, respectivamente, de maneira favorável e de maneira contrária à ocupação, a pesquisa de campo foi realizada em três colégios do estado do Rio de Janeiro, a saber: o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, o Colégio Estadual Amaro Cavalcanti e o Colégio Estadual José Leite Lopes (NAVE).

Foi adotada uma abordagem qualitativa e exploratória do tema, que levou em conta autores de referência que se debruçaram sobre temas tais como novíssimos movimentos sociais (DAY, 2005 apud PEREZ; SOUZA, 2017; GOHN, 2008, BRINGEL; PLEYERS, 2013 e BENAVIDES, 2018); ação coletiva (MAIA, 2013; PEREZ; SOUZA, 2017; SVAMPA, 2006); juventude (CORROCHANO, 2018) e tecnologias digitais de informação e comunicação (CASTELLS, 2013; SPOSITO, 2014), entre outros.

A escolha do campo utilizou como referência a observação de 40 vídeos elaborados e postados por estudantes nas redes sociais durante as ocupações em diversas escolas do Brasil, em especial nas escolas do estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa fez uso de entrevista individual com um estudante egresso de um dos colégios pesquisados e também foram realizadas entrevistas coletivas com estudantes que, em 2018, se encontravam frequentando a 3ª série do Ensino Médio, e que tinham vivenciado a ocupação da escola em que estudavam em 2016, totalizando seis entrevistas coletivas com um total de 39 participantes, com estudantes contrários e a favor do movimento.

Carvalho e Gonçalves (2000) afirmam que as imagens do vídeo causam impacto e falam por si mesmas. Nessa perspectiva, foi elaborada a edição de um vídeo, após a análise de 40 vídeos produzidos e postados nas redes sociais sobre as ocupações das escolas. Essa nova edição veio a constituir um vídeo denominado vídeo Gatilho, com a duração de aproximadamente quatro minutos, que foi utilizado como disparador das entrevistas coletivas realizadas com os estudantes que foram a favor ou contra o movimento, a partir de um roteiro com perguntas abertas, em três escolas do estado do Rio de Janeiro.

A coleta de dados junto aos estudantes compreendeu a realização de dois tipos de entrevistas. Foram realizadas entrevistas coletivas com os estudantes da 3ª série do Ensino Médio que se posicionaram a favor e contra a ocupação, em cada uma das escolas selecionadas. Ao levar em consideração que havia nas escolas estudantes que vivenciaram a ocupação posicionando-se de maneiras diferentes, a favor e contra, optamos por operar com a categoria “grupos naturais” que, para Bauer e Gaskell (2005, p. 69), propicia que as pessoas interajam conjuntamente, partilhando um passado ou um projeto futuro comum.

Na entrevista coletiva, foi aberta a possibilidade de outros participantes poderem ocupar a posição de entrevistador, interrompendo, intervindo, completando a resposta dos demais entrevistados, comentando e expondo sua opinião (KRAMER, 2007). Essa entrevista cria oportunidade de diálogo entre os participantes, assim, embora eu estivesse no papel de coordenadora-entrevistadora, não fui a única responsável pelo encaminhamento das perguntas.

No momento das entrevistas, sempre estiveram presentes mais uma ou duas pessoas para auxiliar na condução do trabalho de campo. As entrevistas iniciavam com os estudantes do grupo favorável ou contrário à ocupação que chegavam primeiro e em maior número ao local da escola e no horário combinado no momento do convite para participarem da pesquisa. As entrevistas coletivas foram feitas com os dois grupos em momentos distintos, mas em sua maioria no mesmo dia.

Partindo da hipótese de que haveria na escola dois grupos (a favor e contrário), buscou-se obter a percepção dos alunos que vivenciaram o movimento com posicionamentos distintos.

### 3.1

#### **A influência do ciberativismo na metodologia**

O ciberativismo é uma das categorias das ações coletivas que contribuiu para a estruturação das ocupações. O diálogo dos estudantes se deu por meio de uma comunicação virtual – grupos no *WhatsApp*, canais no *YouTube* e perfis no *Facebook* – que permitiu a construção de uma pauta comum de ação.

Por meio dos diálogos virtuais e presenciais, pautas específicas e pautas comuns foram conjugadas e fundamentaram as reivindicações dos estudantes.

Após contato pelas redes sociais com estudantes de São Paulo, e de uma pesquisa também nas redes sobre como ocupar uma escola, os estudantes organizaram duas assembleias, uma em cada turno escolar, e decidiram ocupar o primeiro colégio no estado do Rio de Janeiro.

Dentro da categoria ciberativismo, podemos inserir a profusão de vídeos produzidos pelos estudantes sobre o movimento de ocupação das escolas pelos secundaristas. Uma análise de parte dessa produção (40 vídeos) foi realizada buscando-se identificar o “tom” dos vídeos postados e sua utilização como instrumento de luta pelos estudantes.

Frases de impacto tais como:

“\_ Agora quem manda no colégio somos nós”. # OCUPAMENDES “\_ Ocupar, resistir” “Lutar para garantir”. (C.E Prefeito Mendes de Moraes-youtube<sup>19</sup> - 30/04/2016).

“\_ O Colégio é nosso, ele já era nosso, mas nós não tínhamos direito nenhum sobre ele” (C.E IEPIC).

As falas dos estudantes evidenciam o vínculo de pertencimento dos estudantes com a escola e sua contestação com a forma hierarquizada de organização escolar.

Os inúmeros vídeos publicados com palavras de ordem, que foram construídos com apoio de universitários, estudantes de mídias digitais, agentes comunitários, estudantes militantes de diversos estados brasileiros, entre outros, e, por meio deles, os estudantes afirmaram sua força e convocaram outros colegas para entrarem na luta.

Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo e nos demais estados brasileiros foi possível acompanhar pelas redes sociais, por meio de páginas no Facebook e vídeos, a luta dos estudantes.

Esses vídeos fizeram parte das variadas estratégias, táticas utilizadas pelos estudantes que envolveram assembleia nos pátios das escolas, piquetes nos portões, passeatas, boicotes contra avaliação, para citar algumas delas.

Em nossa pesquisa, pretendemos direcionar o “olhar” para os vídeos produzidos pelos estudantes durante as ocupações e postados na internet – canais do *YouTube* e perfis do *Facebook* – como fonte para investigar o sentido da escola para os estudantes secundaristas do estado do Rio de Janeiro.

---

<sup>19</sup>Esses vídeos estão nos anexos e podem ser acessados pelo leitor.

O diálogo e as negociações ocorridas entre os estudantes e demais atores na presença do Ministério Público foram, na maioria dos casos, conflituosos e explicitados por meio dos vídeos com o objetivo de informar à população o que estava acontecendo.

Em sua maioria, os vídeos postados foram produzidos pelos estudantes favoráveis ao movimento, portanto, têm uma estrutura argumentativa sintonizada com esse posicionamento. Os estudantes contrários ao movimento fizeram pouca utilização desse recurso midiático, em comparação com o grupo dos estudantes favoráveis à ocupação.

Assim, a ocupação ganhou certa organicidade, estruturando-se, principalmente, com apoio nas redes sociais. Por meio delas, os estudantes trocavam informações, compartilhavam experiências, divulgavam as atividades que implementavam durante o movimento, denunciavam irregularidades e precariedades das escolas. Isso contribuiu para que os estudantes buscassem não apenas modelos de organização e estratégias de atuação, como também apoio na sociedade civil.

Postagens como o discurso da estudante Ana Júlia, que viralizou em todo território nacional, também apontam para o acesso e a maneira como foram utilizados os vídeos.

### **3.2 A construção do Vídeo Gatilho**

Segundo Bauell e Gaskell (2005, p. 343), “Os meios audiovisuais são um amálgama complexo de sentidos e imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais. É, portanto, indispensável levar essa complexidade em consideração, quando se compreende uma análise de seu conteúdo e sua estrutura.

Para a edição do vídeo Gatilho, foram analisados 40 vídeos, disponíveis na internet (canais do *YouTube* e perfis do *Facebook*). Esses vídeos foram postados por estudantes à época, como forma de: 1) comunicarem-se com estudantes de outras unidades escolares; 2) fazerem pressão junto à sociedade e às autoridades; 3) fazerem um registro/memória do movimento. Por meio da construção de um

vídeo curto, buscou-se o apoio de um especialista, um estudante universitário de Comunicação e docente da graduação de cinema que, com seu olhar mais técnico, pôde orientar a interpretação de questões bem específicas, presentes nas imagens. Também tivemos o cuidado de retirar as músicas de fundo, para evitar problemas com direitos autorais.

Editar o vídeo a partir das cenas que foram julgadas relevantes para a edição do vídeo Gatilho exigiu técnica e conhecimento prévio sobre as ações desses jovens estudantes e suas intenções com as postagens.

A partir da observação mais geral dos vídeos, pensamos na construção de um vídeo único, sintético, que pudesse ser utilizado como um disparador no momento das entrevistas coletivas com os estudantes.

Ao pensar no tema das ocupações, surgiu a curiosidade de “olhar” para os vídeos produzidos somente por estudantes, mas ficou difícil de perceber de quem era a autoria; sendo assim, não houve essa filtragem. A partir das palavras-chaves “ocupação” e “desocupação” das escolas, obtivemos aproximadamente 5.760.000 resultados para “ocupação de escolas” e 182.000 para a palavra “desocupação das escolas” na plataforma YouTube, no mês de janeiro de 2018.

Observamos a sequência ou edição, ângulo, horários, iluminação, lugares da escola, trilha sonora, forma de vestir dos estudantes, tempo de duração, estratégias de empatia, de convencimento.

Foi difícil perceber a hierarquia que o próprio banco de dados e o algoritmo produzem, considerando que algumas questões podem ter sido invisibilizadas em função dos constrangimentos tecnológicos, com ênfase no tema das ocupações.

Da edição de uma seleção desses vídeos resultou o vídeo Gatilho, com duração de 4 minutos e 6 segundos. A edição apropriou-se das cenas relevantes das ocupações, conforme os seguintes critérios em relação a cenas:

- colégios selecionados pela pesquisa;
- movimento contrário denominado desocupa;
- que permitissem uma compreensão do conceito de ocupação;
- proporcionassem a compreensão das estratégias utilizadas pelos estudantes para consolidar o movimento;
- permitissem a identificação de redes de solidariedade;
- propiciassem uma visualização da conjuntura política;

- evidenciassem o vínculo com a escola.

O resultado final do vídeo Gatilho pode ser visto no link <<https://www.youtube.com/watch?v=yE7HqwZH6cs>>.

### 3.2.1

#### Cenas do vídeo Gatilho

A primeira cena mostrada é um fragmento do momento em que a tensão entre o grupo a favor e o grupo contrário à ocupação culmina com atos de violência. A segunda cena mostra a presença de autoridades na escola para possíveis negociações. Na sequência, o vídeo aponta a forma de organização dos estudantes durante a ocupação de uma das escolas. Logo segue-se uma cena sobre a solicitação de apoio por parte dos estudantes do C. E. José Leite Lopes e o trecho do discurso da secundarista Ana Júlia na Assembleia do Estado do Paraná, em que ela pergunta: “De quem é a escola? A quem a escola pertence?”.

O vídeo envolve cenas do conflito dos estudantes do C. E. Mendes de Moraes na tentativa de uma desocupação e dos estudantes conceituando o movimento e se manifestando nas ruas das cidades com cartazes e faixas em protesto à precarização da educação no estado do Rio de Janeiro.

A cena da organização interna das ocupações tinha por base a contagem de todos os objetos que a escola possuía, a fim de relacioná-los para uma futura prestação de contas ao Estado.

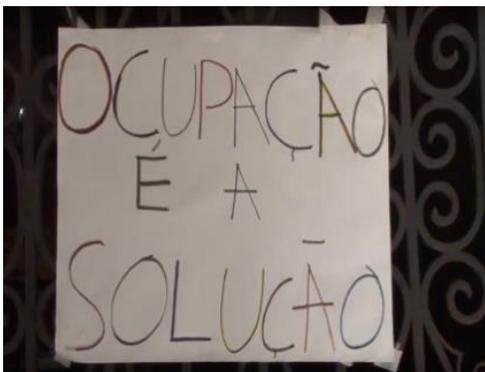


Figura 3 Cotidiano da ocupação  
Fonte: “Vídeo do youtube.com ” (2016).



Figura 4. Contagem dos utensílios  
Fonte: “ Vídeo do youtube.com ” (2016).

Nas duas imagens acima, temos algumas das estratégias utilizadas na maioria das escolas ocupadas no Rio de Janeiro. São cenas dos estudantes que participaram do movimento apoiando a ocupação e cuidando e contabilizando os utensílios de cozinha.

De forma recorrente, os vídeos mostram a afirmação dos estudantes de que a escola era sua “casa”, e eles se designando como uma família, naquele momento de convivência mais intensa.

Também são frequentes as cenas em que os estudantes pedem a saída das autoridades do governo do estado.

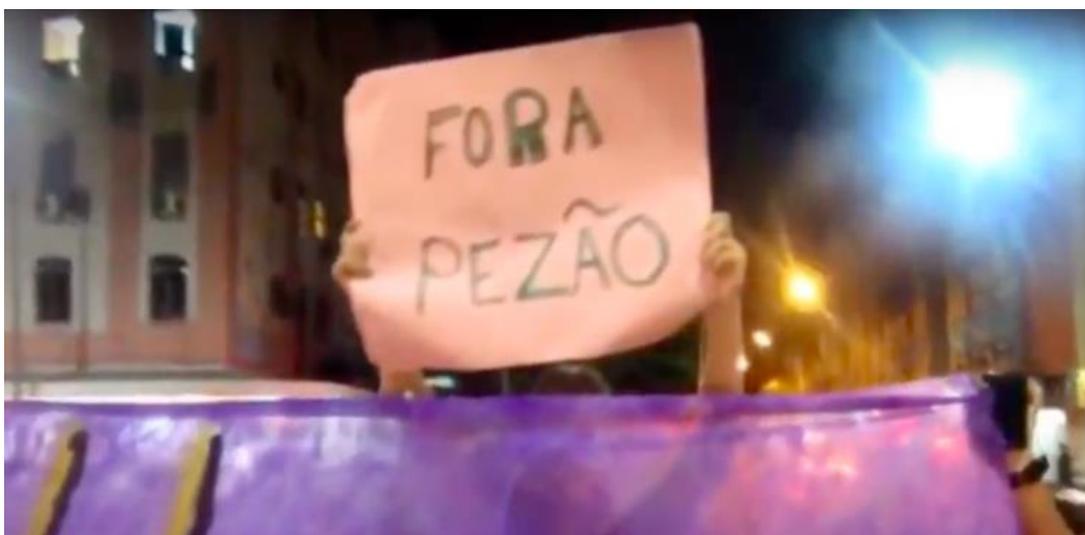


Figura 5. C.E Amaro Cavalcante - Manifestação dos estudantes na zona sul do Rio de Janeiro  
Fonte: “Vídeo do youtube.com” (2016).

Ao serem interrogados no momento das entrevistas, *se fossem fazer um vídeo o que colocariam ou retirariam*, referente às cenas explicitadas, eles respondem:

*Acho que as consequências que isso causou, tipo a gente ficou, literalmente, quase uns 6 meses, foi sem ter aula de alguma matéria no 1º ano, a gente foi pro 2º ano sem ter base nenhuma do 1º tipo um monte de coisa que apareceu no 2º ano: - quê que isso, a gente não teve aula no primeiro ano de muitas matérias. (D) (C. E. NAVE).*

*Eu acho que expomos o porquê que a gente está fazendo aquilo, aonde a gente quer chegar e o que poderia acontecer depois disso. Alexia (O) (C. E. NAVE).*

*[...] pessoas que foram transformadas, depois disso mudou completamente, acho que a gente queria...a gente não pode fazer nada, durante a ocupação ele teve que aprender, obrigava a lavar a louça e lavar o banheiro, mas, pô,*

*como lavar o banheiro, geralmente essa parada dizem que é coisa de mulher, aí eu fiquei pensando: - cara, eu acho que a ocupação está mudando as pessoas, não a ocupação em si, acho que se movimentar socialmente acho que muda muito as pessoas, porque você tem contato com muita gente diferente que pensa um ideal igual pra mudar o bem comum, tá entendendo, isso é muito forte, acho que se eu conseguisse fazer.... eu pegaria essa parte.” Lil Pump (O) (C. E. NAVE).*

*[...] acho que há pontos que faltaram muito na questão da elaboração do vídeo feito pelos alunos, é porque eles demonstraram muito pra imprensa e para a população que vinham apoiar eles que era tudo perfeito, só que não era... Hélio (D) (Amaro Cavalcanti).*

Esclarecer o que era o movimento, suas causas, consequências e o quanto modificou a vida dos estudantes parece ser unânime nas escolas pesquisadas entre os dois grupos.

### **3.2.2 Como chegamos à definição do campo**

Durante a observação de 40 vídeos postados nas redes sociais no período das ocupações, três unidades escolares chamaram nossa atenção e definiriam sua escolha para participar da pesquisa, a saber: a singularidade da mídia produzida pelo Colégio José Leite Lopes (NAVE), uma instituição de Ensino Médio de tempo integral, fruto de uma parceria público-privado, que oferta cursos de mídia.

A movimentação da comunidade escolar e de apoiadores em torno da ocupação no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, uma escola centenária com histórico de luta de movimentos estudantis, que foi a primeira escola ocupada da zona sul da cidade, e o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, pelo fato de ter sido a primeira instituição ocupada e referência para outras unidades escolares no estado do Rio de Janeiro.

Parte dos vídeos analisados foi produzida por estudantes dos colégios selecionados, com a participação de apoiadores, de estudantes de outras escolas e de produtores de mídias alternativas. Foram analisados 18 vídeos produzidos pelo C. E. Prefeito Mendes de Moraes; quatro do C. E. Ismael Coutinho e um vídeo do C. E. José Leite Lopes (Nave). Também foram analisados sete vídeos do C. E. Amaro Cavalcanti, dois do Instituto Superior de Educação; dois do C. E. Heitor Lira; três do C. E. Visconde de Cairú e dois do C. E. André Maurois. Além disso,

foram selecionados trechos da fala da secundarista Ana Júlia na Assembleia Legislativa do estado do Paraná, e, ainda, de uma tentativa frustrada de desocupação do C. E. Clybas Pinto Ferraz<sup>20</sup>.

### **3.2.3 A escolha dos Colégios**

Conforme já explicitado anteriormente, cinco unidades escolares chamaram nossa atenção, pela forma como o movimento era transmitido pelos estudantes.

O C. E. Heitor Lira, por ser um colégio de formação de professores; o C. E. Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC), cujos vídeos exibiam cenas que demonstravam o quanto a ocupação nesse colégio influenciou as outras escolas do entorno da cidade de Niterói.

Também chamou nossa atenção a baixa quantidade de vídeos produzidos pelos estudantes do Colégio José Leite Lopes (NAVE), por se tratar de uma instituição que oferta cursos de mídia com Ensino Médio de tempo integral, fruto de uma parceria público-privada.

Havia, ainda, uma grande quantidade de vídeos que apresentava uma intensa movimentação da comunidade escolar e de apoio à ocupação no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, uma escola centenária com histórico de luta de movimentos estudantis e que foi a primeira escola ocupada da zona sul da cidade.

O Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes também evidenciou vasta produção de vídeos, tendo sido a primeira instituição ocupada e uma referência significativa para outras unidades escolares no estado do Rio de Janeiro.

Embora tenha sido concedida a autorização para pesquisa nas cinco unidades escolares, optou-se por três (Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes; Colégio Estadual José Leite Lopes e Colégio Estadual Amaro Cavalcanti) em virtude da disposição geográfica e de sua relevância.

No total, foram organizados seis grupos com a participação de 4 a 8 estudantes, que frequentavam a 3ª série do Ensino Médio e tinham entre 16 e 19 anos.

---

<sup>20</sup> Ver anexo com a tabela dos 40 vídeos e seus links.

### 3.2.4 As entrevistas coletivas e individuais

Com as entrevistas, foi possível mapear e compreender parte da vida dos estudantes, de modo que, a partir de suas respostas, foi possível introduzir esquemas interpretativos, que emergiram na forma de categorias como: *Revisitar a ocupação; Ser ouvido; Coletivo(s), posicionamento(s) e ambiguidade(s); Organização da ocupação; Comunicação; Gostar da escola e Apoio Recebido.*

Nessa pesquisa, foi possível utilizar a imagem e o som como disparadores da memória dos estudantes em articulação com a entrevista coletiva. Os estudantes foram convocados entre aqueles que, tendo participado da ocupação da escola em 2016, posicionaram-se tanto de maneira favorável como contrária ao movimento, e cada grupo foi entrevistado em momentos diferentes.

Com a adoção da técnica de entrevista coletiva, a pesquisa buscou construir espaços para que os estudantes pudessem narrar suas experiências e explicitar suas práticas e interações para concretizar a ocupação ou para se opôr a ela. A técnica permite uma comunicação síncrona, em uma conversa em tempo real entre duas ou mais pessoas, sem uma ordem definida para a fala de cada participante. Esse tipo de comunicação proporcionou maior liberdade entre os estudantes para falarem na hora em que lembravam ou eram afetados por alguma das cenas apresentadas.

No primeiro momento, as perguntas que guiaram a entrevista coletiva foram elaboradas a partir do referencial teórico sobre novíssimos movimentos sociais e da ação coletiva, o que nos fez levar em conta dimensões como horizontalidade, autogestão, ausência de lideranças, autonomia, utilização das redes sociais digitais, capacidade de organização, bem como algumas das cenas priorizadas no vídeo gatilho.

Isto resultou em um roteiro dividido em três blocos, como pode ser observado no quadro 1.

<b>BLOCO 1</b>	<b>BLOCO 2</b>	<b>BLOCO 3</b>
<b>As Ocupações</b>	<b>Vídeo Gatilho</b>	<b>A Escola</b>
Vocês ouviram falar das ocupações em algum momento? Quando? Durante ou depois que acabaram? Lembram-se do que pensaram sobre elas na época? O pensamento de vocês ainda é o mesmo? Mudou alguma coisa? O que vocês pensam hoje desse movimento?	O que mais chamou atenção de vocês nesse vídeo? O que pensaram quando estavam vendo? Como vocês veem as questões que esse vídeo remete? Se vocês fossem fazer um vídeo sobre esse assunto, o que colocariam nele? De que fariam?	A escola mudou após o movimento? Se mudou, quais foram as mudanças? Por que vocês acham que mudou? Quem acha que não mudou? Por quê? Que tipo de escola os alunos desejam? O que vocês acham da escola de vocês? Gostam dela como ela é? Mudariam alguma coisa? Como gostaria que ela fosse?
<b>OBJETIVOS</b>		
Perceber o que estava na memória dos estudantes.	Ajudar os alunos a reviverem aquele momento de 2016, por meio das imagens produzidas. Trazer à memória os estudantes que foram contrários e a favor ao movimento das Ocupações.	Compreender o que ficou, qual foi o legado deixado para a escola após as ocupações. Compreender se houve mudança na escola após o movimento.

Quadro1. Roteiro da entrevista coletiva.

No primeiro bloco, foram feitas perguntas a respeito da memória dos estudantes sobre as ocupações, sem nenhum outro estímulo visual ou de alguma informação. A ideia era recuperar o que os estudantes tinham guardado na “memória”. No segundo bloco, as perguntas foram elaboradas a partir das cenas observadas no vídeo. No terceiro bloco, foram problematizadas as questões que

perpassavam as pautas do movimento, com o objetivo de compreender o significado das reivindicações.

Concluída a primeira rodada de entrevistas, no segundo momento, foram feitas perguntas específicas para os mesmos estudantes. Na ocasião, foram sorteadas perguntas predefinidas sobre a ocupação, retiradas aleatoriamente de um envelope, e escolhidas pela pesquisadora para complementar os temas porventura não abordados durante o primeiro momento das entrevistas.

Uma vez sorteada, a frase era lida em voz alta e os estudantes a comentavam individualmente ou em interação com o grupo. Caso a pesquisadora e/ou o grupo considerassem que o tema sorteado já tinha sido suficientemente explorado durante a entrevista coletiva, partia-se para uma nova frase. As frases selecionadas para os dois grupos foram as seguintes:

1- Como é o clima nesta escola? As relações aqui na sua escola?

2- O que mais facilita e o que mais dificulta a participação nas aulas? Que tipo de escola os alunos desejam? É a mesma escola que os estudantes da ocupação desejavam?

3- O que os estudantes queriam mostrar com as práticas cotidianas durante as ocupações? Que recado queriam dar e para quem?

4- Como vocês viam o uso das mídias durante o movimento?

5- A maneira de os professores darem suas aulas (metodologia) mudou após as ocupações?

6- A gestão escolar mudou após o movimento?

7- Houve impacto do movimento na construção de uma escola mais democrática?

8- Qual legado o movimento teria deixado? Qual teria sido o maior ganho?

Outra técnica também adotada pela pesquisa foi a entrevista individual estruturada com professores, diretores, um agente da Seeduc, um ex-diretor e um estudante egresso. Nestes casos, a adoção dessa técnica respondeu à necessidade de conhecer o universo em que estavam inseridos esses atores, diante de um episódio inovador e totalmente conduzido por estudantes<sup>21</sup>. Cabe ressaltar que, em função do tempo disponível para o fechamento desta tese, foi feita a escolha de analisar apenas o material coletado durante as entrevistas coletivas e uma

---

<sup>21</sup> Ver roteiros específicos no Anexo IX.

entrevista individual com um estudante egresso, suspendendo, assim, a análise das falas dos outros atores institucionais.

As entrevistas coletivas com os estudantes foram realizadas nas escolas, com a autorização dos professores, durante o horário escolar, a partir dos termos de consentimento livre e esclarecido assinados pelos estudantes.

O registro das entrevistas foi audiovisual, e a duração de cada uma delas foi, em média, de 40 minutos. Cada um dos dois grupos de estudantes, favorável e contrário, foi ouvido sequencialmente, exceto no C. E. José Leite Lopes, onde as entrevistas foram realizadas em datas distintas. Os nomes dos estudantes que aparecem nas citações dos depoimentos são fictícios, de modo a preservar suas identidades.

A pesquisa de campo teve início com a entrevista individual realizada com o aluno egresso, no dia 14 de abril de 2018, em espaço público fora da escola, e teve duração de uma hora.

Cabe ressaltar que o primeiro contato com o aluno egresso do C. E. Amaro Cavalcanti foi em uma universidade pública do Rio de Janeiro, na ocasião em que o mesmo estava sendo homenageado junto com o diretor da sua escola por sua militância no movimento. Nesse momento, o convidamos para participar da pesquisa e a entrevista foi marcada posteriormente, cerca de um ano depois.

As entrevistas coletivas com os estudantes aconteceram no dia 17 de maio no C. E. Mendes de Moraes, e no dia 07 de junho no C. E. Amaro Cavalcanti. No C. E. José Leite Lopes, as entrevistas tiveram que ser realizadas em duas datas diferentes: no dia 24 de maio com o grupo favorável à ocupação e no dia 15 de junho com o grupo contrário.

## 4 Escolas pesquisadas e sua contextualização

### 4.1 Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes

O Colégio Prefeito Mendes de Moraes foi o primeiro colégio ocupado no estado do Rio de Janeiro. Sua ocupação ocorreu no dia 21 de março, e foi totalmente desocupado no dia 16 de maio de 2016, de acordo com dados da Seeduc e das mídias.



Figura 6. Entrada do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes em 2018.  
Fonte: Acervo da autora, 2017.

O Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, localizado no bairro da Freguesia na Ilha do Governador, na Zona Norte do Rio de Janeiro, oferece Ensino Médio regular e funciona em três turnos.

Foi inaugurado em 8 de junho de 1949, pelo General de Divisão e Prefeito do Distrito Federal Angelo de Moraes, com o nome de Ginásio Municipal Prefeito Mendes de Moraes, iniciando suas atividades escolares no ano seguinte com três turmas preparatórias e uma turma de curso Ginásial. Em 1970, foram implementados os cursos técnicos e profissionalizantes.

Com a fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro, passou a se denominar Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, constituindo o único estabelecimento de ensino da rede pública estadual de 2º grau com oferta dos três turnos na Ilha do Governador.

Em 1984, é criado o curso de formação para o magistério. Em 1995, atendendo a uma proposta de administração escolar da Secretaria de Estado da Educação, é criada a associação de apoio à escola, que apresenta um projeto de participação coletiva na área de gerenciamento escolar, procurando resgatar a qualidade do colégio público e a sua importância no desenvolvimento cultural, político e social dos jovens.

A pesquisa buscou conhecer os diferentes atores dessa unidade escolar e indagar sobre suas percepções das ocupações. Em uma conversa informal com a professora de Espanhol e Português, que foi aluna da escola em 1970, podemos constatar que há um sentimento de saudosismo do prestígio passado do colégio e de sua capacidade de selecionar os alunos. Segundo a professora:

O Mendes nos anos de 1970 era o melhor colégio do Estado da Guanabara. Tinha concurso e só os melhores alunos da rede pública entravam diretamente. Era o maior orgulho estudar no Mendes. Eu tinha orgulho de ser daquela escola. Quem ia para a rede particular eram os piores alunos. Não tinha diferença de classe social, eram os melhores alunos. A escola foi convidada para receber os restos mortais de D. Pedro nos anos 70, no Museu da Quinta da Boa Vista porque era a melhor escola do Estado da Guanabara. (Relato de uma professora do Colégio em uma conversa informal 03/05/2018).



Figura 7. Fotografia da vitrine na sala dos professores -Térreo  
Fonte: fotografia tirada pela autora, 2018.

Há outros indícios de que a escola ainda cultua o passado. Isto pode ser percebido na sala dos professores, onde há uma vitrine com todos os troféus recebidos pela escola, que demonstra o orgulho pelas medalhas obtidas e onde alguns professores recordam dos momentos vividos em outras décadas.

De acordo com o diagnóstico socioeconômico registrado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, elaborado em 2015, parte dos estudantes mora próximo à instituição, na Ilha do Governador, mas outra parte deles mora distante, nas comunidades da Maré, no Morro do Timbau e na Vila do João. Quando se considera a renda familiar, e segundo o artigo 34 do Projeto Político Pedagógico, vemos que 10% das famílias recebe menos de 1 salário mínimo; 20%, de 2 a 4 salários mínimos; 25%, 6 salários mínimos; 25%, de 7 a 9 salários mínimos, e 20% recebe mais de 10 salários mínimos.

Ainda de acordo com o diagnóstico do PPP, a composição familiar dos estudantes, em sua maioria, não foge ao padrão pai, mãe e filhos.

De acordo com os dados fornecidos no ano de 2018, o colégio tem uma diretora geral e três diretores adjuntos. No quadro docente, contabilizam-se 110 professores, um agente de leitura responsável pelas atividades da biblioteca, uma secretária escolar; uma assistente de secretaria e uma inspetora geral, em um total de 137 funcionários. Os docentes possuem graduação/Licenciatura, e alguns deles cursam ou já concluíram o mestrado, além de cursos de especialização.

O quantitativo de estudantes, nos últimos três anos, por série, pode ser observado no Quadro 2.

Alunos do C. E. Prefeito Mendes de Moraes				
Ano	1ª Série	2ª Série	3ª Série	Total
2016	933	739	477	2.149
2017	795	675	489	1.959
2018	899	668	521	2.088

Quadro 2. Alunos do C. E. Prefeito Mendes de Moraes

Fonte: Dados fornecidos pela SEEDUC no início de maio de 2018.

Os dados apresentados no Quadro 2 nos permitem observar que, no ano da ocupação, em 2016, 933 estudantes foram matriculados na primeira série do Ensino Médio e somente 675 no ano seguinte (2017). Observa-se, ainda, que a cada ano há uma redução nas matrículas.

Total de estudantes					
Série/Ano <sup>22</sup>	Média de Idade	Total de Alunos	N.º Turmas		
			M	T	N
1 <sup>a</sup> /2018	16	811	0	19	4
2 <sup>a</sup> /2018	17	632	12	2	3
3 <sup>a</sup> /2018	18	502	9	0	3

Quadro 3. Total de estudantes por faixa etária, anos, turmas e turnos.

Fonte: Dados fornecidos pela escola no ano de 2018.

O número de turmas, por turno, em 2018, configura-se da seguinte forma: matutino, 12 turmas de 2º ano e 9 turmas de 3º ano, com média de idade de 17 e 18 anos; turno da tarde, 19 turmas de 1º ano e 2 turmas de 2º ano; período noturno, 4 turmas de 1º ano; 3 turmas de 2º e 3º ano.

Segundo dados do Censo 2017, no que diz respeito à infraestrutura, dependências e equipamentos, o colégio oferece: alimentação para os alunos; água filtrada; água da rede pública; energia da rede pública; esgoto da rede pública; lixo destinado à coleta periódica; acesso à internet e banda larga.



Figura 8. Auditório onde foram realizadas as entrevistas coletivas.

Fonte: fotografia tirada pela autora, 2018.



Figura 9. Estudantes que se disponibilizaram para a entrevista coletiva.

Fonte: fotografia tirada pela autora, 2018.

O prédio possui um auditório, 23 salas de aulas, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca, sala de leitura, banheiro fora do prédio e dentro do prédio adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e todas as dependências e vias de acesso também atendem a esses estudantes, possui, ainda,

<sup>22</sup> Utilizarei as palavras “série” e “ano” como sinônimos. De acordo com a Base Nacional Comum (BNCC), utiliza-se a nomenclatura série, mas usualmente os estudantes utilizaram (ano) para se referir ao período cursado no Ensino Médio.

sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório e pátio coberto.

Em termos de equipamentos, a escola possui computadores para uso administrativo, computadores para estudantes, televisão, videocassete, DVD, antena parabólica, copiadora, impressora, aparelho de som, projetor multimídia (datashow), fax e câmera fotográfica/filmadora.

O colégio está localizado em uma área pouco movimentada no bairro da Freguesia na Ilha do Governador. A vizinhança é estratificada e reúne moradores de classe média, média baixa e de favelas, consideradas relativamente perigosas. O local não é bem servido pelo transporte público, contando com poucas linhas de ônibus.

A diretora é servidora pública do estado há 18 anos e ministrou aulas de Biologia por 14 anos. Sua formação foi na Faculdade de Humanidades do Colégio Pedro II<sup>23</sup>, e também tem pós-graduação cursada na UFRJ. Está no cargo de direção há um ano e meio, tendo sido eleita pelos estudantes contrários ao movimento, após a desocupação da escola. Em conversa inicial, a diretora relatou que assumiu o cargo na condição de candidata eleita pela comunidade escolar que era contra o movimento das ocupações; “Venceu a chapa do bem”, segundo a fala da diretora. A chapa do bem era representada pelos estudantes que eram contrários às ocupações.

Ao ser solicitado o contato com os estudantes, a diretora indicou ex-alunos, mas, como pesquisadora, insistiu que precisava conversar com os estudantes que se encontravam frequentando a 3ª série no colégio.

---

<sup>23</sup> O Conselho Nacional de Educação descredenciou a Faculdade de Humanidades Pedro II (Fahupe), particular, que funcionou no prédio do colégio Pedro II, uma autarquia federal.

## 4.2 Colégio Estadual José Leite Lopes - NAVE

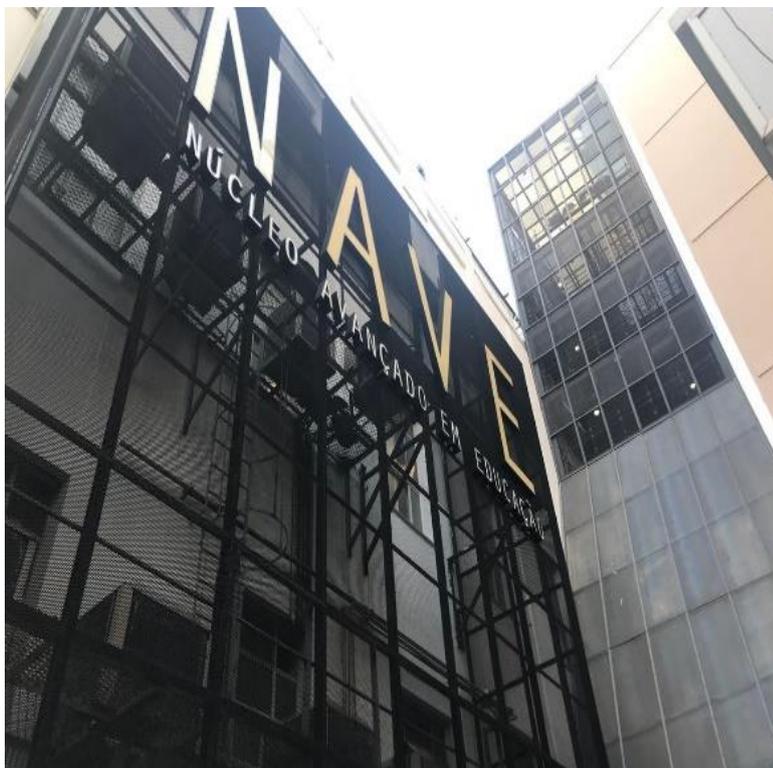


Figura 10. Entrada do Colégio Estadual José Leite Lopes, em 2018.  
Fonte: Fotografia tirada pela autora, 2018.

O Colégio Estadual José Leite Lopes foi criado em 2008, e recebeu seu nome em homenagem ao pesquisador José Leite Lopes, personalidade fundamental para a criação e consolidação da física teórica no Brasil. O programa NAVE foi inspirado, pensado e construído visando à formação integral do cidadão.

Localizado em uma área bem movimentada no bairro Andaraí, grande Tijuca, sua vizinhança é socialmente bastante diversificada. Há em seu entorno também um Batalhão de Polícia Militar. O local é bem servido pelo transporte público, contando com várias linhas de ônibus e metrô nas proximidades e a facilidade de chegar a centros comerciais e de lazer.

Atendia, em 2018, 413 alunos no prédio que pertenceu a uma antiga companhia telefônica, atualmente a empresa denominada OI. Trata-se de uma escola de ensino profissionalizante em tecnologia de multimídia e fruto da parceria entre a Secretaria de Estado da Educação e o Instituto Oi Futuro.

Em 2009, a unidade escolar foi eleita pela Microsoft como uma das 32 unidades de ensino mais inovadoras do mundo. O Colégio Estadual José Leite Lopes,

que integra o projeto Núcleo Avançado em Educação (NAVE) , funciona em horário integral e oferece cursos de Multimídia, Roteiro para Mídias Digitais e Programação de Jogos Digitais. O projeto<sup>24</sup> tem duração de três anos e teve início em 2015.

Com essa iniciativa, a Secretaria e a Oi Futuro têm como meta produzir uma formação diferenciada e de excelência. A proposta é preparar os jovens para um futuro como roteiristas, programadores, designers e gestores de TV digital, internet, celular e jogos eletrônicos.

O colégio é referência na modalidade Ensino Médio Integrado à Educação profissional, reconhecido regional e nacionalmente pela qualidade do ensino que ministra, pelas práticas inovadoras e criativas que utiliza, pelo trabalho participativo e comprometido que realiza, pela competência profissional da sua equipe e pelo respeito à comunidade escolar.

Ano Censo	Unidade Escolar	1ª Série	2ª Série	3ª Série	Total
2016	CE JOSE LEITE LOPES	155	114	106	375
2017	CE JOSE LEITE LOPES	164	123	120	407
2018	CE JOSE LEITE LOPES	179	149	110	438

Quadro 4. Quantitativo de estudantes do C. E. José Leite Lopes nos últimos três anos por série.  
Fonte: Dados fornecidos pela SEEDUC em início de maio de 2018.

No ano em que o colégio foi ocupado, em 2016, observa-se que o quantitativo de estudantes no terceiro ano foi o menor dos três anos apresentados. Ainda se percebe, no mesmo ano, que 155 estudantes foram matriculados no primeiro ano do Ensino Médio e somente 123 no ano seguinte (2017).

Série/Ano	Média de idade	Total de alunos	N.º de turmas
1º E.M.	16	151	4
2º E.M.	17	122	4
3º E.M.	18	130	4
TOTAL		403	12

Quadro5. Total de estudantes por faixa etária e turmas em 2018.  
Fonte: Dados fornecidos pela escola no ano de 2018.

<sup>24</sup> Para um maior aprofundamento sobre o projeto e os cursos ministrados, *Roteiro para Mídias Digitais; Multimídia e Programação de Jogos*, ver revista *NAVE inspirações para novas práticas*.

No primeiro ano do Ensino Médio, o colégio apresentava quatro turmas com um total de 151 estudantes, no segundo, 122, em 2017, e no terceiro 130, em 2018.

Segundo dados do Censo 2017, no que diz respeito à infraestrutura, às dependências e aos equipamentos, o colégio possui: alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, coleta periódica de lixo, acesso à internet e banda larga.

Parte dos estudantes mora próximo à escola, o que é uma exigência da 1ª fase da matrícula fácil. A outra parte, geralmente com acesso à escola na 2ª fase da matrícula fácil, é composta por alunos que moram em locais bem distantes, como Xerém, São Gonçalo, Vargem Grande, Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Maricá.

São ao todo 45 funcionários no colégio e 15 salas de aula, incluindo sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, cozinha, biblioteca, banheiro fora do prédio, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, pátio coberto e pátio descoberto.

Os docentes possuem graduação em Licenciatura, alguns estão cursando ou já concluíram mestrado e/ou doutorado, além de cursos de especialização. O perfil dos educadores do ensino regular e técnico é definido em conjunto pela Seeduc e a OI Futuro, e esses profissionais passam por uma análise de perfil e por entrevista antes de assumir a escola.

Trata-se de um grupo qualificado de professores, uma diretora geral e uma diretora adjunta. Conta, ainda, com três merendeiras de firma terceirizada pela Seeduc, além da equipe de funcionários da Oi, que zelam pela segurança patrimonial, limpeza, manutenção predial, e dos técnicos de informática.

A escola disponibiliza computadores para a administração e para os estudantes, além de projetor multimídia (datashow) e câmera fotográfica/filmadora.



Figura 11. Sala de Germinação  
Fonte: Fotografia tirada pela autora, 2018.



Figura 12. Espaço de convivência  
Fonte: Fotografia tirada pela autora, 2018.

A sala denominada de *Germinação* é o local onde os estudantes pensam os projetos que irão desenvolver. É uma sala toda de vidro e bem equipada com recursos tecnológicos. A entrevista coletiva com os estudantes a favor das ocupações foi realizada nesse espaço. Por um lado, o local parecia interessante pela proposta metodológica utilizada na pesquisa que incluía a assistência ao vídeo gatilho; por outro, o local promovia a dispersão dos estudantes, que ficavam atraídos pela movimentação externa.

Os cursos ofertados na unidade escolar estão intimamente ligados entre si e apresentam conteúdos complementares. Por este motivo, os estudantes são admitidos para a 1ª série básica, onde têm oportunidade de conhecer as especificidades de cada curso. Durante o primeiro ano, os alunos recebem informações sobre as disciplinas específicas e sobre a atuação profissional em cada área de formação. Desse modo, espera-se que, na transição para a 2ª série, os estudantes estejam aptos a decidir, com o suporte da equipe da unidade escolar, o curso mais adequado às suas habilidades.

Cabe ressaltar que ocorreram algumas mudanças no ano de 2016, que alteraram vários procedimentos relatados pelos estudantes e docentes durante as entrevistas, uma delas é o fato de que os estudantes passaram a ter que optar pelo curso já no momento da matrícula, o que, em sua concepção, é algo negativo.

### 4.3 Colégio Estadual Amaro Cavalcanti

O Colégio foi ocupado no dia 14 de abril de 2016, desocupado parcialmente no dia 2 de junho de 2016 e totalmente desocupado no dia 28 de setembro de 2016, e foi o primeiro colégio da zona sul a ser ocupado e o que teve a ocupação mais longa, com duração total de cinco meses.



Figura 13. Fachada do Colégio Estadual Amaro Cavalcanti, em 2018.  
Fonte: fotografia tirada pela autora, 2018.

Localizado no Largo do Machado, é uma das quatro “escolas do imperador” construídas por ordem de D. Pedro II. O prédio foi projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt Silva, nos anos de 1874 e 1875, e tombado em 1990. Foi inaugurado em 10 de abril de 1875, com o nome de Escola da Freguesia de Nossa Senhora da Glória, passando posteriormente a chamar-se Escola José de Alencar e recebendo, em 1963, o nome atual em homenagem ao prefeito Amaro Cavalcanti.

Além da atividade escolar, o prédio abrigou as “Conferências populares da Glória”, uma série de encontros entre intelectuais que aconteceram no Rio de Janeiro entre 1873 e 1888, com discussões sobre temas como educação, o papel da mulher, literatura, teatro, história e saúde pública. Em 1929, foi usado pela então Secretária de Educação, Cecília Meirelles, para uma exposição de cinema educativo. Entre 1935 e 1939, foi sede da Universidade do Distrito Federal

(UDF), criada por Anísio Texeira, com cursos superiores em Ciências, Educação, Economia, Direito, Filosofia e Artes.

Os estudantes que frequentavam o colégio em 2018 moravam em diferentes localidades, tais como os bairros Tijuca, Glória, Laranjeiras, Vila da Penha, São João de Meriti, Ramos, dentre outras localidades, o que revela que muitos dos estudantes moram longe do colégio. Com o fácil acesso proporcionado por várias linhas de ônibus e pelo metrô, a distância parece não ser um complicador para os estudantes. Em entrevista, a discente relatou que, mesmo morando distante, fez a matrícula ali, pela boa fama do colégio (bons professores).

Segundo dados do Censo 2017, no que diz respeito à infraestrutura, dependências e equipamentos, o colégio possui alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, esgoto da rede pública, coleta periódica de lixo, acesso à internet e banda larga.

O colégio é equipado com computadores administrativos; computadores para alunos; TV; DVD; antena parabólica; retroprojektor; impressora; aparelho de som; projetor multimídia (datashow) e câmera fotográfica/filmadora.

Possui 169 funcionários e 24 salas de aulas. Tem também sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca, banheiro fora do prédio, banheiro dentro do prédio, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório e pátio coberto.

A unidade escolar fica na Praça do Largo do Machado, na divisa dos bairros Catete, Flamengo e Laranjeiras, na Zona Sul da cidade. Os serviços e o comércio são a principal atividade econômica do bairro, que é frequentado todos os dias por milhares de pessoas das mais variadas classes sociais.

No período das visitas de campo, ao chegar ao Colégio, visualizamos uma faixa com os dizeres: “Menos soldados e mais professores. Só os direitos civis e sociais pacificam a Sociedade”, caracterizando uma crítica à intervenção militar federal que se iniciava no Rio de Janeiro.

Conforme vídeo postado nas redes sociais<sup>25</sup>, o Amaro é considerado uma escola identificada historicamente com os movimentos estudantis, o que é

---

<sup>25</sup> Vídeo #ocupaamarooocupaçãoseducaçãoamarocavalcante.

atestado pelas falas de alguns dos entrevistados e pelos cartazes afixados nas paredes do prédio e sua alusão a problemas sociais.



Figura 14. Cartaz “Cadê os nossos direitos?”, construído pelos estudantes, 2018  
Fonte: Fotografia tirada pela autora, em 2018.



Figura 15. Cartaz construído pelos estudantes, 2018  
Fonte: Fotografia tirada pela autora, em 2018.



Figura 16. Cartaz “Que democracia é essa?”, construído pelos estudantes, 2018  
Fonte: Fotografia tirada pela autora, em 2018.

Ao visualizar os cartazes e suas temáticas, percebemos que há uma discussão sobre os problemas sociais enfrentados no cotidiano desses estudantes e que são discutidos no colégio.

Embora tenha ocorrido uma queda na matrícula para a 1ª série no ano de 2017, um ano após as ocupações, o número de matrículas aumenta no ano de 2018, conforme o quadro a seguir.

O quadro 6 mostra o número de estudantes nos últimos três anos de acordo as turmas e séries.

Ano Censo	Unidade Escolar	1ª Série	2ª Série	3ª Série	Total
2016	C. E. AMARO CAVALCANTI	802	617	345	1.764
2017	C. E. AMARO CAVALCANTI	588	540	464	1.592
2018	C. E. AMARO CAVALCANTI	810	519	505	1.834

Quadro 6. Quantitativo de estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti nos últimos três anos, por série.  
Fonte: Dados fornecidos pela SEEDUC em início de maio de 2018.

## 5

### **Análise das entrevistas coletivas: alguns pontos de partida e de chegada**

Na análise do material proporcionado pelas entrevistas coletivas com os estudantes dos três colégios pesquisados, levamos em conta categorias de análise que foram sendo definidas no trânsito entre, de um lado, as referências aportadas pela revisão de estudos sobre o tema e, de outro lado, pela empiria constituída pelas falas dos estudantes.

O trânsito entre a literatura e a empiria nos permitiu perceber a ocupação das escolas pelos estudantes como uma forma de ação coletiva, que busca pressionar o poder público, posicionando-se no próprio espaço público institucional da escola. Esta reapropriação do espaço escolar teria contribuído para projetar entre os participantes um sentimento de pertencimento e de inclusão na escola, que teria acontecido em meio a uma ruptura com as formas hierarquizadas e centralizadas de exercício da autoridade educacional, pela introdução de relações mais horizontalizadas entre os participantes, que incluem novas formas de articulação com a comunidade escolar e com a sociedade civil. Por meio das ocupações, os estudantes “foram ouvidos” e promoveram mudanças na relação com os professores, com a direção das escolas, com a Seeduc e, ainda, com representantes do Ministério Público.

A prática organizacional das ocupações mostra também formas pouco institucionalizadas de decisão e de deliberação, baseadas, na maior parte das vezes, em assembleias e votações. A ocupação das escolas esteve marcada, ainda, pelo *ciberativismo*, pelo uso da comunicação digital pelos estudantes para divulgação de suas reivindicações e como forma de expansão das posições do movimento estudantil, o que, mais uma vez, contrasta com a forma linear e enclausurada de comunicação existente entre estudantes e autoridades educacionais e escolares.

Em síntese, o trânsito entre teoria e empiria permitiu perceber o quanto as experiências das ocupações nos três colégios pesquisados guardam sintonia com as novas formas de ação coletiva, caracterizadas por sentimentos fluidos de pertencimento e identidade e por uma organização que remete a formas contrárias à hierarquia e à centralização do poder, e que promove relações mais horizontais,

a adesão de novos atores, as decisões coletivas, bem como a ocupação das ruas e dos espaços institucionais.

## 5.1

### **Anotações sobre o campo, seus sujeitos e a pesquisa**

Na organização do trabalho de campo, encontramos apoio nos estudos que se debruçam sobre as identidades individuais e coletivas (SNOW, 2001; DE FINA, 2003; 2006; MOITA LOPES, 2003; BUCHOLTZ; HALL, 2005; HALL, 2011). Essas referências sobre as construções indentityárias dirigiram nosso olhar para os estudantes na situação de interação coletiva que foi propiciada pela entrevista coletiva e pela discussão no grupo. Trata-se de modalidades de entrevistas grupais que envolvem o uso da linguagem e implicam ações em relação a diversos “outros” em um contexto interacional particular (MOITA LOPES, 2003).

Como exposto no capítulo 3, as entrevistas coletivas foram acompanhadas pela exibição do vídeo gatilho, em momentos diferentes para cada grupo de estudantes identificado como favorável e contrário à ocupação. O vídeo teve o objetivo de evocar o compartilhamento de uma experiência comum com potencial de fazer emergir, de acordo com Snow (2001), um “nós” construído na interação, que é facilmente contrastado diante de “outros” (SNOW, 2001).

Ao procurar compreender o significado da ocupação para dois grupos de estudantes que se posicionaram de forma oposta durante o evento, consideramos na perspectiva de Bucholtz e Hall (2005), que a construção identitária coletiva pode se dar a partir de um paradigma da diferença, que salienta aqueles que estão dentro e aqueles que estão fora do grupo (*in-group* x *out-group*). Em outras palavras, podemos entender as identidades do grupo favorável e do grupo contrário à ocupação como um fenômeno que se estabelece em um jogo de diferenças e de semelhanças diante do outro, de modo social e relacional (FABRÍCIO; BASTOS, 2009).

Durante as entrevistas coletivas, realizadas dentro de cada agrupamento de estudantes, foram feitas referências a posições, julgamentos, papéis, *status*. Estes elementos foram expostos e interpretados na situação de entrevista coletiva, num

processo de (re)construção de identidades que têm sua origem na experiência comum da ocupação (OCHS, 1993).

Cada conjunto de entrevistas permitiu identificar identidades e significados particulares e também coletivos, que têm sua origem nas experiências de mobilização e ocupação estudantil.

As cenas inseridas no vídeo Gatilho tiveram a finalidade de evocar nos estudantes o momento vivido.

## 5.2 Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes

No estado do Rio, as ocupações tiveram início no dia 21 de março de 2016 e se encerraram no dia 07 de dezembro de 2016. O C. E. Prefeito Mendes de Moraes é uma unidade escolar bastante representativa, porque foi a primeira escola ocupada no estado do Rio de Janeiro.

Os estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes tentaram ocupar, simultaneamente, além deste colégio, também o C. E. Professora Maria de Lurdes de Oliveira - Tia Lavor, o que não foi possível, porque nem todos os estudantes apoiaram a ocupação. Essa iniciativa era vista como algo novo, como uma ação para a qual muitos dos estudantes não tinham experiência, inclusive o movimento estudantil.

No Mendes, a falta de “ar condicionado” nas quentes salas de aula foi o ponto de partida para que os estudantes pedissem acesso à prestação de contas da escola. Após contato pelas redes sociais com estudantes de São Paulo, e de uma pesquisa nas redes sociais sobre como ocupar uma escola, os estudantes do Mendes organizaram duas assembleias, uma em cada turno escolar, que decidiram pela ocupação do colégio.

Diferentemente da ocupação dos colégios no estado de São Paulo, no Rio de Janeiro, o movimento se inicia em apoio à greve dos professores e contra a precarização da infraestrutura das escolas e os cortes no orçamento da educação, especificamente no Ensino Médio.

No Mendes, a ocupação foi deslanchada após uma manifestação silenciosa dentro da escola, em que os estudantes sentaram no corredor em protesto contra o calor e a falta de funcionamento do ar condicionado. Posteriormente, eles

realizaram duas passeatas em sub-bairros da Ilha do Governador, de modo a pressionar a escuta da direção e a tornar públicas suas necessidades e reivindicações.

Os estudantes que, por meio das mídias tradicionais e amadoras, já conheciam o movimento e a maneira como eles poderiam organizá-lo, então iniciaram a ocupação no Colégio Prefeito Mendes de Moraes.

Se o funcionamento dos aparelhos de ar condicionado marcou o início das reivindicações dos estudantes, logo, a pauta dos secundaristas passou a incluir a exoneração do diretor; o aumento da carga horária das disciplinas de Sociologia e Filosofia; material escolar; espaço de escuta para os estudantes; passe livre estudantil, uso dos laboratórios e de outros espaços da escola; manutenção da infraestrutura escolar; complementação do quadro de professores; retirada do Saerj e Saerjinho; abolição do currículo mínimo e oferta de conteúdos sintonizados com o Enem.

No dia 17 de maio de 2018, ao chegar ao colégio, às 8h, mesmo tendo previamente avisado da visita à direção e deixado na instituição os documentos referentes ao consentimento para a participação na pesquisa (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), nem professores, nem estudantes tinham sido comunicados da minha visita. No caso dos estudantes, também seus responsáveis não tinham sido comunicados sobre a pesquisa.

Apesar disso, ao chegar ao colégio com gravador, computador, ficha de identificação, caixa de som e duas assistentes, a direção disse que eu poderia tentar falar com os estudantes e convidá-los para as entrevistas.

Solicitei um espaço e me foi concedido o auditório, e enquanto minhas colaboradoras, Márcia Gentile e Sheila Arantes, montavam o equipamento, fui de sala em sala da 3ª série para me apresentar e pedir para os professores que, se possível, liberassem os estudantes para o nosso encontro, que começaria na hora do recreio, e provavelmente se estenderia para a aula seguinte. Imaginei que, por ser a hora do recreio, os estudantes não fossem estar disponíveis para participar da pesquisa.

Ao chegar ao auditório, o estudante recebia um papel de cor amarela caso se posicionasse contrário ao movimento, e aqueles posicionados favoravelmente recebiam um papel azul. Neles, deveriam anotar o pseudônimo que gostariam de

ter na pesquisa, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de preencherem uma ficha de identificação.

Os estudantes foram chegando ao auditório e declarando seu posicionamento, sendo divididos em dois grupos, conforme se manifestassem favoráveis (Grupo A) ou contrários (Grupo B) à ocupação. Como formou-se primeiro um grupo de 8 alunos que eram contrários, iniciamos a exibição do vídeo com o grupo B e solicitamos que os outros estudantes retornassem após a saída desse grupo.

Após explicar toda proposta, iniciamos a exibição do vídeo Gatilho e a realização da entrevista coletiva, e, posteriormente, demos continuidade ao grupo de discussão. Para minha surpresa, mesmo chegando a hora do recreio, os estudantes continuaram no auditório, entusiasmados e participativos.

Ainda não havíamos concluído a atividade, e o grupo de nove estudantes favoráveis ao movimento, que denominamos Grupo A, já estava batendo na porta para entrar no auditório. O tempo de duração das atividades nos dois grupos foi o mesmo, aproximadamente uma hora.

Na minha percepção, ao iniciarmos a entrevista coletiva utilizando os blocos temáticos mostrados no quadro 1, “Roteiro da Entrevista Coletiva”, os estudantes de ambos os grupos participavam com entusiasmo.

Os objetivos e a forma como foi editado o vídeo Gatilho foram explicados para os estudantes antes da sua exibição. Logo após a exibição do vídeo, iniciamos a entrevista coletiva com as seguintes perguntas: “o que mais chamou a atenção de vocês nesse vídeo?” e “a que o vídeo os remeteu?”

As análises das entrevistas foram organizadas, basicamente, nas seguintes categorias: 1) Revisitar a ocupação; 2) Ser ouvido; 3) Apoio recebido; 4) Organização da ocupação; 5) Gostar da escola; 6) Coletivo(s), posicionamento(s) e ambiguidade(s) e 7) Comunicação.

Os quadros 7 e 8 apresentam informações sobre o perfil dos estudantes posicionados, respectivamente, a favor e contrários ao movimento, que foram coletadas por meio da ficha de identificação.

Idade	Rede de ensino em que concluiu EF	Planos após concluir o Ensino Médio	Trabalha	Faz algum curso	Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
16	Particular	Cursar uma faculdade	Não	Sim. Pré-vestibular	Pós-graduação	Técnico de Informática	Do lar
17	Municipal	Ainda não decidiu	Sim. Estágio	Não	Ensino Fundamental	-	Doméstica
17	Particular	Cursar uma faculdade	Não	Sim. Pré-vestibular	Pós-graduação	Autônomo	Funcionária pública
17	Particular	Ingressar no mercado de trabalho	Não	Sim. Computação	Faculdade	Atendente de Loja	Escritório da Prefeitura
17	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Sim. Pré-vestibular	1º ao 5º	-	-
18	Municipal	Cursar uma faculdade e mercado de trabalho	Não	Não	1º ao 5º	-	Auxiliar de cozinha
18	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Não	1º ao 5º	-	-
19	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Não	-	-	-

Quadro 7. Caracterização dos estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes a favor do movimento.

Fonte: Quadro elaborado com base na ficha de identificação.

Dos nove estudantes posicionados a favor do movimento que foram entrevistados: cinco eram mulheres e quatro homens; cinco eram oriundos de escola pública e quatro da rede particular. Quanto à faixa etária, um estudante tem 16 anos, quatro têm 17, dois têm 18 e um deles, 19 anos. Em relação aos seus planos após conclusão do Ensino Médio, cinco estudantes desejam cursar uma faculdade; um pretende cursar a faculdade e ir para mercado de trabalho; um deles quer ingressar no mercado de trabalho, um participante não se apresentou e também não preencheu o formulário, embora tenha se identificado como *Tiago* e participado ativamente durante a entrevista, e um deles ainda não tinha decidido o

que fazer após concluir o Ensino Médio. Todos eles moram perto do colégio, em bairros na Ilha do Governador e na Comunidade da Maré. Somente um deles faz estágio, e os demais não trabalham.

Quanto ao grau de escolaridade dos pais ou responsáveis, dois possuem pós-graduação; um fez graduação; um deles tem o Ensino Fundamental completo; três fizeram o primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Os responsáveis possuem ocupações variadas, tais como: motorista, autônomo, atendente de loja, funcionária pública, doméstica, entre outros.

Quatro estudantes fazem curso pré-vestibular, e entre os estudantes a favor do movimento, Gastronomia, Medicina, Comunicação Social, História, Geologia, Biomedicina e Letras são as escolhas após a conclusão do Ensino Médio, de acordo com os dados obtidos por meio da apresentação dos estudantes.

O quadro a seguir apresenta uma caracterização dos estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes contrários ao movimento das ocupações das escolas.

Idade	Rede de ensino em que concluiu EF	Planos após concluir o Ensino Médio	Trabalha	Faz algum curso	Grau de escolaridade e dos pais ou responsáveis	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
17	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Não	1º ao 5º	Gari	Auxiliar de serviços gerais
17	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Não	EM	Militar	Cabeleireira
17	Municipal	Ingressar no mercado de trabalho	Não	Sim. Manicure, pedicure e designer de sobrancelhas	E M	Gerente	Doméstica
17	Municipal	Cursar uma faculdade	Sim. Garçon	Sim. Preparatório Militar	Faculdade	-	Atendente de desembarque
17	Municipal	Ainda não decidiu	Não	Sim. Enfermagem	6º ao 9º ano	-	Doméstica
18	Municipal	Cursar uma faculdade	Sim. Administração de documentos	Não	Ensino Médio	-	Diarista
18	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Sim. Inglês	1º ao 5º	Empresário	Doméstica
18	Municipal	Cursar uma faculdade	Loja de serviços automotivos	Não	Faculdade	-	-
19	Particular	Cursar uma faculdade	Sim. Auxiliar de Aeroporto	Sim. Inglês	Faculdade	Treinador de Futebol	Do lar

Quadro 8. Caracterização dos estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes contrários ao movimento.

Fonte: Quadro elaborado com base na ficha de identificação

Dos nove estudantes contrários à ocupação, cinco eram mulheres e quatro homens, o que, em termos de composição sexual, equipara os dois grupos. Oito deles são oriundos da rede pública e um da rede privada. Quatro possuem 17 anos, três têm 18 anos e um 19. Quanto aos seus planos após o Ensino Médio, seis desejam cursar a faculdade, um deseja ingressar no mercado de trabalho e outro

ainda não decidiu. Quatro trabalham e cinco não trabalham e fazem cursos em paralelo aos estudos.

Quanto à escolaridade dos pais, esta é bastante variada, três possuem nível universitário, três o Ensino Médio e dois o Ensino Fundamental primeiro segmento e um deles o Ensino Fundamental segundo segmento.

Os responsáveis possuem ocupações variadas, tais como: doméstica; serviços gerais; diarista; gari; cabeleireira; militar; treinador de futebol; gerente e empresário.

Em comparação com os estudantes favoráveis, algumas características, como a ocupação e a escolaridade dos pais do grupo contrário à ocupação, podem ajudar a entender a maior inserção desses estudantes no mercado de trabalho, ou seja, sua condição de estudantes trabalhadores e, também, seu posicionamento contrário à ocupação por razões mais acadêmicas do que políticas, baseadas no interesse na preparação para o ENEM. Voltaremos a este tema com a categoria *Gostar da escola*.

### ***Revisitar a ocupação....***

No C. E. Mendes de Moraes, ainda é marcante a diferença nas percepções da ocupação entre os estudantes que se posicionaram de maneira oposta. Entre estudantes mais alinhados com a oposição à ocupação, houve desacordo em relação às cenas do vídeo que mostravam depoimentos que afirmavam o cuidado com a escola praticado pelos estudantes envolvidos na ocupação.

*Critiano Ronaldo (D) A primeira vez que eu vi eles fazendo um vídeo varrendo a escola - entre aspas - uma limpeza...*

*Deby (D): ...isso só aconteceu na primeira semana.*

*Luna (D): e quando a gente tentou entrar, desocupar, digamos assim, a gente viu pelas salas, as salas estavam todas sujas, tinha camisinha nas salas, a cozinha estava imunda, estava muita suja.*

Já os estudantes favoráveis à ocupação expressaram um sentimento de boas lembranças da experiência vivenciada. Alguns deles ficaram visivelmente emocionados ao se depararem com aquelas cenas, demonstrando afeto pelo espaço escolar e pelos estudantes que abraçavam a mesma causa:

*Branca (O): Eu também tive vontade de chorar; porque, é como o João falou, a gente percebe a diferença como a pessoa trata a escola, você percebe todo mundo que ocupou tem carinho pelo espaço. Eu fui procurar o pessoal lá em cima, e o pessoal que não era, você (...) lembra, que é aquela pessoa que jogou coisa no chão, você se lembra daquela pessoa que quebrou coisa... eu fiquei emocionada,*

*porque é muita gente no mesmo lugar, com a mesma ideia tem carinho pela escola. Ah, eu vou chorar.*

Não se trata de julgar quem está certo ou errado, mas de reconhecer que existem formas diferenciadas de significar as experiências dos estudantes com o movimento de ocupação da escola. A nossa percepção é que a estratégia de considerar os dois grupos de estudantes permitiu contemplar uma identitária<sup>26</sup> coletiva construída pelos estudantes a partir das diferenças de posicionamento frente à ocupação ou, nas palavras de Snow (2011), de um “nós”, ao mesmo tempo inclusivo e excludente, que é construído na interação e nas diferenças entre os estudantes.



Figura 17. Estudantes do C. E. Prefeito Mendes de Moraes batendo palmas.

Fonte: Cena retirada do vídeo Gatilho, 3'55"

<<https://www.youtube.com/watch?v=yE7HqwZH6cs>>.

O vídeo Gatilho finaliza com uma cena dos estudantes do C. E. Mendes de Moraes batendo palmas e cantando “Ocupar resistir, lutar para garantir”.

### **Ser ouvido....**

O problema que serviu de disparador da ocupação naquela escola foi a falta de manutenção do ar condicionado. Os alunos reclamavam do excessivo calor dentro das salas de aula por falta de funcionamento do ar condicionado. Na busca por uma solução institucional, a primeira manifestação dos estudantes foi um

<sup>26</sup> O conceito de correspondência identitária apresentado por Snow e McAdam é utilizado para a compreensão dos processos que tornam convergentes as múltiplas dimensões da identidade individual.

protesto interno e silencioso. Eles ficaram sentados nos corredores da escola se recusando a entrar em sala de aula. Ao não serem ouvidos, os estudantes investiram em uma nova ação, desta vez mais pública e visível, com a realização de passeatas pelo bairro. Novamente, as reivindicações dos estudantes não foram ouvidas:

*Cristiano Ronaldo (D): Eu lembro que, no começo do ano, não tinha ar condicionado, no 1º ano. Não tinha ar condicionado em nenhuma das salas, e para o pessoal de manhã era mais razoável, e pra quem estudava à tarde estava aquele sol de 40º e ninguém conseguia ficar dentro da sala. Aí, todo mundo saiu da sala e sentou no corredor da escola, só que aí não deu muita vazão na época. Aí a gente foi, e fez uma passeata pela Ilha, todos os alunos de manhã e da tarde. Só que aí também não adiantou muito, e aí a gente fez a segunda passeata e também não adiantou nada de novo.*

Em face desse novo insucesso, a competência dos estudantes favoráveis à ocupação para estabelecer novas narrativas se materializa na ocupação da escola. Essa ocupação está na base da atenção que eles passaram a atrair de outras escolas, de autoridades educacionais, da justiça e das mídias, assim como também está na base de algumas das posteriores mudanças institucionais.

Na percepção dos estudantes favoráveis à ocupação, esta foi uma medida radical e necessária para promover a escuta de suas reivindicações, ou seja, uma estratégia para “ser ouvido”:

*Julia (O): Porque é a maneira de ser ouvida, porque eles não querem ouvir os alunos que, independente da situação.... Quem depende da escola somos nós, quem depende da educação pública somos nós. Então, a gente precisa da educação melhor para ter uma formação. A ocupação foi um meio até radical, mas era uma maneira que a gente precisava para ser ouvido.*

Os estudantes favoráveis demonstram perceber as reivindicações que fazem parte da pauta do movimento como expressão do interesse coletivo, de todos os estudantes que frequentam ou que vierem a frequentar a escola:

*Thiago (O): Eu acho assim, se ninguém faz, nada alguém tem que fazer. Alguns professores não concordam, não querem fazer porque acham que tá bom da maneira que está. A gente que depende da educação, porque nós somos o futuro. Uma educação melhor, não só pra gente, mas para aqueles que estão vindo também. Então, o pensamento seria o mesmo, fazer o melhor aos que estão vindo e pra gente agora.*

Durante as ocupações, os estudantes buscaram ser percebidos como agentes de mudança, como atores que agem para si e para a coletividade, como sujeito ativo do processo:

*Luis (O): Então, querendo ou não, um dia ele [a direção] vai ter que escutar. E esse dia chegou quando a gente ocupou. Porque ele teve que ouvir, porque as*

*redes sociais ficaram cheias, e ele viu que não era só o Mendes. Eram muitas escolas que estavam apoiando a gente.*

Algumas questões da pauta estudantil dizem respeito ao currículo mínimo e ao processo de avaliação. Os estudantes manifestaram desejar o ensino de conteúdos e a realização de avaliações mais próximas do modelo do ENEM, o que os teria levado a demandar a descontinuidade do Saerj e do Saerjinho, a solicitar a ampliação da carga horária de disciplinas, notadamente da Filosofia e da Sociologia, e a questionar a falta de professores em algumas disciplinas durante o ano letivo:

*Yuri (O): Porque, desde o momento que a gente chega no ensino médio a gente é obrigada a fazer uma prova que não tem a mínima conversação com o belo uso do porque a gente tá fazendo uma prova. Eu lembro que era uma prova caríssima, feita pela universidade Federal e que custava 30 milhões da rede estadual. Tinha professor de Física, a falta de professor no estado. Era um absurdo com a falta de professores a gente ter a mesma prova com uma defasagem entre as escolas. Era algo bem meritocrático mesmo, sem saber a realidade de cada escola. Questão que caía pra gente que tinha professor de Física e pro cara que estudava em Cabo Frio tinha a mesma questão. Com a falta de professor no estado, era um absurdo a gente ter uma prova assim. Era algo bem questionado.*

Na fala do estudante egresso, são retratados questionamentos quanto ao Saerj no que tange a seu custo/benefício. Além de denunciar a falta de professores, que também corrobora com a fala de estudantes do Mendes de Moraes.

Os estudantes desejavam a reformulação da avaliação externa, em virtude do alto custo e que, na sua percepção, era muito fácil e não atendia para que eles tivessem um melhor êxito no Enem, a promoção de debate sobre a forma de utilização da avaliação externa na composição global da nota também foi uma questão e a garantia de outra avaliação para alunos com falta justificada de acordo (Portaria SUGEN 419/2013)<sup>27</sup>. O último Saerj ocorreu no ano de 2016.

27 A portaria seeducsugen n. 419, de 27 de setembro de 2013, estabelece normas de avaliação do desempenho escolar e dá outras providências: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=2940065>>. Diz o § 5º: “A Avaliação Diagnóstica Bimestral do Processo Ensino-Aprendizagem - SAERJINHO, aplicada nos níveis de ensino, anos/séries, disciplinas e bimestres definidos pela SEEDUC, é um dos instrumentos avaliativos obrigatórios para composição da nota bimestral do discente, com valor/nota definido(a) pelo Professor, e deverá ser registrada no Diário de Classe ou outro instrumento indicado pela SEEDUC, bem como no Sistema Eletrônico de Registro Escolar. No § 6º: “Caso haja justificativa, deverá ser aplicado ao discente faltoso um outro instrumento de avaliação, em substituição à Avaliação Diagnóstica Bimestral do Processo Ensino-Aprendizagem - SAERJINHO, elaborado pelo Professor regente, para compor a nota bimestral do aluno.

A gestão democrática foi reformulada a partir de um novo modelo para 2017 com eleição para o cargo de diretor (a). Quanto ao currículo Mínimo, solicitava-se: revisão periódica do conteúdo, com a participação dos alunos no processo, o que também aparecem como tema nas audiências para serem negociadas.

Outras reivindicações ligadas às ocupações nessa unidade escolar foram:

*Isac (O): Bom, as pautas principais que a gente colocou foi a questão dos aparelhos do ar condicionado, foi um dos primeiros motivos, a exoneração do diretor que foi que a gente conseguiu. O aumento do tempo de filosofia e sociologia, eles conseguiram fazer parcialmente, mas já foi um avanço... e pra você ver, o descaso da secretaria de educação com a gente foi tão grande que eles montaram uma reunião com os professores e queriam negociar para os professores dar aula dentro de uma igreja, tipo, deixa eles o tempo que eles quiserem lá dentro e prossegue os dias letivos dentro de uma igreja.*

A fala de Isac aponta para as conquistas e as resistências ao movimento, uma possível falta de escuta para com os estudantes e estratégias para que o mesmo fosse enfraquecido ao buscarem apoio de outras instituições.

### **Apoio recebido...**

Em pouco tempo, 74 escolas tinham sido ocupadas no Estado, aos poucos, diversos atores se aproximaram do movimento Ocupa Mendes. Representantes da Associação dos Estudantes Livres do Rio de Janeiro (ANEL)<sup>28</sup>, membros do Sepe<sup>29</sup>, estudantes de São Paulo, ex-alunos, estudantes universitários, professores grevistas e representantes de mídias alternativas e do Ministério Público.

A maioria dos estudantes envolvidos com as ocupações no Estado do Rio de Janeiro era a favor de uma luta autônoma, ou seja, uma luta que era protagonizada pelos estudantes sem interferência partidária. Isso levou à restrição da participação dos grupos institucionalizados nas reuniões e nas assembleias. Esses grupos optaram por colaborar, sem interferir no movimento particular de cada escola e isto fez com que a colaboração tomasse, muitas das vezes, a forma de doação de alimentos e de dinheiro, e com que acabasse por influenciar ocupações em outras escolas, como foi o caso do C. E. Gomes Freire, do Ciep 114, por exemplo.

<sup>28</sup> Associação dos estudantes livres, a ANEL foi fundada em 2009, no Congresso Nacional dos Estudantes, realizado no Rio de Janeiro, expressando o processo de reorganização do movimento estudantil.

<sup>29</sup> Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe/RJ).

Um egresso, o único estudante entrevistado individualmente, relatou que, no decorrer das ocupações, houve encontros organizados pelo Comando de Ocupação das Escolas do Rio de Janeiro, que tinham uma dinâmica interessante porque neles eram definidas consensualmente algumas ações unificadas, como, por exemplo, o chamado dia D ou Dia de Trançaço no Rio de Janeiro. Nesse dia, a estratégia coletiva dos estudantes foi ir para as ruas com cadeiras escolares, como forma simbólica de levar a ocupação para as ruas. As ruas eram, então, fechadas pelos estudantes, de forma a atrair a maior atenção possível para suas reivindicações:

*Yuri (O): (...) sim, tiveram bastantes encontros, chamava de Comando de Ocupação das Escolas do Rio de Janeiro, nas primeiras semanas tinha uma dinâmica bem interessante que a gente conseguia tirar algumas coisas unitárias, por exemplo teve o dia D, que foi o dia de trançaço no Rio de Janeiro, então cada escola fez um trançaço perto da sua. A escola ia pra rua, levar a ocupação da escola para rua, fechar a rua e tentar chamar a atenção possível pra nossas pautas. A gente levava cadeira pra rua.*

### **Organização da ocupação....**

Para iniciar as ocupações no Mendes, os estudantes realizaram assembleias destinadas ao esclarecimento do que seria uma ocupação e da forma como ela seria efetivada naquela unidade escolar:

*Lucas Marques (D): Antes de começar a ocupação, uma ou duas semanas assim, começaram a fazer assembleias pra falar sobre e explicar o que seria o evento, o que seria a ocupação, mais ou menos assim.*

Logo depois, a proposta foi votada e ficou decidido que a escola seria ocupada. A partir da ocupação, os estudantes se dividiram em dois grandes agrupamentos que reuniam, respectivamente, os estudantes posicionados a favor e os estudantes posicionados contra esta iniciativa.

Segundo os alunos, os dois grupos de estudantes se organizaram da seguinte forma: quem era a favor da ocupação ficava no interior da escola e cuidava das atividades diárias; quem ficava do lado de fora do portão, prestava atenção ao que acontecia dentro da instituição e se comunicava com o diretor e com outros estudantes para manter contato e organizar a retomada da escola.

Os estudantes que ocuparam o Mendes se organizaram internamente de acordo com as orientações do manual de como ocupar uma escola, que circulava nas redes sociais por meio de cinco comissões, a saber: 1) comunicação; 2) estrutura; 3) segurança; 4) alimentação; 5) atividade.

A comissão de comunicação era responsável pela divulgação do que estava acontecendo internamente, por buscar a adesão de outros estudantes, por selecionar a imprensa que teria ou não acesso à escola ocupada, e pelas formas de divulgação do movimento. Como forma de conquistar a participação de outras escolas no movimento, os estudantes que ocuparam o colégio criaram uma página no Facebook com o nome “Mendes em Luta”, na qual divulgavam os horários dos debates que aconteciam na escola para que pudessem ser acompanhados, em vídeo, ao vivo.

À comissão de estrutura cabia cuidar do encaminhamento da resolução de problemas físicos da escola. Apesar de a escola ter uma excelente estrutura, que a diferencia de outras da mesma rede de ensino, a manutenção do prédio era precária. Os estudantes pontuavam problemas de estrutura, como goteiras e alagamento da sala de aula em dias de chuva, e problemas no dispositivo eletrônico na quadra.

A comissão de segurança era responsável por garantir a integridade dos estudantes dentro e fora da escola, principalmente daqueles que deixavam temporariamente a ocupação para dormir em casa ou para apoiar outras ocupações. A segurança incluía o “toque de recolher”, e o estabelecimento dos horários e turnos a serem observados. O toque de recolher acontecia às 21 horas, com tolerância até às 22 horas. Após as 23 horas, não era mais possível sair da escola. Na escola, foram organizados dois dormitórios, um masculino e outro feminino, que contavam com a presença de dois ou três estudantes nas portas de acesso para controle das entradas e saídas. De acordo com o manual, essa é uma das comissões mais importantes, porque é encarregada de cuidar do patrimônio da escola e da segurança dos ocupantes, sendo inclusive responsável por evitar qualquer tipo de briga ou descontrole entre os alunos.

A comissão de alimentação se responsabilizava pela comida dos ocupantes e compunha a equipe da cozinha que fazia o almoço e seguia regras de higiene.

A comissão de atividades organizava os eventos e as atividades internas. No manual de ocupação da escola, era recomendado que, durante o dia, fossem realizadas atividades com a participação de alunos, professores e pais que apoiassem a ocupação.

Havia, ainda, um núcleo de estudantes eleitos, constituído por um representante de cada comissão, que discutia os acontecimentos da ocupação, tomava decisões no conjunto e as colocava em votação.

Durante a ocupação, ocorreram aulas de História, Geografia, Ciências Sociais, ministradas por ex-alunos e convidados das universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro. A programação incluía uma rotina de atividades como: hidroginástica, capoeira, *slackline*, futebol, aulas, relatos de ex-alunos do colégio, roda de conversa e uma “Biblioteca livre”, em que os livros doados foram pendurados e arrumados no corredor, estimulando a troca de livros e a leitura.

### **Gostar da escola....**

Nessa unidade escolar, revelam-se duas formas de gostar da escola. Por um lado, o grupo a favor da ocupação parecia conectar-se com a escola em uma perspectiva mais relacional. Por outro lado, os estudantes contrários à ocupação pareciam conectar-se com a escola de forma mais acadêmica, cujo conteúdo se expressa na preocupação com o prejuízo que a ocupação causaria em sua vida escolar e na preparação para o acesso ao ensino superior. Eles narraram durante as entrevistas vários fracassos escolares que teriam decorrido da ocupação:

*Cristiano Ronaldo (D): (...) mais participação nas aulas, é o caso de a gente ter se atrasado muito no tempo. Teve um ano perdido de aula... tem matérias que eu entendo muito bem porque eu tenho facilidade, vamos botar matemática, eu não fico mais na sala, assinei minha dependência, porque eu não vou entender, faço de tudo pra entender, mas eu não consigo entender, eu acabo “chutando o balde”.*

*Luna (D): os professores começaram a correr com a matéria, a passar tudo de qualquer jeito, porque não tinha mais tempo. A gente não tinha tempo pra ter aula, começaram a embolar.*

Os alunos contrários ao movimento culpabilizaram a ocupação da escola por ter impedido os professores de cobrir o currículo de sua disciplina. No entanto, quando visitamos o C. E. Mendes de Moraes um ano após a desocupação e no terceiro bimestre letivo, os estudantes relataram ainda não terem professores para ministrarem algumas disciplinas:

*Cristiano Ronaldo (D): o meu 1º ano eu fui terminar em março, minha última nota em matemática foi em março, eu fiz minha última prova em março, em março, eu ainda estava estudando no 1º ano, então atrasou tudo, ah tudo bem, se atrasasse tudo por uma boa causa, voltando às mil maravilhas, pô, a gente estaria de boa, não teria problema, só que meu 2º ano eu não tive professora de português eu não tive professora de matemática, e não tive professora de física, na beira do Enem, aí no 4º bimestre, o governo vem como bom amigo, joga uma professora, ela vai, dá um trabalho pra gente fazer em casa, todo mundo tira 10, porque fez o trabalho*

*em casa, em casa você vai pesquisar no google, ela vai e bola nota aleatória – sete, nove, dez, todo mundo ficou com nota alta, maravilha.*

Os estudantes envolvidos na ocupação, por sua vez, estabelecem uma valorização da escola que enfatiza as relações pessoais:

*Luis (O): Eu gosto muito da minha escola, mas tem muitos problemas que precisam ser resolvidos.*

*Julia(O): Eu tenho muito afeto por esse lugar, porque são anos, e a gente passa uma boa parte da nossa vida estudando, e é um espaço em que a gente cria relações, amizade, aqui a gente se forma, eu acredito que a escola precisa de melhorias em relação à educação, em relação aos professores, em geral, mas ainda assim é um lugar que eu gosto muito, precisa de melhorias...ouvirem mais o nosso lado, melhorou, mas ainda não deram uma solução, ainda não deram uma solução pra gente.*

A ênfase relacional dessas falas é frequentemente acompanhada por um sentimento, ao mesmo tempo, de pertencimento e de cobrança. Branca, por exemplo, destaca que o espaço da escola pertence aos estudantes, que os servidores, e mais especificamente a direção, não compreendem o seu real papel de gerir o que ocorre no cotidiano escolar e de prezar por um ensino e uma aprendizagem de qualidade.

### **Coletivo(s) e posicionamento(s) e ambiguidade(s)...**

De acordo com as entrevistas, inicialmente, o posicionamento dos estudantes era único, e todos concordavam que a ocupação era legítima, mas, na medida em que a ocupação se concretizava e se estendia no tempo, alguns foram mudando de ideia:

*Vittar (D): No início eu era a favor, porque era um movimento que favorecia a todos nós. Aí, depois começou a virar uma baderna. Na visão de quem não foi a favor, o movimento ficou desorganizado; os alunos não tinham mais aulas e isso prejudicou a formação acadêmica dos alunos.*

*Deby (D): Eu acho que no começo todos os alunos e também alguns professores eram todos a favor da ocupação. Era um movimento todo construído, estruturado. Eram os alunos tomando conta da escola, havia aulas, cursos, ao longo do dia para o vestibular. Só que depois de algum tempo eles mesmos começaram a se contradizerem. Foi nesse meio tempo que começou a surgir o movimento contra a ocupação.*

Embora reconheçam que se buscou debater a proposta da ocupação de forma participativa, a decisão de trancar a escola e de regular suas atividades e circulação teve como desfecho a cisão dos estudantes do Mendes em dois movimentos: Ocupa Mendes e Desocupa Mendes.

Não houve nem há consenso entre os dois grupos, o que deixa a escola, conforme a percepção dos estudantes, dividida até hoje. Para os estudantes a favor, um dos ganhos, foi maior conscientização da comunidade em relação às dificuldades, aos problemas recorrentes enfrentados pelos estudantes na Educação Pública, em função da falta de professores, de problemas de infraestrutura, da falta de funcionários para atender às necessidades postas pelo funcionamento cotidiano da escola, tais como porteiro, inspetores, auxiliares de secretaria.

Na percepção dos estudantes contrários ao movimento, não houve ganhos, e a escola teria piorado em todos os aspectos:

*Deby ( D): de certa forma mudou pouquinho pra pior, porque além deles darem a matéria do 3º ano, eles têm que voltar pra ensinar algumas matérias que a gente não aprendeu.*

Na fala da aluna, ela reclama do pouco tempo para os docentes ministrarem as aulas após o movimento relacionando ao tempo perdido, como uma culpabilização dos estudantes que foram a favor. Ao serem perguntados sobre a nova direção, se mudou a prática de gestão após o movimento, todos respondem em coro (D): “mudou, mudou pra pior. Depois que tiraram o Mateus”.

### **Comunicação...**

Durante a ocupação, a percepção dos estudantes dos dois grupos era de que o Movimento não era publicizado de maneira transparente. Na percepção de alguns estudantes, o que era transmitido pela mídia hegemônica e pelas redes sociais não retratava a realidade, distorcia o movimento e desqualificava ambos os grupos.

No momento da ocupação, tudo teria ficado confuso e a comunicação nebulosa, gerando dúvidas entre os estudantes sobre o posicionamento a adotar:

*Luna (D): [... era a favor, mas do jeito que eles falavam da ocupação e do desocupa, eles chegavam tipo, vou até dar o exemplo do dia que a gente tentou pular o muro de manhã, para tentar tirar eles: a gente falou, pô tem como vocês não ter como filmar agora, filmando isso, na hora que a gente tentou pular o muro, ligaram a câmera]. [Uma parte da mídia era a favor].*

Essa cena retrata a forma como alguns dos estudantes percebiam a mídia naquele momento.



Figura 18: Cena do C. E. Prefeito Mendes de Moraes inserida no vídeo.  
Fonte: Vídeo Gatilho 2'44”.

Na fala dos estudantes, a mídia tradicional só aparecia para mostrar o confronto, não respeitava os estudantes e nem o movimento, além de inscrever os ocupantes na categoria de vândalos, baderneiros que não queriam estudar, conforme a fala da Alice:

*Alice (O): [...]até porque o que era passado, tanto pelas redes sociais quanto pela TV, era muito diferente do que acontecia aqui dentro, o que foi passado pra gente, por exemplo, eu não participei ativamente da ocupação, então o que era passado pra mim, eu conversei com o João, era totalmente diferente, então eu acho que isso também pesou na opinião das pessoas.*

Ao perguntar para a aluna o que era transmitido, Alice responde: “*era passado como uma coisa ruim, que a galera estava destruindo o colégio, que o pessoal estava fazendo festa aqui dentro, que era bagunça*”. Essas falas corroboram com o ruído que havia na comunicação e a maneira como a mídia transmitia o que era e como acontecia o movimento.

A falta de informações e as informações distorcidas divulgadas na TV e nas redes sociais não apenas geraram conflitos entre os estudantes, como também conflitos dos estudantes com outros atores educacionais. Quando a entrevistadora perguntou: “*se vocês fossem fazer um vídeo sobre esse assunto, o que colocariam nele?*”, Luis respondeu:

*Luis: Com certeza eu ia colocar alguma coisa pra tentar esclarecer o que foi a ocupação. Pra todo mundo. Porque muita gente não sabe o que foi a ocupação. Não sabe de onde surgiu... Mas também não procuraram aqui pra entender... Então, o que acontecia muito era desinformação. E a Seeduc se aproveitava...*

Assim, o *ciberativismo* foi um elemento essencial para as ocupações das escolas no Rio de Janeiro. Para os estudantes da escola Mendes, as redes sociais e a grande mídia promoveram desinformações, pois segundo Luis, poucas pessoas sabem efetivamente o que foi esse evento e daí o anseio dele em querer “*esclarecer o que foi a ocupação*”. Dessa maneira, as redes sociais se tornaram instrumentos essenciais nas diversas formas de ação coletiva – dentre elas, a ocupação das escolas.

No caso da escola Mendes e, ao que tudo indica, no caso das demais escolas ocupadas no Rio de Janeiro, o uso das redes sociais se deu em etapas. Ou seja, primeiro, por meio de pesquisas na internet, os estudantes fluminenses buscaram por modelos e inspirações já ocorridas em outros locais<sup>30</sup> – São Paulo, principalmente. Depois, utilizaram as redes sociais como o principal instrumento de atuação. As redes sociais foram utilizadas pelos estudantes para pelo menos três finalidades diferentes: 1) divulgação de suas atividades no interior das escolas, durante a ocupação; 2) denúncia das irregularidades e precariedades do ambiente escolar, como uma estratégia para pressionar as autoridades a atenderem suas demandas; 3) busca pelo apoio da sociedade civil.

Conforme o movimento foi ganhando visibilidade e foi chamando a atenção das autoridades e, também, da sociedade civil de modo amplo, outras publicações foram realizadas não apenas pelas redes sociais, mas também pela grande mídia (canais de televisão e jornais de grande circulação nacional). Neste momento, as publicações midiáticas versavam mais sobre atos de violência e vandalismos que, segundo as mídias, estariam acontecendo nas escolas. Esses atos são narrados por alguns estudantes do grupo Desocupa<sup>31</sup>:

*Deby: É porque os funcionários já estavam com medo de entrar na escola, porque ela estava sendo administrada por alunos. Foi nesse momento que começou toda a baderna, que estava acontecendo...E eram coisas, que... Por exemplo, eu que moro do lado da escola posso afirmar: 3h da manhã saía umas músicas de baixo calão, altíssima que essa parte inteira próxima da escola não podia dormir. Foi por isso que o povo começou a se movimentar contra a ocupação também.*

<sup>30</sup> As ocupações ocorridas no Chile em 2006 e na Argentina em 2014 também serviram de inspiração para os estudantes ocupantes do Rio de Janeiro

<sup>31</sup> São estudantes que discordam da ocupação e pedem outras formas de protesto para que se obtenham melhorias nas unidades de ensino. Eles querem a retomada imediata das aulas e entendem que a ocupação não é a melhor forma de reivindicar o direito dos estudantes.

*Lucas: E, também, não eram só alunos daqui do Mendes. Vieram alunos de outros lugares pra ficar aqui dentro. Não era só o pessoal aqui apoiar, vieram pessoas de outros lugares pra ficar aqui dentro.*

Foi a partir de situações como essas, amplamente divulgadas pelas redes sociais – grupos no *WhatsApp*, canais no *YouTube* e perfis no *Facebook* – e, também, pelos grandes canais de comunicação que o movimento das ocupações começou a se enfraquecer. Por questões jurídicas, inclusive, as autoridades começaram a pressionar os estudantes para que eles desocupassem as escolas, mediante o atendimento de algumas das reivindicações postas. Assim, as negociações com os representantes do Ministério Público, da Seeduc e da Vara da Infância e da Juventude começaram a ser consolidadas e com isso as escolas começaram a ser desocupadas.

Na percepção dos estudantes nos dois grupos, eles avaliam que são mais ouvidos, sentem-se respeitados, e com mais espaço para interferir nas questões administrativas e pedagógicas da escola, embora haja alunos que acham que, após o movimento, a escola piorou em tudo. Na percepção dos estudantes que se posicionaram a favor da ocupação, há um sentimento de que suas demandas são priorizadas pela direção em razão do receio que causa a possibilidade de uma nova ocupação.

No que tange às questões de infraestrutura, ocorreram alguns ganhos, como a utilização de todos os espaços da escola, ou seja, a utilização dos laboratórios e da piscina para as aulas de educação física, o ar condicionado funcionando, mas ainda persistem alguns problemas, em função da falta de verba. Para eles, existem problemas específicos da escola que ainda não foram resolvidos, como a ausência de professores. Como pesquisadora, percebo que nessa unidade escolar os ganhos foram mais simbólicos do que físicos.

Ambos os grupos formaram dois coletivos e, ao compreendermos as particularidades de tais coletivos e suas práticas, identificamos a presença de uma comunicação contemporânea. Os coletivos se posicionaram em meio a argumentos ambíguos, defendendo e repudiando as ocupações, mas ambos os coletivos acreditam na escolarização como forma de ascensão social e seus membros desejam continuar sua vida acadêmica e, portanto, acreditam na escola como um canal para tal ascensão.

### 5.3

#### C. E. José Leite Lopes

Os anos de 2008 a 2013 são marcados por um processo de definição de modelos e orientações diversas para a educação integral. As primeiras experiências se associavam a um modelo de educação integral adaptado à educação profissionalizante, com o objetivo de ampliar a jornada de estudos, oferecendo oportunidades de formação profissional para os estudantes, definidas a partir de demandas específicas do mercado.

Nesse contexto, em 2008, foi criado o Colégio Estadual José Leite Lopes, para abrigar o Núcleo Avançado em Educação (NAVE), estabelecido por meio de uma parceria da Seeduc com o Instituto Oi Futuro, seguindo modelo semelhante ao implantado em Recife em 2006, com foco em inovação e tecnologias digitais (MOEHLECKE, 2018).

A percepção da pesquisadora ao chegar a essa unidade escolar foi a de que os estudantes não estavam mais interessados no tema das ocupações ou que haveria algum tipo de censura que os impedia de falarem sobre o assunto. Foi difícil agrupar os estudantes, principalmente os que eram contrários ao movimento. Na minha percepção, a direção também mostrou-se reativa à pesquisa, com pouca abertura para o diálogo sobre o tema dentro da instituição.

Havia uma professora e coordenadora mais solícita, que colaborou no agrupamento dos estudantes. Ela disse: *“Aqui esse assunto de ocupação morreu, ninguém que falar disso”*. Ela tinha sido coordenadora da escola no período das ocupações, mas atualmente estava apenas lecionando a disciplina de Projeto de Vida.

Com alguns alunos, e na presença da direção, combinamos um novo encontro para a realização da entrevista coletiva. Fiquei com o contato de um dos alunos favoráveis à ocupação, o único que disponibilizou o número do celular. Esse aluno encaminhou algumas fotos e parecia muito motivado para falar sobre o movimento.

Posteriormente, liguei para este aluno e para a diretora adjunta e fixamos a data mais adequada para a escola, considerando que eu não poderia interromper as aulas. Ela disse que poderia ser no dia em que eles saíam mais cedo. Eu confesso que tive dúvidas se, após o horário da saída, os estudantes se disponibilizariam a participar da pesquisa, mas a professora de Sociologia que ministrava as aulas de

Projeto de Vida<sup>32</sup> disponibilizou seu contanto para que pudéssemos conversar melhor a respeito de uma data mais plausível para todos.

No dia 24 de maio de 2018, cheguei à escola no horário que tinha sido previamente agendado. Mas, mesmo assim, a diretora adjunta colocou obstáculos para a realização do encontro. Nesse dia, haveria a comemoração do aniversário da diretora-geral com uma festa previamente organizada. Argumentei que faria o que fosse possível antes da festa e, de posse do equipamento e com a colaboração de minhas colegas, foi possível realizar a entrevista com os estudantes a favor do movimento.

O local cedido foi a sala de “Germinação”, uma sala de vidro localizada no espaço de convivência. Embora a sala tivesse todo o equipamento necessário e fosse confortável, o excessivo barulho do entorno e as interrupções desviavam a atenção dos estudantes.



Figura 19. Espaço de Convivência e Sala de “Germinação”  
Fonte: Fotografia tirada no dia da entrevista.

Marcar um segundo encontro na escola, desta vez com o grupo contrário à ocupação, não foi fácil, também em função do momento de tensão que vivíamos no estado do Rio de Janeiro. Passávamos por um momento conflituoso de reivindicação acerca do valor do combustível, que culminou na paralisação dos “Caminhoneiros”, um protesto em nível nacional.

---

<sup>32</sup> Projeto de Vida é uma disciplina que orienta os estudantes na escolha de suas carreiras e discute diversos temas da atualidade.

A falta da distribuição de combustível foi um complicador para marcarmos nosso encontro. Também era um período difícil, por fatores internos à escola, como as revisões para as avaliações e a aplicação das provas.

Voltei à escola no dia 15 de junho de 2018. Quando cheguei, encontrei muita dificuldade para reunir os estudantes. A direção disse que eu poderia utilizar a sala “Germinação” e, como eu já conhecia o ambiente, solicitei uma sala mais reservada. Então me concederam a sala “Multimídias”. Utilizei a estratégia de ir até as salas de aula em que os estudantes estavam para esclarecer a pesquisa e solicitar voluntários. Em uma turma, apenas um único aluno se voluntariou e disse em voz alta: *“Quero ir só para dizer que o assunto morreu”*, mas esse aluno acabou por não comparecer à entrevista conforme tinha sido combinado.

Na minha percepção, esse aluno reproduziu uma frase que já circulava dentro da escola. Fui até a sala em que havia aula de Projeto de Vida, a professora me apresentou para a turma e disse qual era a proposta do encontro. Ela relatou a importância do respeito às diferentes opiniões, dizendo ser uma questão de escolha. Na fala, um estudante, pergunta: *“Será que a gente precisa definir uma posição? Não pode ficar “em cima do muro”?”*.

Nessa turma, apenas um aluno se prontificou a participar, mas acabou não comparecendo ao encontro no local marcado. O tempo disponibilizado pela escola para as entrevistas foi o momento do recreio. Acredito que isso também tenha contribuído para o baixo interesse dos alunos em participar da pesquisa. Além disso, vários alunos estavam vestidos com roupas e acessórios femininos. Eles participavam de um projeto de uma aluna sobre fotografia, estavam sendo fotografados vestindo roupas femininas, o que pode ter colaborado para a baixa disponibilidade em participar da pesquisa.

O perfil dos estudantes que finalmente participaram das entrevistas está apresentado nos quadros 9 e 10. Cabe esclarecer que, em todas as escolas, a escolha dos estudantes para participar da entrevista coletiva foi aleatória, ou seja, quem aceitava o convite para participar da pesquisa também participava da entrevista naquele momento.

Idade	Rede de ensino em que concluiu EF	Planos após concluir o Ensino Médio	Trabalha	Faz algum curso	Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
19	Municipal	Não decidiu	Não	Não	Ensino Médio	Enfermeiro da Marinha	Sindicato dos Trabalhadores
19	Municipal	Cursar uma faculdade	Não	Não	Faculdade	Autônomo	Farmacêutica
17	Municipal	Faculdade e ingressar no Mercado de Trabalho	Não	Sim /Roteirista	Faculdade	Administrador	Desempregada
18	Particular	Cursar Faculdade	Não	Não	Faculdade	Fisioterapeuta	Técnica de Enfermagem
18	Municipal	Cursar uma faculdade e ingressar no Mercado de trabalho	Não	Sim. Animação	Pós-graduação	-	Comerciária

Quadro 9. Caracterização dos estudantes do C. E. José Leite Lopes favoráveis à ocupação.  
Fonte: Quadro elaborado com base nas entrevistas e ficha de identificação.

Dos cinco estudantes favoráveis que foram entrevistados, quatro são oriundos de escola pública e um de escola particular. Quanto à faixa etária, um deles tem dezessete anos, dois têm dezoito e dois têm dezenove anos. Quanto aos planos, após o término do Ensino Médio, apenas um estudante não tinha decidido o que fazer, dois haviam optado por cursar uma faculdade e outros dois por cursar uma faculdade e simultaneamente por ingressar no mercado de trabalho.

Em relação ao grau de escolaridade dos pais, três têm formação universitária, um com pós-graduação, e um concluiu o Ensino Médio. Os pais têm as seguintes ocupações: enfermeiro da Marinha; administrador; fisioterapeuta; farmacêutico; comerciário; técnico de enfermagem e um trabalha no sindicato, mas não identificou a função.

No quadro a seguir, apresentamos a caracterização dos estudantes contrários ao movimento no C. E. José Leite Lopes.

Idade	Rede de ensino em que concluiu EF	Planos após concluir o Ensino Médio	Trabalha	Faz algum curso	Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
17	Municipal	Faculdade e ingressar no Mercado de trabalho	Não	Não	Ensino Médio	Auxiliar de Farmácia	Auxiliar de Serviços Gerais
16	Municipal	Cursar Faculdade	Não	Não	Faculdade	-	Desempregada
17	Particular	Cursar Faculdade	Não	Não	-	Técnico de Informática	Tesouraria do SENAC
18	Municipal	Cursar Faculdade	Não	Não	Faculdade	Mecânico/Eletricista	Pedagoga

Quadro 10. Caracterização dos estudantes do C. E. José Leite Lopes contrários à ocupação.  
Fonte: Quadro elaborado com base nas entrevistas e ficha de identificação.

Quatro estudantes preencheram a ficha de identificação, mas somente três participaram da entrevista. Entre os quatro estudantes que preencheram a ficha, um tem dezesseis anos, dois têm dezessete e um tem dezoito anos. Um deles é oriundo de escola privada, e os demais, de escolas públicas. Quanto aos seus planos após concluírem o Ensino Médio, todos pretendem cursar uma faculdade, e apenas um pretende cursar a faculdade e simultaneamente ingressar no mercado de trabalho. Nenhum trabalha e nem faz curso preparatório. Quanto ao nível de escolaridade dos pais, três cursaram nível superior, e um, o Ensino Médio. A ocupação dos pais é bastante variada: auxiliar de enfermagem; serviços gerais; técnico de informática; mecânico-eletricista; pedagoga e tesoureira.

Na hora do encontro, para a entrevista coletiva com o grupo contrário à ocupação, estavam presentes quatro alunos vestidos com roupas e acessórios femininos, o que os deixou com receio porque seriam filmados. A maioria era da turma 3002, e havia apenas um aluno da turma 3001. Na turma 3003, segundo a professora, todos os estudantes se posicionavam de forma contrária à ocupação, mas nenhum deles quis participar da entrevista.

Quanto à filmagem, esclareci aos alunos que era somente para auxiliar na transcrição e na análise dos dados, e que as imagens não seriam expostas em hipótese alguma. Sendo assim, dos quatro, três ficaram até o final.

Enquanto pesquisadora, percebi que, no grupo a favor, os estudantes queriam falar sobre o assunto, e tinham clareza de que o tema não era bem visto

por parte da direção. Percebi também que os estudantes do grupo contrário, inicialmente, não queriam falar, mas que, ao se disponibilizarem a participar da entrevista, mostraram o quanto se sentiam afetados negativamente, após a ocupação.

### **Revisitar a ocupação....**

Nas interações cotidianas, estudantes contrários ao movimento também reconhecem a importância do motivo disparador da ocupação de escolas no estado do Rio de Janeiro:

*Roberto (D) [“Bom, começou pela greve dos professores, que é uma causa que a gente compreende, porque eles estavam ganhando muito mal, não tinham mais o benefício por eles estarem muitas horas semanais aqui no colégio, e aí foi um movimento que partiu de outras escolas e os alunos implantaram aqui e foi um movimento que a gente já sabia antes de acontecer porque já estava acontecendo em outras escolas”].*

O movimento inicia em torno da questão da precarização do trabalho docente, principalmente nas demais escolas da rede estadual de ensino, como os estudantes estavam unidos em suas propostas em função da longa greve dos professores, que reivindicavam melhores condições de trabalho e salários mais dignos.

No C. E. José Leite Lopes, os estudantes apresentam uma especificidade: frequentam uma escola considerada “modelo” na rede estadual de ensino do estado do Rio de Janeiro. É uma escola que apresenta aspectos diferenciados, dentre eles a oferta do Ensino Médio técnico integral, professores qualificados, material didático de última geração e infraestrutura e arquitetura diferenciadas. Isto faz com que os estudantes dessa unidade escolar não enfrentem parte dos problemas apresentados por outras escolas da mesma rede de ensino, principalmente em relação à infraestrutura, ao material didático e ao acesso aos espaços da escola.

A ideia de ocupação do espaço público enquanto tática de protesto começou a ganhar novos contornos após emblemáticas e diversas ocupações acontecidas no estado do Rio de Janeiro, como o *Ocupa Cabral*, um protesto também denominado como “A farra dos guardanapos”, que aconteceu na Zona Sul contra os abusos com o dinheiro público, ou o *Ocupa Aldeia Maracanã*, em 2012 e 2013, por indígenas, ou as ocupações da praça em Niterói e as ocupações em favelas no

ano de 2015, como #ocupaçãoBorel #ocupaçãoAlemão em oposição às Unidades de Polícia Pacificadora (CHAVES, 2015).

Ao revisitar as ocupações das escolas, também relembramos outras ocupações que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro. Esses estudantes também conheciam essas realidades. Após assistirem ao vídeo, a reação do grupo a favor e contrário foi expressa de maneira natural, sem ênfase emocional, se comparada com as outras escolas pesquisadas:

*Lui Uzi (O) “Antes, antes até mesmo de começar na maioria das escolas, teve as ocupações em São Paulo, e muita gente aqui do NAVE ajudou, gravamos um vídeo de apoio para as ocupações de São Paulo, aí a partir desse vídeo, pelo menos da minha parte, eu pesquisei sobre o que era, e o que estava acontecendo e quando teve aqui nos colégios estaduais do Rio, muitas pessoas também deram apoio até que chegou a nossa ocupação, foi decidida por uma votação entre os alunos”.*

Os alunos demonstram solidariedade com os demais colegas e apoio ao movimento no estado de São Paulo, disponibilizando materiais e condições para a produção de vídeos.

*Lana (O): [“Aqui os alunos são muito politizados um divulga para o outro o que está acontece com os outros pelo país, pelo colégio, também, aqui a gente já tinha visto o noticiário de São Paulo e também tinha visto um documentário das ocupações do Chile”].*

Na fala da Lana, percebe-se que a informação circula entre os estudantes e que não há fronteiras, tanto se sabe e se debate o que ocorreu nas escolas de São Paulo, como nas escolas do Chile, transformando a escola em um espaço político formado pelas interações sociais cotidianas, um espaço aberto e híbrido, onde se expressam as relações sociais e de poder, mas também onde se reage contra elas (BRINGEL, 2006; JELIN, 2003; LEFEBVRE, 1970).

Isto é confirmado pela fala de Elizabeth (O), que, após assistir ao vídeo Gatilho, relata o que mais chamou sua atenção, a cena do discurso da Ana Júlia na Assembleia Legislativa do Paraná:

*Elizabeth(O) afetada pela memória parece identificar-se com o discurso da estudante do Paraná. De forma descontraída, após o término do vídeo, à pergunta “o que mais chamou a atenção no vídeo?”, ela responde que foi a cena da menina fazendo o discurso.*

O discurso da secundarista Ana Júlia foi gravado na Assembleia Legislativa do Paraná. Essa cena inicia com alguns questionamentos sobre a escola, o sentido da escola para as autoridades presentes. Ana Júlia começa sua fala perguntando: De quem é a escola? A quem a escola pertence? Também pontua o sentido da

ocupação, esclarecendo que os estudantes não estavam nas escolas para brincar ou para fazer badena.

Para Joaquim (D), o discurso da Ana Júlia também é o que mais chama a sua atenção, principalmente a referência aos direitos dos estudantes nas escolas ocupadas.

*Joaquim(D): Bom, começando pelo fato, no início do vídeo, teve uma garota falando que a escola é nossa e eles podem fazer o que bem entender lá dentro, não funciona bem assim, acontece que o patrimônio público é do público e, então, eu apostado com a senhora que se algum professor chegasse lá com 5 alunos e quisesse dar aula pra esses 5 alunos ele não iria conseguir dar aula... foi uma coisa interessante porque eles queriam lutar por uma causa de todo mundo aqui dentro do Nave, não é o ambiente apropriado pra isso, como eu disse, a gente tem aula do técnico, e as aulas do técnico não são repostas, e acontece que na real não aconteceu aqui na escola, o professor conseguiu entrar aqui e dar aula.*

Nas interações cotidianas dos estudantes que são contrários ao movimento, eles reconhecem a importância da ocupação e a legitimam.

Também há referências a uma pauta comum a todas as escolas: a escolha para o cargo de direção:

*Joaquim(D): [A pauta no caso não tinha a função de exonerar a diretora em si, mas a pauta era apoiar as outras escolas que estavam no movimento de ocupação pra dar apoio a todas as escolas terem uma estrutura como a nossa ou semelhante, e no caso foi basicamente isso o que eles apresentaram e foi meio desproporcional eles colocaram num dia que as pessoas se acostumam a colocar cursos, colocar coisas e no caso grande parte da escola não era a favor das ocupações, e aí, essas pessoas normalmente nas quintas normalmente tinham um destinatário após a uma hora e só ficou as pessoas destinadas à própria ocupação e foi meio que desleal da parte deles, o que favoreceu a ocupação do Nave].*

Joaquim expressa sentimento de injustiça. Ele julga ter sido desleal o fato de a votação para definição da ocupação ter acontecido em um momento em que a escola já estava esvaziada. Segundo sua percepção, a maioria dos estudantes não era a favor do movimento, e a proposta de ocupação só teria ganhado por causa do pequeno quantitativo de alunos que participou da votação:

*Bruno(D): assim, o que me chamou a atenção é que teve uma garota que falou: “é uma briga nossa”, só que aqui nesta escola ninguém queria esse negócio, sabe, tipo uma minoria que queria ocupar, só que teve uma grande parte desse pessoal que mudou de lado, foi por influência de professores que ficaram: - ah, vamos ocupar para isso, não sei o quê..., não muitos, mas alguns professores influenciaram muito para o pessoal trocar de lado e ocupar.*

### **Ser ouvido...**

À pergunta “O que vocês pensaram quando estavam vendo?”, Lana (O) responde que, assim como eles, lá também os estudantes queriam ter voz dentro

da escola, questionando, de forma implícita, ações tradicionais da instituição, apesar de apresentar uma proposta pedagógica inovadora. Os estudantes questionam essa organização escolar atual e propõem mudanças por meio de uma organização mais dialógica, em que os estudantes possam se sentir representados.

Dessas propostas, faz parte a eleição para direção, questão recorrente em todas as escolas do estado do Rio de Janeiro. Na percepção específica dos estudantes desta unidade escolar, parece não haver espaço para o diálogo com a direção, haveria, na ocasião, uma “direção autoritária”, que não ouve suas demandas, o que os impelia a defender a eleição para o cargo de diretor.

Na percepção dos estudantes entrevistados, independentemente do grupo, com a nova direção, eles se sentem mais respeitados e ouvidos, e têm maior liberdade para desenvolver projetos.

*Lana (O): Acho que mudou, por exemplo, porque nós não tínhamos tanta liberdade como nós temos atualmente.*

*Elizabeth (O): [alguma coisa que se percebe é que, por exemplo, tiveram vários movimentos, femiNAVE, feministas da escola, uma revista GBTHmagazine, foi feita o movimento negro – o AfroNAVE também aconteceu também a gente tem tido muito mais voz pra fazer esses movimentos e expor a nossa opinião e isso não acontecia antes].*

Nesta dimensão, tanto para os alunos favoráveis como para os que se posicionaram de forma contrária à ocupação, parece ter havido conquistas, como a autogestão de parte do tempo escolar com maior flexibilidade e a abolição da obrigatoriedade do uso do uniforme.

*Roberto (D) [Assim, o ganho que a gente obteve foi mais liberdade na escola, porque aqui a gente tem a questão da autonomia, então, questão da gente gerenciar os nossos tempos. Assim, vamos supor que na quinta-feira tenha 4 tempos do técnico que segunda-feira eu tenha 2 tempos, eu posso deixar de fazer uns exercícios, e os meus trabalhos nesses dois tempos na segunda-feira e me dedicar aos tempos de quinta-feira. Então, é uma autonomia que os alunos vão criando desde o primeiro ano, então eu acho que isso foi uma coisa bacana, porque o modelo que acontece na faculdade é bem similar a esse, e antes não tinha. De certa forma sim, os alunos pediram isso, e a questão do uniforme, porque até então era só calça jeans, e blusa da escola, hoje em dia a gente pode usar blusa que é quase um jaleco, a gente pode usar aberto, a gente pode vir de short, antes com a antiga direção a gente não podia vir de jeito nenhum, então, tem obrigatoriedade da blusa. Os horários continuam os mesmos, tirando a autonomia, continuam os mesmos].*

Na percepção dos estudantes contrários à ocupação, essas mudanças combinariam melhor com o estilo da escola, que oferece horário integral e uma dinâmica mais inovadora de ensino e de aprendizagem.

Nessa unidade escolar, o tempo integral parece ser de fato um diferencial na vida dos estudantes, em função do planejamento dos docentes ocorrer de forma interdisciplinar e da proposta pedagógica diferenciada. De qualquer forma, não podemos deixar de mencionar que a mudança no processo seletivo da escola acabou por mudar o perfil dos alunos, e que também houve, em função da crise fiscal do estado, cortes nos recursos repassados à escola para fazer face à proposta de tempo integral.

### **Organização da ocupação....**

Após votação favorável, os estudantes se organizaram e ocuparam a escola. Inicialmente, receberam outros ocupantes, mas, com o passar dos dias, perceberam que, em função da parceria público-privada firmada pela escola, eles não teriam autonomia para deixar outras pessoas entrarem na escola para apoiar o movimento.

Os estudantes se organizaram por comissões, como nas demais escolas, mas com limitações em relação à utilização de alguns espaços, como algumas salas que foram trancadas para preservação dos equipamentos:

*Joaquim (D): Quando ocuparam a escola eles trancaram todos os laboratórios e deixaram somente a convivência e os outros andares abertos, e algumas salas de aula à disposição dos alunos, então, as aulas do técnico não tem como você fazer numa aula convencional, porque todos os alunos precisam ter o computador e ter acesso ao computador, precisam ter contato direto com o programa, não foram os alunos que fecharam, porque, o espaço aqui da escola é privado, a Oi fechou, então, ficaram poucas (pra proteger o patrimônio da Oi), e assim, porque vieram pessoas de outras escolas aqui fizeram a reunião com a galera, por questões de patrimônio da Oi, sacou, foi mais por conta de proteção aos equipamentos que a Oi investiu e estão aqui dentro...*

Na cena do vídeo Gatilho, é possível perceber os estudantes que ocuparam, convocando a comunidade para participar com doações e esclarecendo seus objetivos com o movimento. Esses atos aconteciam na grade que dava para o lado externo do prédio, para uma rua principal que é bastante movimentada, porque circulam muitos ônibus e onde há comércio.



Figura 20. Estudantes do C. E. José Leite Lopes durante a ocupação.

Fonte: Vídeo Gatilho 1'15" <<https://www.youtube.com/watch?v=yE7HqwZH6cs>>.

*Bruno(D): [“os próprios professores dormiram na escola, fizeram comida, nos primeiros dias, e um pouco após o que fora espalhado, que o Nave tinha sido ocupado, eles se tocaram e viram que eles não poderiam estar aqui diretamente, porque eles estariam colocando a cara deles à tapa e mostrando realmente que eles influenciaram os próprios alunos - professores de filosofia, professores de artes, também, educação física, e..].*

*Pesquisadora: Pergunto quem participou, se só os professores do estado ou também da Oi?*

Segundo os estudantes, só participaram professores do estado, os professores técnicos nunca se posicionaram:

*Joaquim(D) Eles se abstiveram de colocarem o seu posicionamento pra realmente não influenciar o aluno, porque isso poderia gerar até um processo em cima dele que a Oi poderia colocar no caso.*

Os professores responsáveis por ministrar aulas para o técnico são contratados, e não concursados, o que pode explicar não só seu próprio posicionamento, mas o fato de a escola anunciar, desde o primeiro dia da nossa visita, que a ocupação é um fato superado na escola.

### **Coletivo(s), posicionamento(s) e ambiguidades ....**

Nessa escola também ficou evidenciada a existência de dois coletivos, denominados pelos estudantes de *Ocupa e Desocupa*. Uma das divergências que explica essa divisão é a questão da avaliação estadual, as provas do Saerj e do Saerjinho, que, na percepção dos estudantes, não contemplavam os conhecimentos necessários para passar no Enem e avançar na trajetória acadêmica:

*Roberto (D): bom, então, depois do movimento quando a gente entrou no Nave, o Nave tinha aquele ditado de ser uma escola inovadora integrada com todos os cursos de qualquer matéria, acontece que quando a gente entrou na escola existia um modelo, era um modelo bem específico, bem rígido por conta da antiga diretora e todo final de bimestre a gente tinha uma prova chamada... que era prova integrada que era uma prova que integrava todas as matérias, como se fosse no estilo do Enem, era uma prova que já preparava os alunos pro Enem.*

Roberto nos dá indícios de que a falta de avaliação deixa a escola vulnerável, no sentido de uma qualidade mais precária quanto ao ensino e aprendizagem. Também ressaltamos na ocupação desse colégio consequências e conquistas do movimento.

Segundo os estudantes contrários à ocupação, a escola piorou, porque não é mais uma escola “modelo”. Embora a implantação do sistema Matrícula Fácil não guarde relação com as ocupações, para estes estudantes, a escola piorou porque inicialmente era feita uma prova para entrar na escola, ou seja, tinha um processo seletivo. A partir de 2017, os estudantes passaram a acessar a escola por meio da Matrícula fácil.

A mesma política é interpretada pelos estudantes favoráveis à ocupação como uma forma de democratização do acesso, já que esta é também uma escola pública da rede estadual. O novo processo de matrícula prioriza quem é morador do bairro e ex-aluno de escola pública e, caso sobrem vagas, ex-alunos de escolas privadas podem se candidatar.

Os alunos contrários à ocupação também atribuem suas dificuldades acadêmicas à falta de professores e de reposição dos professores do técnico, que, por não serem professores da rede, não repuseram as aulas que não foram ministradas durante a ocupação.

*Roberto(D): [No caso, eu era a favor do movimento nas outras escolas e ainda sou, mas no caso específico aqui do colégio eu acho inválido ainda hoje, porque a gente tem muitos meios de apoiar os outros colégios a gente pode usar do técnico e da nossa influência digital pra conseguir um âmbito maior e conseguir apoiar de uma forma muito mais drástica do que em si ocupando a escola e deixando uma grande lacuna que não vai ser mais preenchida, tipo perda de aula, perda de matéria tudo que a gente teve que em si que geralmente sofreu foi o 1º ano que entrou no ano. Os outros anos já estavam bem encaminhados por ter uma base sólida e por ser mais cobrado e a gente meio que ficou sem o apoio que a gente estava tendo no início de um mês de aula].*

Mais uma vez, as entrevistas permitem perceber diferentes formas de construção de identidades que, ao mesmo tempo em que incluem, também diferenciam quem pode e quem não pode pertencer inclusive à escola.

Podemos perceber que há uma forte construção identitária na escola, que diferencia quem pode estar dentro daqueles que deveriam estar fora da instituição, conforme depoimento dos estudantes durante as entrevistas.

Também percebemos que existe o reconhecimento do aprendizado pela experiência da ocupação:

*Lil Úzi (O) [...acho que mudou a maneira de pensar educação, sabe, que talvez fique estigmatizado que só quem pensa em educação são os estudiosos que fazem produção na UFRJ .... acho que qualquer um alunos do ensino municipal pode se reunir em grupo e pensar em educação, pode ser essa coisa de se reunir no pátio acho..... que pensar um pouco mais... as coisas que acontecem dentro da escola dentro do ambiente].*

A fala do estudante reivindica pensar a escola a partir da perspectiva dos estudantes, e não somente dos pesquisadores ou de quem elabora a política, revelando, novamente, a necessidade dos estudantes de serem ouvidos.

Outros aspectos que também se encontravam na pauta dos coletivos são retratados na fala de uma aluna que destaca os diferentes projetos desenvolvidos na escola após as ocupações:

*Elizabeth (O): [alguma coisa que se percebe é que, por exemplo, tiveram vários movimentos, femiNAVE, feministas da escola, uma revista GBTHmagazine, foi feita o movimento negro – o AfroNAVE também aconteceu, também a gente tem tido muito mais voz pra fazer esses movimentos e expor a nossa opinião e isso não acontecia antes].*

Os temas elucidados pela aluna, conforme explicitados na literatura, são considerados como demandas e identidades dos jovens no século XXI. Temas gerais (educação, trabalho, cultura, saúde, transporte). Com o movimento dos estudantes em ocupar o espaço da escola, esses temas perpassam e atravessam o cotidiano por meio das ações dos coletivos.

## 5.4

### C. E. Amaro Cavalcanti

Trata-se de uma escola com mais de 140 anos que tem gravada, na sua fachada, a frase “Ao povo o governo”. Uma escola centenária, fundada no final do Segundo Reinado, como consequência da luta republicana pelo direito à educação de todos. Hoje oferta Ensino Médio regular e ensino de Jovens e Adultos (EJA). Sua comunidade escolar é composta por alunos de diferentes localidades da cidade, em virtude de fácil acesso de transporte. De acordo com o documento

denominado marco situacional da escola, a quase totalidade dos alunos é oriunda da periferia e de favelas e encontra-se na condição de jovens pobres, de um grupo vulnerável.

No contexto do grave quadro político-institucional e financeiro do Rio de Janeiro, o colégio C. E. Amaro Cavalcanti foi a primeira escola a ser ocupada na zona sul do Rio de Janeiro, no dia 4 de abril de 2016, e desocupada totalmente no dia 28 de setembro do mesmo ano. Nas palavras dos alunos, foram 5 meses e 24 dias de “resistência”.

O perfil dos estudantes entrevistados nesse colégio pode ser visto nos quadros 11 e 12

Idade	Rede de ensino em que concluiu EF	Planos após concluir o Ensino Médio	Trabalha	Faz algum curso	Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
17	Municipal	Cursar Faculdade	Sim	Sim/Gestão	6º ao 9º	Balconista	Operadora de Caixa
17	Municipal	Ingressar no Mercado de Trabalho	Não	Não	6º ao 9º	Porteiro/axineiro	Dona de Casa
17	Municipal	Ingressar no Mercado de Trabalho	Não	Não	-	Porteiro	Dona de Casa
17	Particular	Cursar faculdade	Não	Sim/Inglês	Ensino Fundamental	-	Do lar
17	Particular	Cursar faculdade	Não	Sim/Inglês e Pré-vestibular	Ensino Fundamental	-	Cabeleireira
18	Municipal	Cursar faculdade	Não	Não	6º ao 9º	-	Mercado
18	Municipal	Cursar faculdade	Sim/Reação Infantil	Não	Mestrado	Motorista	FURNART-Ciências Sociais
18	Municipal	Ainda não decidiu	Não	Não	6º ao 9º	Taxista	Diarista
18	Municipal	Cursar faculdade	Não	Não	Faculdade	Professor de Capoeira	Professora de Capoeira

Quadro 11. Caracterização dos estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti favoráveis à ocupação

Fonte: Quadro elaborado com base nas entrevistas e ficha de identificação.

Dos nove estudantes favoráveis à ocupação, cinco tinham dezessete anos, e quatro, dezoito. Sete eram oriundos de escola pública, e dois, de escola particular. Quanto ao que pretendiam após concluírem o Ensino Médio, dois planejavam ingressar no mercado de trabalho, cinco desejavam cursar uma faculdade e um ainda estava indeciso. Apenas um dos estudantes já trabalhava e três faziam curso preparatório para o Enem.

Em relação à escolaridade dos pais, quatro possuem o segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), dois concluíram o primeiro segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano); um fez mestrado, e outro, curso superior. Entre as ocupações desempenhadas pelos pais dos estudantes, encontram-se: professora de capoeira; diarista; cientista social; balconista, dentre outras.

Outra informação gerada foi registrada no momento da gravação, em relação ao que pretendiam após concluírem o Ensino Médio. Cursar a faculdade de Direito, Psicologia, Jornalismo, Fisioterapia, e apenas um ainda não havia decidido a respeito do que faria.

O quadro abaixo insere a caracterização dos estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti que se posicionaram contrários ao movimento.

Idade	Rede de ensino em que concluiu EF	Planos após concluir o Ensino Médio	Trabalha	Faz algum curso	Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
16	Municipal	Cursar faculdade	Não	Sim/Inglês	Faculdade	Contador	Auxiliar de Escritório
17	Municipal	Ainda não decidiu	Não	Não	6º ao 9º	Vendedor	Faxineira
17	Municipal	Ainda não decidiu	Não	Não	Ensino Médio	Cozinheiro	Técnica de enfermagem
17	Municipal	Cursar faculdade	Não	Não	1º ao 5º	-	-
18	Municipal	Cursar faculdade	Não	Não	1º ao 5º	-	Diarista

Quadro 12. Caracterização dos estudantes do C. E. Amaro Cavalcanti contrários ao movimento.

Fonte: Quadro elaborado com base nas entrevistas e ficha de identificação.

Entre os estudantes contrários, um tinha dezesseis anos, três tinham dezessete anos, e um, dezoito anos. Todos estudaram em escolas públicas; quanto aos seus planos após o Ensino Médio, três pretendiam cursar uma faculdade e dois ainda não tinham decidido. Nenhum trabalhava, e um fazia curso preparatório.

Quanto à escolaridade dos pais, dois têm o primeiro segmento do Ensino Fundamental; um completou o segundo segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º), e um, o Ensino Médio.

Três alunos não registraram a ocupação dos pais. Em relação aos demais, temos: diarista, auxiliar de escritório, faxineira, técnica de enfermagem, contador, vendedor e cozinheiro.

Um estudante fazia curso de inglês, o outro estudava inglês e pré-vestibular, e outro fazia curso de Gestão.

Dos quatro estudantes, Educação Física, Odontologia, Ciências Sociais, Direito, Engenharia Náutica, Psicologia, Design, Biomedicina e Letras são as escolhas após a conclusão do Ensino Médio<sup>33</sup>.

Ao chegar nessa unidade escolar, me foi cedida a sala de leitura para realização da entrevista coletiva com os estudantes. Era um espaço amplo, com mesas e cadeiras que favoreceram o encontro; em contrapartida, o barulho da rua interferia um pouco, mas não chegou a prejudicar a audição.

A aluna Mel (O), uma estudante militante na ocupação, com quem eu já matinha contato por WhatsApp, foi muito solícita. Cheguei a ela por indicação do ex-aluno (Yuri O).

*Mel (O) convocou os estudantes e me auxiliou com o preenchimento de uma ficha de identificação para futuros contatos, caso necessário. Nessa manhã, ocorreu um temporal, o que dificultou a presença das colaboradoras da pesquisa. Mesmo assim, conseguimos chegar à escola um pouco antes do horário do recreio. Fui assistida pela Ana Luisa Antunes e Maria Elisa Almeida pesquisadora do grupo de pesquisa (Laed)<sup>34</sup>, que chegou no final e fotografou os estudantes.*

Apesar do temporal, havia um grupo expressivo de alunos na escola, que se disponibilizou a participar da entrevista coletiva. Mel (O) convocou alguns estudantes e eu fui até as salas de aula explicando a proposta da pesquisa e solicitando voluntários.

Na hora do recreio, os estudantes compareceram à sala de leitura para iniciarmos a entrevista coletiva. Iniciei com o grupo contrário à ocupação e, em ambos os grupos, a duração da entrevista foi de aproximadamente uma hora. No

---

<sup>33</sup> Essas informações não constam do quadro, mas foram ditas em suas apresentações e encontram-se na transcrição das entrevistas em anexo.

grupo de estudantes contrários à ocupação, dois deles exigiram a cópia do termo de consentimento livre e esclarecido (Henrique e Leonardo).

Dois alunos e três alunas optaram por participar com seus próprios nomes, mas os identifiquei com nome fictício para preservar sua identidade.

No grupo que se posicionou contrário à ocupação, estiveram presentes cinco alunos, a saber: Henrique, Rogéria, Gabriele, Leonardo e Neusa.

No grupo que se posicionou favoravelmente à ocupação, estiveram presentes oito alunos: Paulo, Mara, Lorena, José, Yara, Alberto, Raquel, Lia.

Ao iniciarmos a entrevista, após os estudantes assinarem o termo de consentimento livre, eles foram informados de que seriam filmados e fotografados, mas não seria feito nenhum uso de suas imagens, a não ser para facilitar na transcrição e nas análises dos dados.

### **Revisitar a ocupação...**

Entre as reivindicações dos ocupantes, estava a busca pela transparência em relação ao uso do dinheiro público e a luta contra a precarização do ensino público.

O vídeo “#ocupaamarocupaçõeseducacãoamarocavalcante” mostra que uma característica relevante dessa unidade escolar é a sua história de luta estudantil, que foi retratada por um ex-estudante e atualmente pai de aluno, que remete sua fala aos movimentos que já ocorreram nessa escola quando ele a frequentava como estudante. Diogo diz ter achado muito interessante a experiência com o coletivo e ter visto bastante politização entre os estudantes, que, na sua percepção, se manifestaram em um “protesto pacífico e de respeito às diferenças”.

Para (Yuri), o ex-aluno do C. E. Amaro Cavalcanti entrevistado, o movimento significou

*[...] um método coletivo de luta, ferramenta democrática...o movimento foi um método de luta que a gente eh...que a gente teve no momento, um método coletivo ehhh que se deu através de uma ferramenta mais democrática possível, que foi uma assembleia que a gente fez na escola pra conseguir ter o espaço que era nosso, do jeito que a gente queria e almejava e falava que era é... O nosso modelo de educação, então, não só uma ferramenta de indignação, de expressão de luta, mas apresentando o modelo de como a gente queria a escola.*

Algo relevante presente nos vídeos produzidos sobre o movimento dessa escola são as relações sociais que lá se travaram durante a ocupação. A criação de

pontes relacionais foi significativa para que o movimento se fortalecesse, as redes foram estabelecidas com diversos atores (artistas, responsáveis, representantes de sindicato, estudantes de outras escolas, músicos etc.).

Trata-se de uma escola com histórico de movimento estudantil, com alunos oriundos de diferentes bairros e com experiências de luta em suas comunidades, que contou com o apoio de professores e com a participação dos responsáveis pelos alunos durante a ocupação. Estes elementos e também a localização da escola na zona sul da cidade são fatores que, em conjunto, proporcionaram maior visibilidade e suporte ao movimento.

*Yuri (O): Eu lembro que no primeiro dia de greve de educadores aqui no Rio os estudantes protagonizaram um ato e cada um representando suas escolas em solidariedade a greve. Por exemplo, lá no Amaro fizemos, a gente fez uma passeata do Largo do Machado até a Fundação Progresso [na Lapa] demonstrando solidariedade com os professores.*

Para Mel (O), a ocupação se inicia em razão da falta de água na escola, um fato recorrente e que inicialmente mobilizou o grêmio para a realização de uma assembleia. Cabe ressaltar que, no C. E. Amaro Cavalcante, o grêmio estudantil tem uma presença mais marcante do que nas demais escolas pesquisadas. A falta de organização gremial dos estudantes nas escolas da rede estadual de ensino já tinha chamado a atenção da Seeduc, que pretendia lançar uma resolução visando à implantação de grêmios estudantis nas escolas estaduais.

Mel (O) relata que a escola esteve sem grêmio até 20 de maio de 2018, contando apenas com o conselho escolar, mas que, atualmente, há um processo eleitoral para constituição do grêmio. Os estudantes Alberto (O) e Mel (O) são os únicos que falam da ativação do grêmio, revelando animação.

Em que pese o diagnóstico da Seeduc, a grande mídia noticiou, à época, um aumento significativo dos grêmios nas escolas.

Nessa unidade escolar, os estudantes já haviam se manifestado por meio de passeatas pelo bairro, mas não foram ouvidos.

*Yuri (O): Eu não sei se teve um grande ponto que nos levou a fazer uma assembleia e ocupar. Não foi algo específico, foi toda a questão, os porteiros que saíram, o material didático que não foi entregue, a merenda cada vez mais precarizada. Então, a gente na época tinha uma pauta bem extensa de ocupação, a pauta de eleição direta para diretor, que não era só uma pauta, mas uma conquista.*

*Mel (O): Desde 2015 eu sou articulada politicamente e já em movimentos, e desde a ocupação em SP, eu já estava sabendo que podia estourar no RJ, e, em 2016, no início do ano, já começou o movimento de ocupar a escola no RJ. Então eu já*

*estava acompanhando, e eu não me lembro direito como é que foi, mas teve um estopim no colégio, acho que foi a falta d'água, não me lembro o que aconteceu. A gente teve assembleia e o grêmio se reuniu pra fazer a assembleia e conseguiu.*

Também os estudantes que mais tarde se posicionaram de forma contrária ao movimento de ocupação foram inicialmente a favor.

*Neusa (D): No primeiro momento nós fomos a favor porque tentamos sair, tipo algumas semanas seria uma coisa muito rápida, mas depois a gente viu que ia durar por mais tempo, a gente foi contra.*

Embora reconheçam a legitimidade do movimento, a preocupação com o tempo de duração da ocupação e com os prejuízos que seu prolongamento poderia acarretar para a vida acadêmica são recorrentes entre os alunos que se mobilizaram em torno da desocupação nos três colégios pesquisados.

*Henrique (D): Acho que em curto prazo era uma boa ideia e buscar esses direitos de uma escola mais democrática, mas depois de algum tempo acabou não se firmando mais como um movimento de alunos querendo mudar a escola (...).*

O ex-aluno (Yuri) dessa unidade escolar, que foi entrevistado individualmente, aponta que o motivo pelo qual os estudantes ocupam as escolas foi a solidariedade aos docentes, que estavam em greve fazia perto de quatro meses, sem diálogo e negociação. Ele reforça que os estudantes e os professores não eram ouvidos pelas autoridades.

*Yuri (O): [A maior greve da história do Estado na educação da mesma forma que ele tratava os professores ele tratava os estudantes, o Pezão que na época era o Dornelles, né que o pezão estava doente.]*

A forma como os governantes tratavam as questões educacionais atravessava o movimento e, ao assistirem ao vídeo em que essas cenas foram explicitadas, inquietações foram provocadas nos estudantes.

Após assistirem ao vídeo, a reação dos grupos a favor e contrário à ocupação do colégio foi acalorada. O grupo contrário à ocupação ficou inicialmente em silêncio. Um estudante rompeu o silêncio, afirmando com tom indignado:

*Henrique (D) Ali, não está toda a verdade.*

Uma das cenas destacada por Henrique (D), após assistir ao vídeo, foi a cena da estudante do C. E. Heitor Lyra ao dizer, de maneira imperativa, que não estava ali para negociar com as autoridades, mas que eles tinham que realizar o que a eles estava sendo imposto (cena que aparece no vídeo Gatilho).

Na percepção de Henrique (D), isso é um absurdo porque o movimento deveria ser de negociação. Também questiona a cena em que aparece um cartaz com a legenda “ocupação é a solução”. Para ele, há outros meios, como o Conselho Tutelar, o Ministério Público e as mídias, que poderiam ter sido mobilizados em torno das reivindicações dos estudantes:

*Henrique (D): (...) não foi uma negociação, não estamos aprendendo a negociar, acho que foi bem um componente, porque o movimento é um movimento de ocupação justamente pra poder fazer algum tipo de negociação com o governo pra melhoria, mas eu achei que não estão pra negociar, eu acho que tem um cartaz escrito, que a ocupação é a solução, acho que não era solução, acho que tem meios anteriores, tem o MP, tem os conselhos tutelares, tem a mídia, tem tanto lugar que a gente pode se manifestar para depois pensar num ato de ocupar a escola, acaba de tirar totalmente o direito dos alunos de querer ir pra escola.*

Henrique (D) parece ser o porta-voz do grupo e o mais ativo durante as entrevistas, junto com Leonardo (D). Os demais alunos assistiram com atenção ao vídeo. Neusa (D) parece ter ficado incomodada por estar sendo filmada, mesmo tendo sido esclarecido inicialmente que o objetivo da filmagem seria para facilitar a transcrição das entrevistas.

Os estudantes contrários ao movimento demonstraram tensão com a exposição de suas opiniões. Em suas falas, eles fizeram uma abordagem crítica das cenas do vídeo a que assistiam.

Na percepção do grupo contrário à ocupação, o vídeo não mostrava o lado “negativo” do movimento Ocupa. Eles criticaram a presença de pessoas externas à escola e o surgimento de questões político-partidária.

Leonardo (D), por sua vez, fala da questão da eleição para diretor, e todos concordam que poder escolher a nova direção por meio de eleição foi uma conquista.

Os alunos que se posicionavam a favor da ocupação, ao assistirem ao vídeo Gatilho, transmitiam sentimentos de saudade do que viveram, e ficaram emocionados ao reverem alguns colegas que já tinham saído da escola. Mel (O) e Lorena (O) demonstraram euforia ao assistirem ao vídeo gatilho. Mel (O) disse estar arrepiada, outras quatro estudantes se emocionaram e vibraram ao se verem na escadaria da escola. Esse grupo também relatou que a comunicação foi truncada.

Yara (O), após assistir ao vídeo, destacou a força do coletivo e sua capacidade de expressar suas demandas com ousadia:

*Yara (O): pra mim o que mais chamou a atenção foi a força de vontade dos alunos de quererem ocupar e de falar firme porque estavam ocupando, que a escola era deles, então, é isso.*

No grupo favorável, evidencia-se também um sentimento de pertencimento, uma visão da escola como um bem dos estudantes, um espaço feito para eles e no qual desejam opinar a respeito de suas vivências escolares.

### **Organização e Comunicação ....**

O Amaro foi a vigésima terceira escola a ser ocupada no Rio de Janeiro. Eram poucos estudantes propondo iniciar o movimento, aproximadamente nove, mas, ao verem as outras escolas ocupadas, tiveram motivação para fazer a assembleia, votar e iniciar a ocupação.

*Yuri (O): Nós fomos a 23ª escola. A gente até teve esse receio também. O Mendes não ocupa sozinha, mas dá esse pontapé sem criar essa dinâmica de comunicação com as outras escolas. Então, eles ocupam na Ilha na cara e na coragem e ficam lá no final de semana e assim que acaba o final de semana já tem mais três escolas ocupadas. Aí explodiu, Gomes Freire (...).*

O C. E. Amaro Cavalcanti foi a escola que teve a mais longa ocupação. No primeiro momento, foram 56 dias, ocorrendo uma desocupação parcial, sendo novamente ocupada parcialmente (com os dois grupos dentro escola). Os que eram a favor ficaram em espaços específicos fora da sala de aula (auditório e corredores), e os demais, nas salas de aula com os professores que não apoiaram a greve.

Ela foi ocupada no dia 4 de abril, desocupada parcialmente no dia 2 de junho e totalmente desocupada no dia 28 de setembro. Uma característica marcante da organização dessa ocupação foi o uso das mídias sociais, embora ambos os grupos reconheçam que a comunicação não foi adequada e houve problemas de relacionamento entre eles.

Ao ser desocupada parcialmente, após dois meses, aumentou a tensão entre quem queria resistir e garantir a continuidade da ocupação e quem pretendia a desocupação da escola.

*Raquel (O): A questão é, quem queria bagunça, realmente só viu como bagunça, e quem queria o propósito certo do movimento perderam a força por causa da maioria que queria festa, a farra do negócio. Então, saíram do controle; (...) os ocupantes que a gente tentou dar a volta por cima (...) a gente logo depois da 2ª assembleia que foi por maioria o voto, a gente já criou a página e já começou a postar todas as informações, mudar tudo, twitter e facebook, e daí já teve muito acesso, porque a internet é muito amplo, todo mundo já tinha acesso.*

A desocupação parcial foi o momento em que alguns estudantes ficaram nos corredores e no auditório, enquanto as salas de aula eram utilizadas por professores e alunos para as aulas. Por fim, os estudantes receberam um mandado judicial para o término da ocupação.

As falas também apontam para o fato de as informações não terem sido claras para alguns estudantes, que ficavam em dúvida se aderiam ou não ao movimento de ocupação em função do que era transmitido pelas mídias, tanto pelas tradicionais como pelas alternativas.

*Alberto (O): Uma coisa que mais chamou atenção, além do que ela falou foi a persistência deles, acho que faltou um pouquinho de informação, (...) devia ser algo que incluísse mais as pessoas, porque se fosse um movimento com muito mais pessoas, muito mais gente, mais conscientização de todos os alunos, acho que o movimento poderia ter andado melhor, quanto mais ideias, porque muita gente não sabia muita gente não vinha pra escola, porque pra eles não havia aula, pra eles era assim: - não tem aula...faltou comunicação.*

O cenário descrito pelos estudantes é o seguinte: enquanto os estudantes a favor declaram que os professores avisavam que não teria aula, entre os estudantes do 3<sup>a</sup> ano, circulava a ameaça de que eles não teriam os seus certificados de conclusão do Ensino Médio. A ocupação acabou, nesse cenário, sendo responsabilizada pela situação de atraso acadêmico da escola e eles exigiram uma reunião na quadra da escola para esclarecimento.

A organização da ocupação era feita por meio de comissões, conforme nas demais escolas, e sua pauta de reivindicações incluía temas como infraestrutura, uniforme, material didático, eleição para direção e o fim do SAERJ.

*Yuri (O): “Então, a gente tinha pauta mais concreta em relação à estrutura da escola e tinha uma pauta mais democrática como a eleição para direção. Então essas pautas mais concretas. Por exemplo, eu lembro que era a climatização, manutenção de toda rede hidráulica, porque eu lembro que constantemente faltava água e a gente tinha que permanecer na escola. Entrega de uniforme e material didático, e as pautas mais democráticas como a pauta da eleição para direção e o fim do Saerj.*

Diferentemente das demais unidades escolares, o Amaro funciona em um prédio tombado e muito antigo, que precisa de mais verbas para sua restauração e sofre com a dificuldade para colocar ar condicionado nas salas de aula.

### Apoio recebido...

Na percepção dos estudantes favoráveis à ocupação, o apoio que receberam de familiares, professores, artistas, comerciantes, ex-alunos e universitários foi bastante significativo:

*Yuri (O): “Então assim, no primeiro momento, faz sentido ter essa resistência, teve essa real preocupação, mas depois, ao longo do tempo, a gente conseguiu construir dezenas de atividades com as nossas famílias. Eu lembro que a nossa ocupação atravessou o Dia das Mães. Eu lembro que a gente fez um almoço de domingo para todas as mães que, na época, tinham os seus filhos ocupados. As mães ajudaram se envolveram.*

Conforme a fala de Yuri, em um primeiro momento, pela falta de informação adequada, as famílias tiveram receio de deixarem seus filhos participarem do movimento, principalmente para dormir na escola. Essa escola agrega estudantes de diversas localidades, muitas delas vulneráveis.

A participação das famílias na escola em uma data comemorativa como “O Dia das Mães” e no contexto da ocupação mostra o quanto os estudantes que eram a favor estavam recebendo apoio de seus familiares.



Figura 21. Dia das Mães no C. E. Amaro Cavalcanti  
Fonte: Fotografias fornecidas pelos estudantes, 2016.



Figura 22. Dia das Mães no C. E. Amaro Cavalcanti  
Fonte: Fotografias fornecidas pelos estudantes, 2016.



Figura 23. Dia das Mães no C. E. Amaro Cavalcanti  
Fonte: Fotografias fornecidas pelos estudantes, 2016.

### Coletivo(s), posicionamento(s) e ambiguidade(s) ...

Embora os posicionamentos fossem divergentes e atravessassem as relações entre professores, estudantes e direção, todos os atores envolvidos se posicionaram por meio de ações concretas em busca de seus direitos. Na percepção de um dos estudantes contrários à ocupação, o apoio deveria vir de fontes institucionalizadas.

*Henrique (D): eu, aluno, sempre que eu tenho alguns conflitos com a direção da escola, e eu percebo que eles não têm uma atitude de ajudar, eu faço a minha parte. Eu vou ao conselho tutelar, vou ao MP, inclusive tenho*

*acesso, eu mesmo tenho várias denúncias no MP. Não sei em relação à escola, mas em relação a qualquer meio público que eu acho que me incomode, eu mesmo às vezes abro uma ponte pra qualquer tipo de aluno ter acesso à escola, como já aconteceu através da mídia. Então, eu acho que tem meios, outros meios, além de chegar e simplesmente ocupar.*

No entanto, na percepção de Yuri (O), faltou diálogo com as autoridades educacionais. Ele também fala das tensões existentes no momento da ocupação:

*Yuri (O): Então, eu lembro que trocou de Secretário bem na época das ocupações. Primeiro, foi com o Antônio Neto com quem a gente tinha bastante dificuldade de diálogo. Ele, por sinal, chegou a colocar que tinha ido no Amaro Cavalcanti, mas assim que se deu o processo das ocupações, ele decidiu remar contra. Disse que ia decretar férias, falou para os estudantes que eles iam perder dias letivos de aula. Em nenhum momento ele procurou saber qual era o motivo pelo que a gente estava ocupando a escola. Então foi o mais surreal possível.*

Ao serem perguntados pela pesquisadora por que teriam aceitado participar da pesquisa, as respostas foram diversas:

*Henrique (D) afirma: “(...) persuasão da nossa amiga”, referindo-se a Mel (O), o que demonstra a liderança de Mel dentro da unidade escolar.*

Regina (D) e Henrique (D) ressaltam que foi um momento para pensar e mostrar pontos diferentes:

*Paulo (O): Eu quis relembrar o momento que a gente lutou e melhorou bastante.*

No momento em que os alunos estavam justificando sua participação na pesquisa, o diretor entrou na sala e houve certo constrangimento. Os alunos silenciaram por alguns instantes. Eu me apresentei e o convidei para ficar à vontade, caso ele quisesse permanecer durante a entrevista. Ele olhou com ar de desconfiança ao ver os estudantes, o equipamento de filmagem, gravadores e celulares sobre a mesa, mas disse que não queria atrapalhar a pesquisa, e deixou a sala.

*Lia (O): “Podemos continuar falando sobre isso?” A estudante pergunta e Mel (O), de imediato, responde:  
Mel (O) “O diretor é amigo”.*

A fala de Mel expressa que aquele diretor era a favor dos estudantes que ocuparam a escola. Ele foi eleito por essa chapa e representava os estudantes por comungar de suas ideias e pautas, ressaltando a importância de uma escola mais democrática e com melhores condições de ensino e de aprendizagem para todos.

E os estudantes continuam explicando os motivos para participar da pesquisa.

*Lia (O): Manter viva a memória do movimento e compartilhar experiência sobre a ocupação.*

*Mel (O): A Ocupação foi um marco, a primeira vez que vimos nossa comunidade jovem se mobilizando.*

Nessa escola, laços de pertencimento foram construídos no decorrer do movimento, com apoio da forte presença das redes sociais e tecnológicas.

A memória pode ser, ao mesmo tempo, subjetiva ou individual, porque se refere a experiências únicas vivenciadas ao nível do indivíduo, mas também social, porque é coletiva, pois se baseia na cultura de um agrupamento social e em códigos que são apreendidos nos processos de socialização que ocorrem no âmbito da sociedade (SINSON, 2000).

Olga Rodrigues de Moraes Von Sinson, em seu artigo “Memória Cultura e Poder na sociedade do esquecimento”, conceitua a memória, dizendo que: é a capacidade humana de reter fatos e experiências e transmitir para as novas gerações através de diferentes suportes empíricos, voz, música, imagem, textos, etc.

A autora discute a memória como matéria-prima para pesquisa em diversas áreas das Ciências Sociais. Ela apresenta várias formas de memória existentes e seus papéis nos embates que há na vida em sociedade. Assim, podemos olhar para esse momento das ocupações como um embate representado.

Não tenho a pretensão de discutir os diversos tipos de memória, mas destacar sua importância para esta pesquisa, já que partimos da percepção dos estudantes e de suas memórias sobre a educação no cotidiano escolar.

No momento da entrevista coletiva buscava-se compreender as percepções dos estudantes a partir de uma memória individual, mas coletiva também.

Antes de revisitar a ocupação dessa escola e de descrever a reação dos estudantes após assistirem ao vídeo, julguei relevante ressaltar o contexto em que foram realizadas as entrevistas.

## 5.5

### **Ocupação das escolas: consequências e conquistas...**

As reivindicações estudantis mais gerais nos colégios estaduais do estado do Rio de Janeiro estavam relacionadas com: a merenda; a gestão democrática; a gratuidade do transporte (Riocard); a descontinuidade do sistema de avaliação estadual e com alterações no currículo mínimo.

As negociações entre os estudantes e a Seeduc ocorreram em audiências na Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, com a presença da Defensoria Pública, dos estudantes, agentes da Seeduc, promotores de justiça, entre outros.

O tema central da primeira audiência foi a merenda escolar, com destaque para a transparência no uso dos recursos destinados à sua compra e para o acompanhamento pela comunidade escolar da prestação de contas. Segundo avaliação do subsecretário, o tema tem ligação direta com a gestão democrática, já que as escolas têm autonomia para administrar a verba recebida por aluno para os 10 meses do calendário escola, e no site da Seeduc há registro do valor repassado a cada unidade escolar. Ele reconhece, no entanto, que ainda há unidades escolares que oferecem somente a merenda fria, em virtude de serem escolas compartilhadas com o município, mas afirma que a meta é que todas as escolas da rede possam receber a merenda quente.

O subsecretário aponta, ainda, para a importância de a comunidade escolar fiscalizar e reclamar pelo canal de reclamações Central de Relacionamento (Cerel), por meio de e-mails.

Um dos agentes mediadores é o defensor público, que sugere que a prestação de contas referente à alimentação fique em local visível na escola, e propõe um canal específico para reclamações somente para a merenda, sendo a sugestão acatada pelo Secretário.

Segundo a assessoria jurídica da Seeduc, houve também mudanças visando tornar as informações mais padronizadas e acessíveis, em linguagem clara, para melhorar o controle em âmbito local.

A eleição direta para a direção escolar também estava na pauta de reivindicações dos estudantes do Rio de Janeiro. No estado, a Lei nº. 7.299, de 03 de junho de 2016, foi sancionada durante o movimento de ocupação das escolas estaduais. A lei estabelece que a provisão do cargo de diretor das escolas da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro passe a ser feita por eleição direta pela comunidade escolar, e não mais por indicação.

A Seeduc também notificou formalmente todas as direções escolares para cumprimento da Resolução Seeduc 1294/86 (Grêmios Estudantis), no sentido de destinar espaço para a reunião de grêmios e de permitir a entrada de representantes do mesmo em sala de aula. O mesmo foi feito em relação ao Conselho Escolar, no

sentido de notificar formalmente todas as direções escolares para que observassem as atribuições legais dos conselhos escolares e para que fomentasse a consulta ao Conselho Escolar para a escolha de aulas diferenciadas, atividades extracurriculares e congêneres.

Quanto à infraestrutura, a Seeduc acordou e cumpriu com um repasse de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) para cada escola ocupada para reparos emergenciais, além da reforma de 185 escolas com pior indicador sobre infraestrutura, o que inclui 21 escolas ocupadas, e a manutenção dos aparelhos de ar condicionado.

Como uma ação em prol da transparência, a Seeduc teria que publicar no site e nas escolas os gastos com infraestrutura e todos os contratos na área de gestão da Subsecretaria de Infraestrutura. Essa ação foi efetivada pela Seeduc, pois, nos anos anteriores, eram elaborados relatórios anuais, após verificação de todo o espaço da escola pela Inspeção Escolar, sinalizando as questões de infraestrutura de todas as unidades escolares que precisavam de reparos.

A Seeduc também se comprometeu com a reformulação da avaliação estadual externa. O último Saerj foi conduzido no ano de 2016 e, para formulação de novo modelo de avaliação, a proposta era a de promover o debate sobre a forma de utilização da avaliação externa na composição global da nota e de assegurar outra avaliação para alunos com falta justificada, que ainda encontra-se em andamento.

O problema da ausência de porteiros e inspetores nas unidades escolares recebeu como resposta da Seeduc um plano de trabalho para que as direções regionais verificassem em todas as unidades escolares a solução alternativa à falta de porteiro adotada, fornecendo relatório dos problemas diagnosticados e das soluções propostas.

Em relação aos inspetores, a solução momentânea foi a realocação dentro dos limites regionais nas unidades escolares. Uma publicação simplificada das rotinas administrativas que as escolas devem seguir para que os alunos e toda a comunidade escolar possam identificar e comunicar eventuais falhas foi lançada pela Seeduc.

Houve, ainda, a construção de um termo de compromisso para o registro do que foi acordado em todas as audiências públicas mantidas entre os estudantes e a Seeduc. O termo inclui os seguintes compromissos da Seeduc:

- ter por objeto a pauta dos alunos que participam das ocupações das escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro, em especial o tópico referente à alimentação e ao fornecimento do uniforme escolar;

- plano de trabalho fixando os calendários de reuniões.

- ao Estado caberá fortalecer o mecanismo de controle central e manter o canal de comunicação das demandas dos estudantes por meio do Cerel;

- garantir o monitoramento e a fiscalização no que tange à aquisição da merenda escolar; dar publicidade à Central de Relacionamento da Seeduc, afixando cartazes de divulgação em todas as unidades escolares, no prazo de 15 dias;

- resguardar a identidade do aluno que formular denúncia, abstendo-se de repassar o nome do denunciante à direção regional e à direção da unidade escolar;

- apresentar, em 120 dias, plano de ação para construção de cozinha ou solução equivalente para todas as unidades escolares desprovidas de espaço próprio para preparo de alimento quente.

O termo assinado determina que caberá aos alunos a composição do Grupo de trabalho.

À Defensoria Pública e ao Ministério Público caberá:

- elaborar e implementar todas as medidas judiciais e extrajudiciais pertinentes para garantia dos direitos;

- assinatura do termo de compromisso não impede à Defensoria Pública e ao Ministério Público a promoção de medidas judiciais ou extrajudiciais em face do Estado do Rio de Janeiro, na defesa dos alunos e do direito à educação nas matérias objeto do termo de compromisso e a respeito de outros direitos que não forem abordados na ocasião.

A Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro e o Ministério Público firmaram, ao todo, seis acordos com a Secretaria Estadual de Educação em atendimento às reivindicações apresentadas por alunos que participam do movimento de ocupação das escolas estaduais.

A modo de síntese, a figura 24 apresenta de maneira sucinta as conquistas comuns a todas as escolas estaduais de Ensino Médio no estado do Rio de Janeiro, e também as conquistas dentro das pautas específicas de cada colégio ocupado participante da pesquisa.

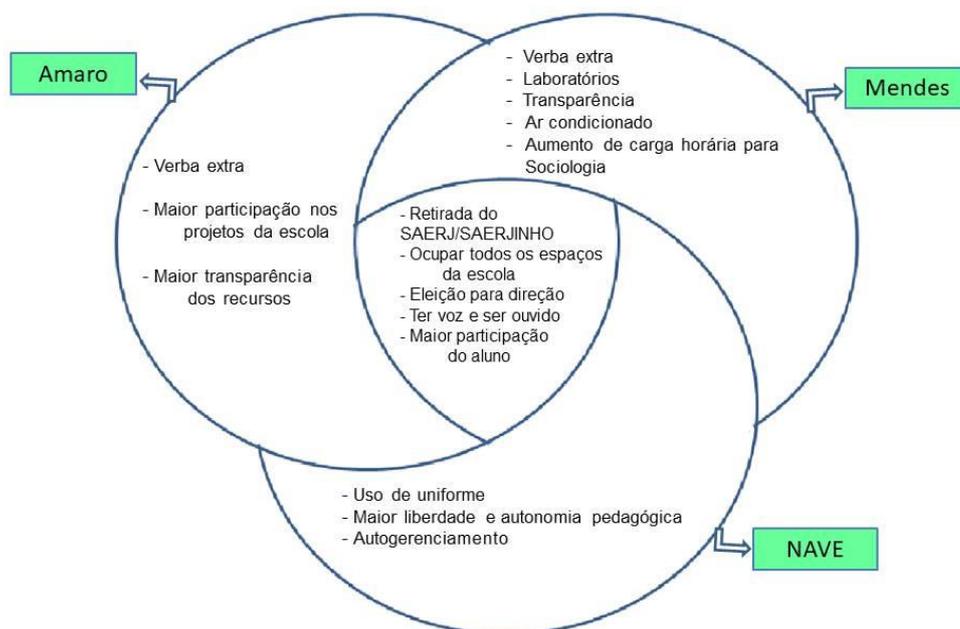


Figura 24. Intersecção mostrando as reivindicações atendidas em cada uma das unidades.  
Fonte: Imagem elaborada pela própria autora, 2018.

As ocupações das escolas proporcionaram o estabelecimento de vínculos, ao mesmo tempo em que foi possível perceber duas visões nesse episódio, no qual ocorreram experiências comuns, com vertentes distintas em cada unidade escolar. Um movimento com a mesma conexão geracional<sup>35</sup> com um hibridismo entre ciberativismo e ação coletiva direta.

Além disso, as vivências na ocupação representavam oportunidades de mais acesso aos espaços da escola, dando voz e escuta aos estudantes, sobre questões educacionais que atravessam a escola pública. Nesse contexto, aponta-se também para a ocorrência de tensões e conflitos entre gerações decorrentes do próprio processo participativo.

<sup>35</sup> Conexão Geracional, definida como “vínculo real” um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual (WELLER, 2010, p. 214).

## 5.6

### O que foi comum a todas as escolas

Uma das reivindicações dos estudantes atendidas foi a eleição para o cargo de direção. A Lei Nº 7.299, que permitiria a escolha democrática dos diretores de escolas públicas estaduais e foi amplamente debatida por alunos e professores no Legislativo Estadual (ALERJ), foi sancionada pelo governador em exercício do estado do Rio de Janeiro, Francisco Dornelles, e publicada no Diário Oficial em 08/06/2016.

A partir dessa data, toda a comunidade escolar, ou seja, estudantes, funcionários e docentes, poderiam votar e escolher os novos diretores, tendo, assim, participação ativa neste processo. A proposta era uma das principais reivindicações dos alunos e professores, e sua sanção foi colocada como uma das prioridades pelo secretário de Estado de Educação, Wagner Victor.

Essa Lei foi amplamente debatida em reuniões da Secretaria de Educação, com o Ministério Público e a Defensoria Pública, que discutiram o tema com estudantes em busca de atendê-los e dar mais transparência e permitir maior participação no processo de escolha dos diretores das escolas estaduais.

Antes da lei, a escolha dos diretores se dava por meio de um processo interno de seleção, em que os que desejavam o cargo se inscreviam, realizavam uma prova e passavam por avaliação de currículo, entre outras etapas. Agora, o docente é escolhido por meio de voto, tendo como critérios, no mínimo, três anos de experiência como professor da Seeduc e estar na escola em que deseja ser diretor há pelo menos um ano.

Após eleito, o candidato a diretor participa de um curso, que envolve princípios de gestão escolar, práticas de transparência e governança, além de ferramentas para prestação de contas dos recursos aplicados. Só então, após a conclusão com êxito destas etapas, o escolhido poderá assumir o cargo e administrar a escola.

## 6

### Considerações Finais

*[...] eu quero que [a ocupação] seja lembrada por décadas e séculos e que isso entre na história e que isso não seja esquecido. É pela primeira vez que a gente viu a juventude se mobilizando por uma coisa que é nossa. Pra mim foi muito importante, e uma palavra assim, que defina, é satisfação, assim, por estar trabalhando essa base. (Mel (O))*

Nesta tese de doutorado, investigamos três colégios estaduais de Ensino Médio que foram ocupados em 2016, a partir da percepção dos estudantes que se posicionaram a favor e contra a ocupação. Esses estudantes cursavam o Ensino Médio nessas escolas em 2018, quando foi realizada a pesquisa de campo.

A pesquisa teve como objetivo compreender, na percepção dos estudantes, as ocupações, sua organização, pautas, consequências e conquistas.

Para alcançar esse objetivo, adotamos uma abordagem qualitativa e exploratória, referenciada em conceitos e teorias desenvolvidos por autores a respeito de novíssimos movimentos sociais (DAY, 2015; GOHN, 2008), coletivos (MAIA, 2013; PEREZ; SOUZA, 2017), de juventude (CORROCHANO, 2018) e tecnologias (CASTELLS, 2013; SPOSITO, 2014).

Esses autores dirigiram nosso olhar para a fluidez que caracteriza essas ações coletivas, isto é, para o aparecimento e o desaparecimento do movimento de ocupação das escolas. Pesquisamos essas ocupações dois anos depois de elas terem acontecido e percebemos que estas formas de ação coletiva não tinham se esgotado com a desocupação, mas que perduravam nas práticas submersas e invisíveis do cotidiano escolar, seja na escuta diferenciada que as equipes de gestão dispensavam aos estudantes participantes da ocupação em 2016, seja nas percepções e identidades diferenciadas e até opostas que os estudantes mantinham em relação à ocupação da sua escola.

Essas referências também nos permitiram identificar, para além de relações mais horizontalizadas inscritas nas dinâmicas organizacionais das ocupações, a presença de lideranças capazes de negociar com o Estado, em torno de uma multiplicidade de pautas e reivindicações, como aconteceu emblematicamente nas audiências públicas mantidas entre os estudantes e a Seeduc na Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente.

A partir dessa literatura, focalizamos também o *ciberativismo* dos estudantes que participaram das ocupações em mais de 70 colégios públicos de

Ensino Médio no Estado do Rio de Janeiro. Em parte, o *ciberativismo* dos estudantes se revelou mais claramente nos vídeos elaborados e postados nas redes sociais durante as ocupações. Foi neles que baseamos a seleção dos colégios investigados, e parte deles está na base da edição de um vídeo Gatilho elaborado pela pesquisa com o objetivo de evocar o compartilhamento de uma experiência comum entre os estudantes. Por meio dos vídeos, vários elementos que caracterizam os novíssimos movimentos sociais e os coletivos estão presentes, tais como: identidade, oposição, autonomia e a presença de lideranças capazes de negociar com o Estado.

Embora uma marca dos coletivos seja o ciberativismo, durante as entrevistas, os estudantes não destacaram o papel das redes sociais, o que nos leva a refletir que esses jovens já estão imersos nessa cultura, naturalizando o uso político desses recursos que estão presentes em seu cotidiano.

Não podemos negar, no entanto, que a relação desses jovens com as tecnologias digitais foi significativa para a divulgação e a organização das ocupações das escolas e sua interceção com as ocupações dos espaços públicos, o que pode ser claramente percebido durante o contato com os vídeos produzidos pelos estudantes, visando à edição de um vídeo disparador para as entrevistas coletivas, que nos permitiu evocar junto aos estudantes as ocupações ocorridas em 2016.

O vídeo Gatilho, de pouco mais de quatro minutos de duração, enfatiza temas posteriormente abordados em entrevistas coletivas realizadas com os mesmos estudantes que assistiram a ele. A escolha das cenas para edição foi feita a partir das palavras-chave ocupação e desocupação, com ênfase no tema das ocupações, observado a partir de cada cena, cortes, sequência ou edição, ângulo, horários, iluminação, lugares da escola, trilha sonora, forma de vestir dos estudantes, tempo de duração, estratégias de empatia, de convencimento.

Samain (2012) recupera a formulação de Gregory Bateson que defende que as imagens nos fazem pensar porque, ao se associarem, tornam-se portadoras de pensamento, constituem-se em “formas que pensam”. Samain defende a ideia de imagens pensantes a partir de três argumentos: 1. toda imagem nos oferece algo para pensar, seja ligado ao real, seja ligado ao imaginário; 2. as imagens são portadoras de pensamentos porque veiculam pensamentos de quem as produziu e incorporam pensamentos daqueles que as observaram, configurando-se como um

lugar de memória coletiva; 3. as imagens são formas que pensam, dialogam e se comunicam, independentemente de nós.

Soma-se a tais reflexões a premissa de Brenner e Carrano (2014), para quem o trabalho com imagens é sempre um campo aberto para interpretação. Cada visualização, portanto, provoca novas formas de sentir e pensar.

A partir das inquietações que foram provocadas por meio das imagens no vídeo Gatilho, essas referências e estratégias nos permitiram compreender que foram problemas de infraestrutura escolar, de falta de diálogo entre a gestão educacional e escolar e professores e alunos, o apoio à greve dos professores e o pleito da eleição direta para diretor foram fatores promotores de unidade entre os alunos antes e no início das ocupações.

O momento de cisão em dois grupos com posicionamentos opostos ocorre com a materialização das ocupações, e transforma os consensos iniciais entre os estudantes em um fator de distinção entre duas visões de escola.

Entre os estudantes que se posicionaram de forma favorável à ocupação, a ênfase recai na dimensão relacional e afetiva do movimento e da escola, bem como em um sentimento de pertencimento, e em uma visão da escola como bem comum presente e futuro. Em um dos colégios que participaram da pesquisa, chegaram a identificar ganho em termos de uma maior liberdade e autonomia na escola para os estudantes passarem a “*gerenciar os nossos tempos*” escolares.

Por sua vez, entre os estudantes contrários à ocupação, prevaleceu a ênfase na dimensão acadêmica da escola e no potencial prejuízo causado pela ocupação no preparo para o ENEM. Eles manifestaram uma preocupação mais pragmática com as aulas perdidas, com a falta de cobertura do currículo e com o enfraquecimento da perspectiva propedêutica da escola.

A pesquisa também identificou ganhos materiais e ganhos simbólicos decorrentes da ocupação. Os primeiros representam ganhos mais gerais, que atingiram as escolas estaduais ocupadas e também a totalidade da rede estadual de Ensino Médio, e envolveram: 1. medidas para assegurar a transparência no uso dos recursos públicos destinados à merenda escolar; 2. legislação dispondo que a provisão do cargo de diretor das escolas da rede estadual de ensino passe a ser feita por eleição direta pela comunidade escolar, e não mais por indicação; 3. reativação de medida legal relativa ao grêmio estudantil; 4. estabelecimento de repasse de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais) a cada escola ocupada para reparos

emergenciais; 5. estabelecimento de compromisso de reforma de 185 escolas com pior indicador de infraestrutura, com publicação dos gastos; 6. suspensão das avaliações estaduais.

Os ganhos simbólicos, presentes particularmente nos três colégios pesquisados, se expressam nas mudanças relacionais introduzidas pela gestão educacional e pelas gestões escolares para atender às reivindicações dos estudantes, que demandavam ser ouvidos pelas direções de suas escolas, além de um espaço para colocarem suas opiniões.

A resposta da Seeduc foi a tentativa de fortalecimento dos canais institucionalizados, como a ouvidoria on-line ou a reativação da legislação sobre a (re)criação do grêmio estudantil nas escolas. As gestões escolares, por sua vez, procuraram promover relações de escuta e abertura, particularmente, com os estudantes que tinham se posicionado a favor das ocupações, segundo sua própria percepção.

## 7

### Referências bibliográficas

ABRAMO, L. W. Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – Chile (Cepal). **Linhas Críticas**, Brasília, v. 22, n. 47, p.110-129, jan./abr., 2016.

CORROCHANO, M. C. **Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda.** Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/318250439\\_Juventude\\_educacao\\_e\\_trabalho\\_decente\\_a\\_construcao\\_de\\_uma\\_agenda](https://www.researchgate.net/publication/318250439_Juventude_educacao_e_trabalho_decente_a_construcao_de_uma_agenda)>. Acesso em: 14 de out. 2018.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Número especial: Juventude e Contemporaneidade. São Paulo: ANPEd, (5-6), 25-36, 1997.

ALFARO, B. Colégios do estado vão voltar a ser avaliados pela secretaria. **Extra**, Jan., 2019. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/educacao/colegios-do-estado-vaio-voltar-ser-avaliados-pela-secretaria-23356348.html>>.

AUGUSTO, A.; ROSA, P. O.; RESENDE, P. E. R. Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens nos novíssimos movimentos sociais. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 21, n. 40, p. 21-37, jan./jun., 2016.

ALONSO, A.; MISCHÉ, A. Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian Protests. **Bulletin of Latin American Research**, [sl.], p. 1-11, 16 mar., 2016.

ÁLVAREZ-BENAVIDES, A.; PLEYERS, G. La producción de la sociedad a través de los movimientos sociales. **Revista Española de Sociología**, n. 27, ISSN: 1578-2824, mai., 2018.

ALVIM, D. M.; RODRIGUES, A. Coletivos, ocupações e protestos secundaristas: a fênix, o leão e a criança. **Educação Temática Digital**, v. 19, Número Especial, p. 75-95, 2017.

ANDRADE, C. B.; COUTINHO, L. G. O que as ocupações nos ensinam sobre a adolescência, o laço social e a educação? **Educação Temática Digital**, v. 19, Número Especial, p. 48-62, 2017.

ANDRADE, D. P. F. **A Ocupação Enquanto Estratégia de Ação Política do Movimento Secundarista em Goiânia.** Trabalho de Conclusão de curso de Ciência Política, Universidade de Brasília (UnB), 2016.

ANTUNES, A. Ocupar, Lutar e Resistir, **Revista POLI: saúde, educação e trabalho**, Ano VIII, Nº 44 - mar./abr., 2016.

ARANDA, S. J. El movimiento estudiantil y la teoría de los movimientos sociales. Convergencia. **Revista de Ciencias Sociales**, Universidad Autónoma del Estado de México, México, v. 7, n. 21, 2000.

ARTIGO 206, V CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL; Título VIII: Da Ordem Social; Capítulo III: Da Educação, da Cultura e do Desporto; Seção I: Da Educação. Disponível em: <[http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_18.02.2016/art\\_206\\_](http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_206_)>.

ASPIS, R. L. Minorias e territórios: ocupações. **Educação Temática Digital**, v. 19, Número Especial, p. 63-74, 2017.

BAGGIO, A. T. Imagens que pensam, que sonham, que sentem. Uma proposta ousada? **Galaxia**. (São Paulo, On-line), n. 25, p. 211-216, jun., 2013.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa **Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

BRASIL. **Mapa político com indicativo das ocupações escolares (adaptado)**. Oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2018.

BRENNER, A. K.; CARRANO, P. C. R. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1223-1240, out./dez., 2014.

BRINGEL, B.; A busca de uma nova agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow. **Política & Sociedade**, 10, p. 51-73, 2011.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. Junho de 2013... dois anos depois – Polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Nueva Sociedad especial em português**, v. 30, n. 88, p. 4-17. Disponível em: <[www.nuso.org](http://www.nuso.org)>. Acesso em: out. 2015.

CAMASMIE, M. **O Movimento de Ocupação das escolas e as novas formas de fruição da juventude escolarizada nas classes popularizadas do Brasil**. Rio de Janeiro, 2018. 130p. Tese de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CAMPOS, A. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. M. **Baderna: Escolas de Luta**. São Paulo: Editora Veneta, 2016.

CANDIDA, S. Secretaria de Educação é desocupada por ordem judicial. **Jornal O Globo**, jun. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/secretaria-de-educacao-desocupada-por-ordem-judicial-19575896>>.

CARDOSO, G.; FÁTIMA, B. Movimento em Rede e Protestos no Brasil: Qual Gigante Acordou? **Dossiê Mídia, Intelectuais e Política**, v. 16, n. 2, p. 143-176, mai./ago., 2013, disponível em: <[www.pos.eco.ufrj.br](http://www.pos.eco.ufrj.br)>.

CARRANO, P.; DAMASCENO, P. A.; TAFACKI, C. **A escola tem tudo o que precisamos**. O Facebook tem tudo o que gostamos: estudo de caso sobre as redes sociais de internet numa escola pública de Ensino Médio, 2013. Disponível em: <[http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/a\\_escola\\_tem\\_tudo\\_o\\_que precisamos\\_o\\_facebook\\_tem\\_tudo\\_o\\_que\\_gostamos\\_comunicacao](http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/a_escola_tem_tudo_o_que precisamos_o_facebook_tem_tudo_o_que_gostamos_comunicacao)>

CASTRO, M. N. P.; MARTINS, M.; PANTOJO, B.; SALOMÃO, L. A. **Escolas Estaduais com uma única etapa de atendimento e seus reflexos no desempenho dos alunos**. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação Educacional – CIMA, ago. 2015.

CAVALIERE, A. M. V. Tempos de escola e qualidade na escola pública. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1015-1035, out., 2007.

CÉSAR, A. L. S.; MOITA LOPES, L. P. da (org.). Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. **Revista da Anpoll**, Mercado das Letras, Campinas, SP, 2003.

CHAVES, S. N. S. **#Ocupa**: uma experiência educativa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CORROCHANO, M. C.; CORTIL, A. P. O.; SILVA, J. A. “Ocupar e Resistir”: A insurreição dos estudantes paulistas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 1337, p.1159-1176, out./dez., 2016.

CORSINO, L. N.; ZAN, D. D. P. A ocupação como processo de descolonização da escola: notas sobre uma pesquisa etnográfica. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 26-48, 2017.

COSTA, A. A. F.; GROppo, L. A. **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro&João editores, 2018.

COSTA, L. B.; SANTOS, M. M. Espaços virtuais moventes das escolas ocupadas de Porto Alegre: o apoio mútuo como base da inteligência coletiva. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 49-72, 2017.

DAYRELL; R. E. J. Juventude, Ensino Médio e os Processos de Exclusão. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr.-jun., 2016.

DIÁRIO OFICIAL, **Resolução Seeduc** Nº 5.151, de 03 De Novembro de 2014 – Estabelece Critérios de Classificação em Categorias das Unidades Escolares da Rede Pública Estadual de Ensino, e dá Outras Providências. Ano XL, n. 207, parte I, 05 de Novembro de 2014. Disponível: <[http://www.rj.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=e566aded-8570-465f-b737-db04b5cc4fc3&groupId=91317](http://www.rj.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e566aded-8570-465f-b737-db04b5cc4fc3&groupId=91317)>.

DIÁRIO OFICIAL, **Resolução Seeduc** Nº 5.330 de 10 De Setembro de 2015 – Fixa diretrizes para implantação das matrizes curriculares para a educação básica nas unidades escolares da rede pública, e dá outras providências. Ano XLI, n. 169, parte I, 16 de Setembro de 2015. Acesso em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/100363216/doerj-poder-executivo-16-09-2015>>.

DIÁRIO OFICIAL, **Resolução Seeduc** Nº 5.597 de 04 De Janeiro de 2018 – Altera a matriz do anexo V, da resolução Seeduc Nº 5.330, de 10 de Novembro de 2015, que fixa diretrizes para a implantação das matrizes curriculares para a educação básica, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/173266527/doerj-poder-executivo-05-01-2018>>.

DOYLE, A. **Competência crítica em informação nas escolas ocupadas do Rio de Janeiro**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programada de Pós-graduada em Ciência da Informação, 2017.

DOWBOR, M.; SZWAKO, J. Respeitável público... Performace e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos estudos – CEBRAP**, n. 97, São Paulo, nov. 2013.

FALCHETTI, C. Da institucionalização da participação à emergência do autonomismo: tendências recentes da ação coletiva no Brasil. In: **Congress of the Latin American Studies Association**, Lima, Peru: LASA, 2017.

FELIX, C. B. Entre o comunitário, o popular e o contra-hegemônico: limites teóricos e aproximações cotidianas. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 5, n. 10, jul./dez. 2010.

FERREIRA, G. B.; OLIVEIRA, L. Z. Ocupação das escolas paulistas: uma análise jurídica crítica. **Revista Direito & Práxis**, v. 08, n. 04, 2017, p. 2688-2707, Rio de Janeiro, 2017.

FLACH, S. F.; SCHLESENER, A. H. Análise de conjuntura sobre a ocupação de escolas no paraná a partir do pensamento de Antonio Gramsci. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 165-186, 2017.

GADEA, C. A.; SCHERER-WARREN, I. A contribuição de Alain Touraine para o debate sobre sujeito e democracia latino-americanos. **Rev. Sociol. Polit.**, n. 25 Curitiba, nov. 2005.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, mai./ago., 2011.

GOHN, M. G. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, jan./abr., 2018.

GOHN, M. Z. Pluralidade da representação na América Latina. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 1, jan./abr., 2014.

GOMES, L. A. O. **Jovens trabalhadores-estudantes**: a construção da vontade coletiva em experiências de ocupação de escolas. Dissertação de mestrado em educação, Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de Educação, da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

GROPPO, L. A.; TREVISAN, J. R. F.; BORGES, L. F.; BENETTI, A. M. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 141-164, 2017.

HALL, S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

JANUÁRIO, A.; CAMPOS, A. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. M. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista fevereiro**, São Paulo, v. 9, p. 1-26, mai. 2016.

KRAMER, S. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em Ciências Humanas. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. J. (Org). Ciências Humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin, **Revista NAVE**: inspirações para novas práticas, 2.ed, São Paulo, 2007.

LARCHERT, J. M. Cala boca menino! O menino não cala, resiste. **Educação Temática Digital**, v. 19, Número Especial, p. 9-22, 2017.

LEI 7.299. Dispõe sobre o estabelecimento de processos consultivos para a indicação de diretores e diretores adjuntos das instituições de ensino integrantes da rede da secretaria de estado de educação e da fundação

de apoio à escola técnica – FAETEC. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2016/06/08>>.

LEITE, M. S. No “colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. **Educação Temática Digital**, v. 19, Número Especial, p. 23-47, 2017.

MACEDO, R. M.; ESPINDOLA, N. M.; RODRIGUES, A. C.; “Não é só pelo Diploma”: As ocupações das escolas e os processos curriculares. **e-Curriculum**, v. 14, n. 4, p. 1358-1376, 2016.

MAL-EDUCADO: luta e organização nas escolas. Como ocupar um colégio? (versão on-line) Disponível em <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>>.

MAGALHÃES, C. E. A.; NÓBREGA, A. N. A. A construção identitária do professor coordenador de inglês: negociação e apresentação social na interação. In: SARUP, M. **Identity, Culture and the Postmodern World**. Edinburgh, Edinburgh University Press, 1996.

MARTINS, S. A. O Fazer Político dos Jovens das Classes Populares: As Ocupações Estudantis Paranaenses. **Revista Pedagógica**, v. 20, n. 43, jan./abr., 2018.

McADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. Para mapear o confronto político. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 2009, 76, p. 11-48.

McADAM, D.; TARROW, S.; TILLY, C. **Dynamics of contention**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. Universidade degli Studi di Milano. **Revista Young**, Estocolmo, v. 4, n. 2, p. 3-14, 1996.

MERLUCCI, A. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, p.101.

MILLS, W. **Narrativas juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: UFF, 2014.

MOEHLECKE, S. Políticas de Educação Integral para o Ensino Médio no Rio de Janeiro: Uma Ampliação do Direito à Educação? **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 1, p. 145-169, jan./abr. 2018.

LOPES, L. P. M. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: LOPES, L. P. M. (Org.) **Discursos de Identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

NUNES, L. F. **“Reintegração de Posse”**: A ocupação das escolas estaduais no estado do Rio de Janeiro como processo de reavivamento da escola pública. III Congresso Nacional de Educação, Pernambuco, PE.

OCHS, E. Constructing social identity: a language socializing perspective. **Research on Language and Social Interaction**, v. 3, n. 26, p. 287-306, 1993.

PAES, B. T.; PIPANO, I. Escolas de Luta: cenas da política e educação. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 6-25, 2017.

PAIS, J. M. Jovens e Cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 53-70, Celta Editora, 2005.

PEREZ, O. C.; SOUZA, B. M. GT11 **Entre as Ruas e os Gabinetes**: institucionalização e contestação nos movimentos sociais. Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos. 41º Encontro Anual da Anpocs, Caxambú, 2017.

PINTO, C. M. **Por um olhar Transhabermasiano**: a esfera pública virtual como tecnologia cognitiva. Rio de Janeiro, 2017. 236p. Tese de Doutorado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PRATES, G.; RUGGI, L. O.; SILVA, M. R.; MACHADO, V. F. **Ocupar e Resistir**: Memórias de ocupação - Paraná 2016, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, p. 192, 2017.

PRONZATO, C. **Acabou a Paz!** Isso aqui vai virar Chile! Escolas ocupadas em São Paulo. Direção, Roteiro e Produção: Carlos Pronzato, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>> (60 min.), acesso em Dez. 2016.

RATTO, C. G.; GRESPAN, C. L.; HADLER, O. H. “Ocupa 1º de maio”: ciberdemocracia, cuidado de si e sociabilidade na escola. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 99-118, 2017.

RESOLUÇÃO S. E. E 1.294 DE 25/04/1986; Aprova modelo de estatuto dos grêmios estudantis. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=451406>>.

RIO DE JANEIRO: mapa do estado do Rio de Janeiro com divisão das regionais da Seeduc. Oficial da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc).

SÁNCHEZ, J. M. A. El Movimiento Estudiantil y la Teoría de los Movimientos Sociales. **Centro de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades – UAEM**, n. 21, p. 225-250, jan./abr., 2000.

SEGUNDO, M. A. C. S.; SEVERO, R. G. OCUPATUDORS: socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no Rio Grande do Sul. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 73-98, 2017.

SILVA, A. S. **Juventudes e movimentos de ocupação das escolas:** caminhos e desafios para o ensino da Geografia. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia. Universidade de Brasília, Brasília, DF, p. 161, 2017.

SILVA, A. V. M.; MELO, K. S. #OCUPAISERJ: estratégias comunicacionais do movimento de ocupação do instituto superior de educação do Rio de Janeiro. **Educação Temática Digital**, v. 19, n. 1, p. 119-140, 2017.

SILVA, B. V. G.; SILVA, E. C. H. “Uma Pá de Ocupação”: Ocupações escolares e atuação juvenil no Rio Grande do Sul. **Revista Teias**, v. 18, n. 50, jul./set., 2017.

SILVA, J. M. A. P. Cultura escolar, autoridade, hierarquia e participação: alguns elementos para reflexão. **Cad. Pesqui.**, n. 112, p. 125 -135, mar., 2001.

SIMSON 2003 A contribuição da metodologia da história oral em estudos de grupos étnicos. **História Oral**, v. 16, n. 1, p. 51-67, jan./jun., 2013.

SPOSITO, M. P. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, P.; FÁVERO, O. (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos:** olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: UFF, 2014. p. 97-130. <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/47589>>. Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo.

SVAMPA, M. **La sociedad excluyente.** La Argentina bajo el signo del neoliberalismo, Buenos Aires, Taurus, 2005.

SVAMPA, M. Protesta, Movimientos Sociales y Dimensiones de la acción colectiva en América Latina. **Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la Argentina**, p. 1-23, mai., 2009.

TARROW, S.; TILLY, C. The practice of contentious politics. **Social Movement Studies**, v. 3, n. 7, p. 225-246, 2008.

TILLY, C. **From mobilization to revolution.** MA: Addison-Wesley Publishing Co., 1978.

ZIBAS, D. "A Revolta dos Pinguins" e o novo pacto educacional chileno. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, p. 199-220, 2008.

## 8 Anexos

### 8.1 Anexo I: Aprovação do Comitê de Ética da PUC-Rio

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Câmara de Ética em Pesquisa da PUC - Rio

#### PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-RIO (2017-83)

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

#### Identificação:

**Título:** Escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro: um campo a ser investigado (Departamento de Educação da PUC-Rio)

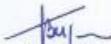
**Autora:** Adriana da Silva Lisboa Tomaz (Doutoranda do Departamento de Educação da PUC-Rio)

**Orientadora:** Alicia Maria Catalano de Bonamino (Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio)

**Apresentação:** Pesquisa de abordagem exploratória, descritiva e analítica que objetiva caracterizar e analisar a organização do movimento de ocupação de escolas públicas por estudantes do Ensino Médio, buscando compreender as relações entre os membros discentes e deles com as famílias, a comunidade escolar e a gestão pública, considerando, em especial, as estratégias de comunicação adotadas na divulgação do movimento e na busca de diálogo com o governo do Estado. Espera compreender o sentido atribuído à escola, pelos participantes do movimento, durante e após as ocupações. A pesquisa será desenvolvida em quatro escolas da rede estadual de ensino, junto a alunos e ex-alunos que participaram do movimento de ocupação, seus professores e diretores, bem como com membros da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), da Defensoria Pública e da sociedade civil. Prevê usar como instrumental: questionário, entrevista semiestruturada, grupo focal e análise de documentos relacionados ao tema.

**Aspectos éticos:** O projeto e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (aluno, ex-aluno, responsável, profissional) apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se referem às responsabilidades de seu corpo docente e discente. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido expõem com clareza os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem seguidos e a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados coletados e da identidade dos participantes. Informam sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

**Parecer:** Considerando os elementos expostos acima somos de parecer **Favorável** à aprovação do projeto quanto aos princípios e critérios estabelecidos pela Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.

  
Prof. José Ricardo Bergmann  
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 2017

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos  
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900.  
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527 1619 FAX (021) 3527 1132.  
E-mail: vrac@puc-rio.br

## 8.2 Anexo II: Autorização da Pesquisa

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Ofício da Instituição**

Ao Excelentíssimo Senhor Secretário de Educação,

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

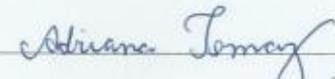
A aluna Adriana da Silva Lisboa Tomaz, pesquisadora do Laboratório de Avaliação da Educação (LAEd), doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio), matrícula nº 1512022, vem solicitar uma autorização para realização da Pesquisa de Doutorado sobre o "Protagonismo Juvenil e seu impacto na construção democrática", a pesquisa tem o objetivo de caracterizar e analisar o movimento estudantil, as ações da SEEDUC/RJ em resposta ao movimento, a construção dos grêmios e os estudantes como usuário das políticas educacionais.

A temática está inserida na Linha de Pesquisa *Educação, Relações Sociais e Construção Democrática* do departamento de Educação da PUC-Rio. Para tanto pretende-se pesquisar em unidades escolares pertencentes as seguintes Metropolitanas: III; IV, SERRANA I; MÉDIO PARAÍBA e BAIXADA LITORÂNEA.

Rio de Janeiro 08 de janeiro 2018.



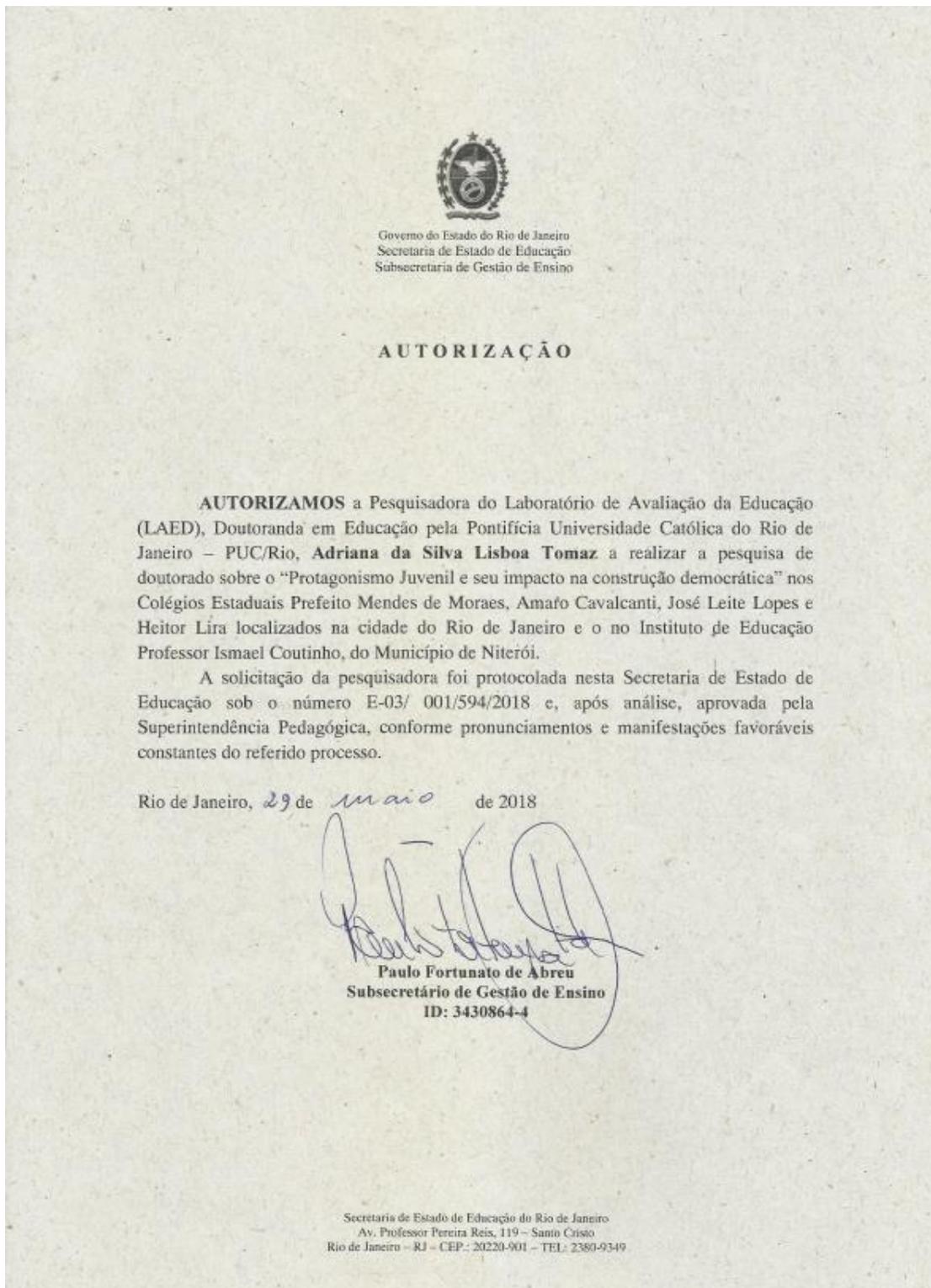

Wagner Granja Victor  
Secretário de Estado de Educação

  
Pesquisadora: Adriana Tomaz

  
Orientadora: Alicia Bonamino

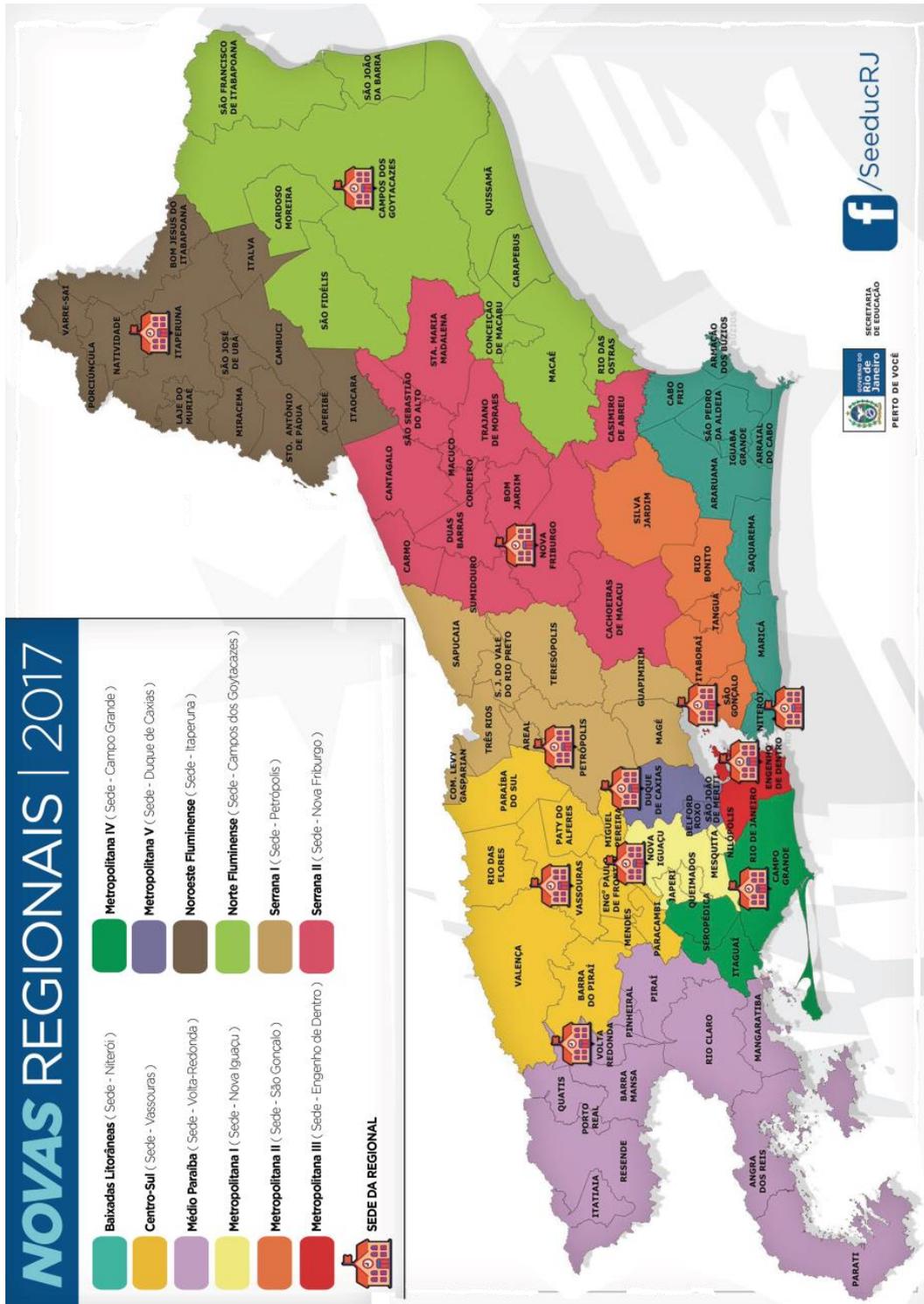
## 8.3

## Anexo III: Autorização do Governo para a Realização da Pesquisa



### 8.4 Anexo IV: Mapa das Regionais do Rio de Janeiro

PUC-Rio - Certificação Digital N° 1512022/CA



Fonte: Seeduc, 2018.

## 8.5

## Anexo V: Escolas Ocupadas no Estado do Rio de Janeiro

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1512022/CA

METROPOLITANA II	SÃO GONÇALO	33089841	IE CLELIA NANGI	14/04/2016	06/06/2016							
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33068852	CE PROFESSOR CLOVIS MONTEIRO	06/04/2016	03/06/2016							
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33069921	CE GOMES FREIRE DE ANDRADE	28/03/2016	02/06/2016							
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33069930	CE HEITOR LIRA	04/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE				29/06/2016 - totalmente desocupada		
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33071551	CE CENTRAL DO BRASIL	18/04/2016	17/05/2016				21/05/16	02/06/16	DESOCUPADO PARCIALMENTE	30/09/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33071969	CE VISCONDE DE CAIRU	04/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE				12/09/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33072248	CE HISPANO BRASILEIRO JOAO CABRAL DE MELO NETO	11/04/2016	02/06/2016							
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33085498	CE PREFEITO MENDES DE MORAES	21/03/2016	16/05/2016							
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33125740	CE PAULO FREIRE	18/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE			05/07/16	08/07/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE	25/07/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33132879	CE DOM HELDER CAMARA	18/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE				17/09/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33139156	CE PROFESSORA SONIA REGINA SCLUSESE DESSIMONI PINTO	14/04/2016	02/06/2016							
METROPOLITANA III	RIO DE JANEIRO	33140715	CE ANTONIO HOUAISS	13/04/2016	11/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE			03/08 Paralisação das atividades	01/09/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA IV	RIO DE JANEIRO	33079323	CE STUART EDGAR ANGELJONES	06/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE				06/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA IV	RIO DE JANEIRO	33079340	CE BANIGU	11/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE				28/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA IV	RIO DE JANEIRO	33079943	CE JOÃO SALIM MIGUEL	12/04/2016	02/06/2016	DESOCUPADO PARCIALMENTE				06/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		

BAIXADAS LITORANEAS	NITERÓI	33056560	CE PINTO LIMA	10/05/2016	13/06/2016 PARCIALMENTE	11/07/16	09/09/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE	
CENTRO SUL	MEENDES	33038228	CE PROFESSOR ARAGAO GOMES	14/04/2016	31/05/2016			
CENTRO SUL	MEENDES	33038260	CE DOUTOR JOAO NERY	05/04/2016	25/05/2016			
MEDIO PARAIBA	BARRA MANSA	33029369	CE BARAO DE AIURUOCA	18/04/2016	25/04/2016			
MEDIO PARAIBA	VOLTA REDONDA	33032742	CIEP 295 PROFESSORA GLORIA ROUSSIN GUEDES PINTO	08/04/2016	17/05/2016			
MEDIO PARAIBA	VOLTA REDONDA	33033056	CE GUANABARA	07/04/2016	17/05/2016			
MEDIO PARAIBA	VOLTA REDONDA	33033994	IE PROFESSOR MANUEL MARINHO	17/04/2016	23/05/2016			
MEDIO PARAIBA	PARATY	33037523	CE ENGENHEIRO MARIO MOURA BRASIL DO AMARAL	10/05/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE	19/07/2016 Desocupada totalmente		
MEDIO PARAIBA	ANGRA DOS REIS	33098077	CIEP 302 CHARLES DICKENS	18/04/2016	30/05/2016			
MEDIO PARAIBA	ANGRA DOS REIS	33037230	CE LEOPOLDO AMERICO M DE MELLO	27/04/2016	07/06/2016			
MEDIO PARAIBA	VOLTA REDONDA	33103097	CIEP 403 MARIA DE LURDES GIOVANETTI	11/04/2016	02/06/2016			
METROPOLITANA I	NOVA IGUAÇU	33060274	IE RANGEL PESTANA	18/04/2016	07/06/2016			
METROPOLITANA I	QUEIMADOS	33099901	CIEP 335 PROFESSOR JOAQUIM DE FREITAS	11/04/2016	24/05/2016			
METROPOLITANA II	SÃO GONÇALO	33089094	CE NILO PECANHA	11/04/2016	02/06/2016			
METROPOLITANA II	SÃO GONÇALO	33089108	CE PANDIA CALOGERAS	25/04/2016	07/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		06/07/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE	

METROPOLITANA IV	RIO DE JANEIRO	331.06690	CIEP 225 MARIO QUINTANA	15/04/2016	07/06/2016				
METROPOLITANA V	DUQUE DE CAXIAS	33048509	CE IRINEU MARINHO	06/04/2016	21/05/2016				
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33062340	CAIC JOAQUIM JOSE DA SILVA XAVIER - O TIRADENTES	18/04/2016	20/06/2016				
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33062374	CE REVERENDO HUGH CLARENCE TUCKER	18/04/2016	20/06/2016				
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33062676	CE SOUZA AGUIAR	18/04/2016	06/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE		10/07/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33062919	CE PAULO DE FRONTIN	18/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		06/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33063389	CE CHICO ANYSIO	08/04/2016	02/06/2016				
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33063397	CE AMARO CAVALCANTI	14/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		02/06/2016 - DESOCUPADA PARCIALMENTE	28/09/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE	
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33065276	CE ANDRE MAUROIS	14/04/2016	06/06/2016				
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33126224	CE HERBERT DE SOUZA	11/04/2016	06/06/2016				
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33271208	CE JOSE LEITE LOPES	14/04/2016	06/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE		09/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33439222	CE COMPOSITOR LUIZ CARLOS DA VILA	08/04/2016	07/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		13/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		
METROPOLITANA VI	RIO DE JANEIRO	33126755	CE MONTEIRO DE CARVALHO	20/04/2016	06/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE		08/06/2016 totalmente		
METROPOLITANA VII	MESQUITA	33061181	CE PRESIDENTE CASTELO BRANCO	03/05/2016	25/05/2016				
METROPOLITANA VII	SÃO JOÃO DE MERITI	33092141	CIEP 114 MARIA GAVAZIO MARTINS	13/04/2016	06/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE		08/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE		

METROPOLITANA VII	SÃO JOÃO DE MERITI	33.104379	CIEP 175 JOSE LINS DO REGO	11/04/2016	14/04/2016				
METROPOLITANA VII	SÃO JOÃO DE MERITI	33092427	CE PROFESSORA REGINA CELIA DOS REIS OLIVEIRA	29/04/2016	06/06/2016				
METROPOLITANA VII	SÃO JOÃO DE MERITI	33092796	CIEP 179 PROFESSOR CLAUDIO GAMA	20/04/2016	25/04/2016				
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33008892	CE GENERAL DUTRA	19/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE	06/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE			
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33011842	CE NELSON PEREIRA REBEL	29/04/2016	02/06/2016				
NORTE FLUMINENSE	SÃO FIDÉLIS	33012458	CE BARAO DE MACAUBAS	02/05/2016	02/05/2016				
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33008396	CE CORONEL JOAO BATISTA DE PAULA BARROSO	15/04/2016	28/05/2016				
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33008450	CE JOSE DO PATROCINIO	12/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE	06/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE			
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33008868	CE DOUTOR THIERS CARDOSO	18/04/2016	02/06/2016				
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33008485	CE NILO PECANHA	20/05/2016	02/06/2016				
NORTE FLUMINENSE	CAMPOS DOS GOYTACAZES	33010110	LICEU DE HUMANIDADES DE CAMPOS	13/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE	06/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE			
NORTE FLUMINENSE	MACAÉ	33015180	CE LUIZ REID	12/04/2016	06/06/2016				
NORTE FLUMINENSE	MACAÉ	33015317	CE MATIAS NETO	05/04/2016	06/06/2016				
NORTE FLUMINENSE	MACAÉ	33015740	CE PROFESSORA VANILDE NATALINO MATTOS	18/04/2016	02/06/2016				
NORTE FLUMINENSE	RIO DAS OSTRAS	33025525	CE CINAMOMO	19/04/2016	06/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE	28/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE			

REGIONAL	MUNICÍPIO	CENSO	ESCOLA	DATA DA PRIMEIRA OCUPAÇÃO	DATA DA PRIMEIRA DESOCUPAÇÃO	DATA DA SEGUNDA OCUPAÇÃO	DATA DA SEGUNDA DESOCUPAÇÃO	DATA DA TERCEIRA OCUPAÇÃO	DATA DA TERCEIRA DESOCUPAÇÃO
BAIXADAS LITORANEAS	ARARUAMA	33026432	CE EDUARDO SILVA	11/04/2016	06/06/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	ARRAIAL DO CABO	33027102	CE VINTE DE JULHO	18/04/2016	06/06/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	IGUABA GRANDE	33028605	CE DOUTOR FRANCISCO DE PAULA PARANHOS	07/04/2016	01/06/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	MARICÁ	33054215	CE EUCLYDES PAULO DA SILVA	04/04/2016	31/05/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	MARICÁ	33054339	CE FRANCISCO JOSE DO NASCIMENTO	11/04/2016	02/06/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	NITERÓI	33055750	CE PAULO ASSIS RIBEIRO	13/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		16/09/2016 – DESOCUPADA TOTALMENTE		
BAIXADAS LITORANEAS	NITERÓI	33056480	CE LEOPOLDO FROES	15/04/2016	15/04/2016	07/05/16	10/05/2016 – DESOCUPADA TOTALMENTE		
BAIXADAS LITORANEAS	NITERÓI	33057117	IE PROFESSOR ISMAEL COUTINHO	07/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		16/09/2016 – DESOCUPADA TOTALMENTE		
BAIXADAS LITORANEAS	NITERÓI	33102503	CE DAVID CAPISTRANO	12/04/2016	02/06/2016 DESOCUPADA PARCIALMENTE		Desocupada em 23/07		
BAIXADAS LITORANEAS	CABO FRIO	33027315	CE PROFESSOR RENATO AZEVEDO	19/04/2016	06/06/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	CABO FRIO	33027323	CE MIGUEL COUTO	19/04/2016	07/06/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	ARMARÇÃO DOS BUZIOS	33027820	CE JOAO DE OLIVEIRA BOTAS	26/04/2016	18/05/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	MARICÁ	33053910	CE ELISARIO MATTA	20/04/2016	30/05/2016				
BAIXADAS LITORANEAS	NITERÓI	33055769	CE RAUL VIDAL	23/05/2016	23/05/2016				

NORTE FLUMINENSE	CAMBUCI	33004943	CE PROFESSOR MANOEL GONCALVES RAMOS JUNIOR	18/11/2016	02/12/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE				
SERRANA I	PETRÓPOLIS	33041210	CIEP 137 CECILIA MEIRELES	12/05/2016	02/06/2016				
SERRANA I	TERESÓPOLIS	33042527	CE EUCYDES DA CUNHA	06/05/2016	06/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE	Desocupada totalmente			
SERRANA I	PETRÓPOLIS	33040125	CE DOM PEDRO II	18/04/2016	03/05/2016				
SERRANA I	MAGÉ	33053391	CE PROFESSOR ALFREDO BALTHAZAR DA SILVEIRA	11/04/2016	06/06/2016				
SERRANA II	NOVA FRIBURGO	33021708	CE PROFESSOR JAMIL ELJAICK	18/04/2016	03/06/2016 DESOCUPADO PARCIALMENTE	13/06/2016 - DESOCUPADA TOTALMENTE			
SERRANA II	NOVA FRIBURGO	33022755	CIEP 123 - Glauber Rocha	23/11/2016	07/12/2016				

## 8.6

## Anexo VI: Tabela de Vídeos observados

Unidade escolar	N.º de Vídeos assistidos	Link do vídeo	Título
C. E. Prefeito Mendes de Moraes	18	<a href="https://bit.ly/2y1rmNX">https://bit.ly/2y1rmNX</a>	Alunos ocupam o Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes e ex-alunos apoiam o movimento
		<a href="https://bit.ly/2CrFY1I">https://bit.ly/2CrFY1I</a>	Grupo de estudantes ocupa o colégio estadual prefeito Mendes de Moraes no Rio de Janeiro e recebem apoio dos pais dos alunos Reportagem da tvbrasil
		<a href="https://bit.ly/2NnJG8T">https://bit.ly/2NnJG8T</a>	Rio de Janeiro - RJ PM tenta entrar na ocupação C. E. P. Mendes de Moraes e é barrado por alunos, porque não tem mandado judicial. Conflito entre estudantes e a polícia – Midia Independente
		<a href="https://bit.ly/2zSho32">https://bit.ly/2zSho32</a>	OCUPAMENDES - Visita da Quinta Forania ao Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes (Ilha)
		<a href="https://bit.ly/2OADIWT">https://bit.ly/2OADIWT</a>	OCUPAMENDES is Victor Divulgação do movimento.
		<a href="https://bit.ly/2IBCcOR">https://bit.ly/2IBCcOR</a>	Veja mais informações sobre reintegração de posse do colégio estadual Prefeito Mendes de Moraes
		<a href="https://bit.ly/2zTdzKO">https://bit.ly/2zTdzKO</a>	MOV06888 O estudante João também participou na entrevista coletiva desta pesquisa. A influência do Chile e São Paulo; como tudo aconteceu. - YouTube
		<a href="https://bit.ly/2CrW1I2">https://bit.ly/2CrW1I2</a>	Ocupa Mendes Ambafre Amigos e Moradores do Bananal e Freguesia. Pauta das reivindicações. Eleição para diretor.
		<a href="https://bit.ly/2NnwO2O">https://bit.ly/2NnwO2O</a>	OcupaMendes - parte 1bora falar mais de Educação
		<a href="https://bit.ly/2IFtlvs">https://bit.ly/2IFtlvs</a>	OcupaMendes - parte 2
		<a href="https://bit.ly/2py3cGk">https://bit.ly/2py3cGk</a>	Rio de Janeiro-RJ Colégio Estadual é ocupado por estudantes na Ilha do Governador
		<a href="https://bit.ly/2y0sYrw">https://bit.ly/2y0sYrw</a>	mendes de moraes ocupacao 2016
		<a href="https://bit.ly/2II0yGU">https://bit.ly/2II0yGU</a>	Recado para os secundaristas! OCUPATUDO
		<a href="https://bit.ly/2OyYPsR">https://bit.ly/2OyYPsR</a>	Ocupa Mendes-ocupação de alunos nas escolas
		<a href="https://bit.ly/2BVgFzw">https://bit.ly/2BVgFzw</a>	COLETIVA DE IMPRENSA OCUPA MENDES
		<a href="https://bit.ly/2OIPM8R">https://bit.ly/2OIPM8R</a>	Ocupa Mendes e Radio Sonda Resiste realizam ato na Ilha do Governador
<a href="https://bit.ly/2CqxJhV">https://bit.ly/2CqxJhV</a>	OCUPA MENDES RESISTE BRAVAMENTE AOS ATAQUES E DEPREDações DOS DESOCUPAS (ASSISTA ÀS IMAGENS)		
<a href="https://bit.ly/2C0wwMW">https://bit.ly/2C0wwMW</a>	CURTA WALKING MENDES (Prod. CAFUNÉ NA LAJE)		

C. E. Ismael Coutinho	4	<a href="https://bit.ly/2zSxyJy">https://bit.ly/2zSxyJy</a>	OCUPA IEPIC (Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho)
		<a href="https://bit.ly/2O4DPe6">https://bit.ly/2O4DPe6</a>	Niterói-RJ estudantes do Instituto de Educação (IEPIC) fazem ocupação
		<a href="https://bit.ly/2Rr2eby">https://bit.ly/2Rr2eby</a>	OCUPA IEPIC - Fala do Professor Cicero Tauil
		<a href="https://bit.ly/2Crgj4u">https://bit.ly/2Crgj4u</a>	Desocupa Iepic
C. E. Heitor Lira	2	<a href="https://bit.ly/2DXvyUp">https://bit.ly/2DXvyUp</a>	Estudantes do Heitor Lira falam sobre a ocupação estudantil no colégio
C. E. José Leite Lopes	1	<a href="https://bit.ly/2Pgl0kl">https://bit.ly/2Pgl0kl</a>	OCUPA CEJLLNAVE - APOIE!
C. E. Amaro Cavalcanti	7	<a href="https://bit.ly/2QpfJXS">https://bit.ly/2QpfJXS</a>	ocupaamaro ocupações educação amaro Cavalcante
		<a href="https://bit.ly/2O4cCba">https://bit.ly/2O4cCba</a>	Vamos repensar a escola OcupaAmaro
		<a href="https://bit.ly/2DXXM1u">https://bit.ly/2DXXM1u</a>	Ameaça de desocupação no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti
		<a href="https://bit.ly/2Rs4yiz">https://bit.ly/2Rs4yiz</a>	OCUPA AMARO VEM AÍ
		<a href="https://bit.ly/2O2kg5U">https://bit.ly/2O2kg5U</a>	PALAVRA DE ESTUDANTE - PROFESSORA FABÍOLA AMARO CAVALCANTI
		<a href="https://bit.ly/2pzheHJ">https://bit.ly/2pzheHJ</a>	Colégio Estadual Amaro Cavalcanti - Rio de Janeiro
Instituto Superior de Educação	2	<a href="https://bit.ly/2zTfYoO">https://bit.ly/2zTfYoO</a>	Ocupações em escolas - um grito pela educação
		<a href="https://bit.ly/2py3fSm">https://bit.ly/2py3fSm</a>	Estudantes ocupam prédio principal do Instituto de Educação na Tijuca na zona norte
C. E. Visconde de Cairú	3	<a href="https://bit.ly/2Rs1GCw">https://bit.ly/2Rs1GCw</a>	Estudantes falam sobre a ocupação do Colégio Visconde de Cairu
		<a href="https://bit.ly/2sayNkj">https://bit.ly/2sayNkj</a>	Ocupa Cairu 1
		<a href="https://bit.ly/2CpU279">https://bit.ly/2CpU279</a>	#OCUPACAIRU - Visita da Quinta Forania no Colégio Estadual Visconde de Cairú (Méier).
C. E. André Maurois	1	<a href="https://bit.ly/2O8vs0U">https://bit.ly/2O8vs0U</a>	Ocupação do C. E. André Maurois (2016)
Outros	2	<a href="https://bit.ly/2Rqq6fo">https://bit.ly/2Rqq6fo</a>	Ana Júlia secundarista de Curitiba na Assembleia Legislativa - Ocupação
		<a href="https://bit.ly/2DXw8Bz">https://bit.ly/2DXw8Bz</a>	Tentativa Frustrada de Desocupação da Escola Clybas Pinto Ferraz (Vídeo Completo)
TOTAL	40		

Fonte: Elaboração própria, 2018.

## 8.7

### Anexo VII: Transcrição das Entrevistas Coletivas

#### 8.7.1

##### Colégio Prefeito Mendes De Moraes

###### GRUPO CONTRÁRIO À OCUPAÇÃO (ENTREVISTA COLETIVA)

Pesquisadora: Para vocês se situarem mais sobre a pesquisa, eu conversei com a Madalena e com a Kele, e agora vou falar com vocês. A proposta desse encontro é ouvir, na percepção dos alunos que estão ainda na escola, 3º ano, que, de certa forma vivenciaram o movimento estudantil de 2016. É bom deixar claro pra vocês que não tem assim – contra ou a favor, resposta certa ou errada, nada disso, a percepção de vocês que é o foco da pesquisa, sobre a escola, como está essa escola como era, e o que vocês percebem, na fala de vocês na questão atual da escola, do Mendes. Todo mundo aqui estuda desde o 1º ano aqui? Todos?

Estão chegando, eles dois. Vocês comungam da mesma ideia? Então agora eu fiquei com muita gente, de 4 a 9 fechou, vocês vão receber um papel pra botar o nome fictício, um pseudo nome, porque, quando eu fizer as transcrições para a pesquisa, o nome de vocês não aparecerá. Levanta a mão, quem é menor de idade, já que ela está gravando, depois eu visualizo quem é menor de idade, e quem é maior de idade; você é maior ou menor de idade? Três, então eu tenho três, depois vocês vão assinar que participaram direitinho.

Eu vou voltar um pouquinho, porque eles chegaram agora, então eu queria que cada um se apresentasse rapidamente, são 9:05. O que vocês vão falar nessa apresentação: se é aluno da escola pública desde o início, o que pretendem fazer após o término do Ensino Médio, qual foi a trajetória de vocês e onde moram, se moram perto do colégio se moram distante. Antes até de vocês começarem a apresentação, eu trouxe um vídeo breve, de 4 minutos, pra ajudar a gente a pensar no movimento, para quem vivenciou e para quem não vivenciou também.

Meu nome é Adriana, como eu estava conversando com vocês, essa minha pesquisa é para perceber o que foi o movimento na percepção dos alunos, uma investigação nas escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro, o protagonismo juvenil, como se deu tudo o que ocorreu naquele período e o que vocês trazem na memória acerca desse movimento. Estamos falando da pesquisa em si, alguns são alunos do 3º ano, que participaram de uma forma direta e indireta, pra colocar um pouco disso pra gente.

Eu sou professora do fundamental I, minha formação é pedagogia, eu estudei desde o 1º ano, a minha vida toda na escola pública, fiz curso normal, fiz faculdade particular, pedagogia, sou pedagoga, fiz algumas especializações, mestrado na Estácio, e hoje eu faço doutorado na PUC, e essa faz parte da minha tese de doutorado. Eu quero agradecer muito por vocês terem se disponibilizado, para estar aqui participando, até porque a gente tem pouquíssimos trabalhos sobre o tema, por causa da questão do tempo, porque o movimento começou em 2015-2016 e não tem muitos trabalhos acadêmicos focados nas ocupações. Quem quer se apresentar? Gostaria que vocês falassem seus nomes, quantos anos, onde estudavam, onde moram e o que pretendem fazer após concluírem o Ensino Médio.

Meu nome é Renata, tenho 17 anos, eu moro aqui na Ilha, no Cacuia, e pretendo fazer arquitetura.

Nina. Tenho 17 anos Moro no Tauá...e pretendo fazer faculdade de medicina.

Caio: moro na comunidade Quarto Real, sempre fui de escola pública, e pretendo ser sargento do Exército.

Cristiano Ronaldo – tenho 18 anos, trabalho e estudo em escola pública, desde muito tempo, não foi a minha vida toda, trabalho com acessórios de automotivos, sou atleta de jiu-jitsu, meu sonho é conseguir viver de luta, mas como o esporte no Brasil é muito difícil, se não der certo, quero me formar em alguma área militar, passar em algum concurso e fazer faculdade de educação física.

Ester: moro nos Bancários, estudei a minha vida toda em escola pública, quando eu saio do colégio, faço balé, jazz, pretendo cursar moda ou educação física.

Vittar, 18, moro no Morro do Timbau, Maré, tenho 18 anos, estudo no Mendes de Moraes desde 2015, estudei a vida toda em escola pública, trabalho com administração hospitalar, quando terminar meus estudos, quero fazer psicologia.

Deby, 17 anos, estudei a vida toda em escola pública, moro na Freguesia, exatamente ao lado da escola Mendes. Pretendo, quando terminar o Ensino Médio, passar no concurso público, para pagar a minha própria faculdade.

Lucas Marques, 18 anos, sempre estudei em escola pública, e quando terminar o Ensino Médio eu pretendo fazer faculdade de gastronomia.

Meu nome é Luna, tenho 19 anos, trabalho de auxiliar de aeroporto, meu Ensino Fundamental eu estudei em escola particular, mas meu Ensino Médio está terminando em colégio público e pretendo ser comissária de voo.

Colaboradora Sheila Arantes, eu estou ajudando a professora Adriana em sua pesquisa, sou da Bahia, estudei muito tempo em escola pública, sou pedagoga, sou mestranda no curso em educação e tecnologia, amo educação e acredito que o nosso país possa ser um país melhor a partir de educação de qualidade, eu acredito muito no futuro de vocês.

Colaboradora Márcia Gentile: sou amiga da Adriana, conheci no mestrado da Estácio, sou formada em pedagogia e mestre em educação, sou também professora e trabalho no município com educação infantil.

Pesquisadora: Então, vocês ouviram falar da ocupação em algum momento?

Aí fica aberto, tá gente.

[vários falaram juntos]: Sim, sim.

Pesquisadora: Ah, isso que eu ia pedir pra vocês, não dá para falar junto, se não depois eu não consigo fazer a transcrição.

Lucas: Antes de começar a ocupação uma semana ou duas semanas assim, começaram a fazer assembleias pra falar sobre e explicar o que seria o evento, o que seria a ocupação mais ou menos assim.

Cristiano Ronaldo: Eu lembro que, no começo do ano, no meu primeiro ano não tinha ar condicionado, no 1º ano, não tinha ar condicionado em nenhuma das salas, e o pessoal de manhã era mais razoável, e pra quem estudava à tarde estava aquele sol de 40° e ninguém conseguia ficar dentro da sala, aí, todo mundo saiu da sala e sentou no corredor da escola, só que aí não deu muita vazão na época, aí a gente foi e fez uma passeata pela Ilha, todos os alunos de manhã e da tarde. Só que aí, também não adiantou muito e aí, a gente fez a segunda passeata e também não adiantou nada de novo.

Pesquisadora: Vocês se lembram, aqui nós dividimos em 2 grupos, e esse grupo é o grupo que depois ficou contra o movimento. É isso?

Vittar: Depois desse movimento que ele falou, começou o movimento de querer ocupar a escola, e começaram. E chegamos aqui no primeiro dia e trocaram o cadeado da escola, e a gente não conseguiu entrar, ficamos do lado de fora, e

ficamos, e depois daquele momento a gente viu que eles queriam ocupar... derrubar e ocupar a escola.

Pesquisadora: O que vocês pensaram na época?

Vittar: A gente começou o movimento bem certo, porque a gente não tinha ar condicionado, a gente não tinha todos os professores, mas aí a gente não tem, mas depois de um bom tempo, aquela ocupação começou a virar uma bagunça. Então eles mesmos que estavam ocupando fizeram uma imagem totalmente diferente do que tinha antes, entendeu? Então por isso que a maioria das pessoas virou contra, por esse motivo, porque era uma bagunça muito grande criada por eles mesmos.

Pesquisadora: Mas no início você era a favor ou era contra?

Vittar: No início eu era a favor, porque era um movimento que favorecia a todos nós, aí depois começou a virar uma baderna.

Colaboradora Márcia: Por que virou uma baderna, em que sentido?

Vittar: No sentido de ter uma desorganização maior com eles aqui dentro.

Deby: Quebraram cadeiras. Fizeram festas aqui dentro.

Pesquisadora: A festa aconteceu?

[Vários responderam juntos] Aconteceu.

Pesquisadora: Então vocês se lembram o que passaram nessa época, até porque vocês viveram, não é? Ela quer falar.

Deby: Eu acho que no começo todos os alunos e também alguns professores eram todos a favor da ocupação, só que, depois de um tempo, era um movimento todo construído, estruturado, eram os alunos tomando conta da escola, mas haveria aulas, cursos, ao longo do tempo e para vestibular. Só que, depois de algum tempo, eles mesmos começaram a se contradizer; foi nesse meio tempo que começou a surgir o movimento contra a ocupação.

Pesquisadora: Então, senta aí. O que eu estou entendendo agora é que, inicialmente, vocês pensaram que era uma coisa boa.

Ester: A partir do momento que começou a não ter mais aulas, as pessoas tiraram uns dias porque queriam estudar, aí teve muita gente que perdeu o emprego, porque não podia pegar a declaração aqui, porque a secretaria não estava funcionando, teve gente que tinha que pegar histórico, ficou sem, aí depois a gente ficou sem aula, aí teve que repor várias aulas, que perdeu.

Pesquisadora: Não podia, por quê?

Ester: Porque a secretaria não estava funcionando, eles não deixavam ninguém entrar, a escola não estava funcionando.

Caio: Só quem era da ocupação podia entrar na escola.

Vittar: E participar da atividade deles. Porque tinha que ir diretamente à Seeduc, e a Seeduc era um trajeto muito grande pra ir atrás das coisas.

Lucas: E depois chegou um momento que só podia entrar quem era a favor da ocupação da escola.

Lucas: Todos tentávamos entrar em um consenso com o pessoal que estava aqui dentro, pra entrar e falar: “pô, vamos dar um fim nisso”, tal, alguma coisa assim, democraticamente, só que não. E eles sempre falavam: não, ninguém pode entrar além da gente. Tinha sempre uma barreira pra gente.

Cristiano Ronaldo: Ou eles mentiam, diziam que iam fazer um acordo, foi o que aconteceu muitas vezes. A gente chegava, conversava pelo WhatsApp com eles normal, assim, sem arrogância, chegava e conversava, vamos resolver de uma forma amiga, aí eles falavam: “Ah tá, pode ir pra escola, que a gente vai abrir pra vocês”, chegava aqui, eles fechavam tudo, não tinha assembleia, ou então eles falavam na assembleia: “Quando for 7 horas da noite, a gente vai embora”. Aí a

gente acreditou, ingênuo, acreditamos, fomos pra fora da escola. Esperaram a gente sair, fechou tudo e ninguém entrou mais. Foi quando eclodiu o movimento do desocupa. Aí porque muita gente não entendeu também, porque, assim, a arrogância e as coisas que aconteceram aqui dentro, caso de agressões, e muito do que a gente viu nas festas. Nego usando drogas na escola, no caso, me espantou muito, a gente debatendo com a professora na escada, eu brinquei, eu falei assim: “pô, professora, o aluno está fumando maconha na escola, quando começar as aulas eu vou vender aqui dentro pra lucrar um dinheiro”, aí ela falou assim: “e qual o problema dele fumar maconha dentro da escola?”. Aí eu fiquei sem ter o que responder para ela, ela não vê nenhum problema nisso!

Deby: Nessa parte que ele falou que não estavam atendendo mais, é porque os funcionários já estavam com medo de entrar na escola, porque ela estava sendo administrada por alunos, foi nesse momento que começou toda a baderna que estava acontecendo, e eram coisas, que, por exemplo, eu, que moro do lado da escola, posso afirmar que 3 horas da manhã saía umas músicas de baixo calão, altíssima, que essa parte inteira da escola não podia dormir. Foi isso que o povo começou a se movimentar contra a ocupação também.

Lucas: E, também, não eram só alunos daqui do Mendes, vieram alunos de outros lugares pra ficar aqui dentro, não era só o pessoal aqui apoiar, vieram pessoas de outros lugares pra ficar aqui dentro.

Luna: E, também não tinha só aluno, tinha gente de tudo quanto é lugar.

Vittar: Políticos. O que mais revoltou a gente foi a nossa imagem dos alunos que queriam entrar na escola e ter as aulas normalmente, estava como monstros porque não podia entrar na escola, como baderneiros, vândalos, porque realmente os vândalos eram eles. Porque a gente tentava entrar num consenso de todos estarem na escola, tudo normalizar e, eles mesmos não queriam.

Luna: Enquanto a gente tentou entrar, desocupar, digamos assim, a gente viu pelas salas, as salas estavam todas sujas, tinha camisinha nas salas, a cozinha estava imunda, estava muito suja.

Pesquisadora: O que vocês pensam hoje desse movimento?

Vittar e Cristiano: Que foi só um atraso.

Renata: Até porque o nosso 1º ano, a gente foi pro 2º ano sem base alguma, muita gente reprovou por não ter o conhecimento do 1º ano, os professores fizeram o máximo.

Luna: Os professores começaram a correr com a matéria, a passar tudo de qualquer jeito, porque não tinha mais tempo. A gente não tinha tempo pra ter aula, começaram a embolar.

Lucas: Tinha uma coisa que eu percebi que eles não pensavam nos outros, eles pensavam neles mesmos. Porque esse ano um, brincando, falou assim: “vamos ocupar, porque o ar não estava funcionando. Vamos?”, “Não, não vamos fazer isso não, porque nós estamos no terceiro ano, precisamos estudar para o ENEM”.

Cristiano Ronaldo: O meu 1º ano eu fui terminar em março, minha última nota em matemática foi em março, eu fiz minha última prova em março, em março, eu ainda estava estudando no 1º ano, então atrasou tudo. Ah! Tudo bem, se atrasasse tudo por uma boa causa, voltando às mil maravilhas, pô, a gente estaria de boa, não teria problema, só que meu 2º ano eu não tive professora de português, não tive professora de matemática e não tive professora de física, na beira do Enem, aí, no quarto bimestre, o governo vem como bom amigo, joga uma professora, ela vai, dá um trabalho pra gente fazer em casa, todo mundo tira 10, porque fez o

trabalho em casa. Em casa você vai pesquisar no google, ela vai e bola nota aleatória – sete, nove, dez, todo mundo ficou com nota alta, mil maravilhas.

Pesquisadora: Mas aí, você fica com a nota retroativa, pro 2º, 3º bimestre?

Cristiano Ronaldo: Sim.

Vittar: Quando você chega no terceiro bimestre, eles repetem todas as notas.

Cristiano R: Aí o que aconteceu? Eu entrei no pré-militar tentei fazer, não consegui, porque, por mais que você se esforce, você está competindo com alunos que vêm de escola particular, teve aula o dia todo, está entendendo. Já chega, quem estuda em escola pública, não estuda aqui porque quer, vou ser muito sincero, ninguém vai querer uma cota pra poder estudar em colégio bom, pré-vestibular bom, vai chegar no pré-militar cansado, porque trabalhou à tarde, porque estudou de manhã, vai chegar cansado, além disso, disputa com pessoas que sabem mais do que você, tu vê que o professor falou e responde de primeira, enquanto tu está querendo lembrar números primos, porque tu não teve uma boa base, não teve aula de matemática no 2º ano, está entendendo, não teve aula de português, e agora o que acontece também no 3º, não sei, porque tu não teve matéria do 3º. E o que aconteceu, você que se lasque, eu tirei 1,5 em matemática agora, mano, não entendi nada do que ela falou, ela vai falar mil vezes e não vou entender, porque eu não tenho a base, não tenho uma bagagem.

Vittar: Outra coisa que deu pra perceber, é que a maioria dos alunos que ocuparam a escola eram alunos com notas baixas, alunos faltosos, alunos que colavam em provas. Acho que uma pessoa que quer exigir mudança, ela tem que mudar primeiro a si mesmo e eles não mudavam.

Ester: A maioria desrespeitava os professores.

Vittar: A maioria.

Ester: Não só os professores.

Vittar: Eles dizem que estão honrando pelos direitos deles, mas, poxa, eles estão sempre atrapalhando a aula do professor, estão afrontando o professor.

Vittar: ...tínhamos um curso e trabalho aos sábados, mas os professores começaram a repor e vai ter teste e obrigavam os alunos a fazer teste no sábado.

Cristiano R: No meu caso, eu sou atleta de Jiu-jitsu. Tinha que faltar aos treinos e o professor queria dar aula até às 8h30 da noite, aí me prejudicou.

Vittar: Eles queriam de várias formas, tipo, lançar a matéria que estava atrasada, porque eles realmente ficaram três meses, e três meses é um bimestre, (foram mais de três meses) então, eles queriam pegar todas aquelas matérias que eles mesmos atrasaram, e queriam sair anotando no meio de um bando de vácuo, e você tendo que entender uma matéria do 3º estando no 4º, entender a do 4º e assim foi tudo confuso.

Cristiano R: Só pegando uma alça do que ele falou: eram alunos faltosos que não queriam nada, se você olhar, 80% dos alunos ficaram presos no 2º ano, e os que estavam no 3º – não, a gente estava por causa do pré-vestibular, dizem que conseguiram o que eles queriam.

Luna: E alguns que ficaram em dependência saíram daqui, foram para aquele colégio, o CEJA, EJA, sei lá, tiraram a nota, a certificação deles e acabou, sem se prejudicarem.

Ester: Eles que fizeram a ocupação, os líderes passaram, foram para UFRJ, mas os que foram atrás deles que se ferraram. Eles se safaram indo pra faculdade, se esforçaram, claro, mas o pessoal que estava atrás deles se ferrou.

Vittar: Eles criaram uma facção dentro da escola. Os líderes da ocupação, não, eles estavam no 3º ano, eles se safaram, estão indo para faculdade se esforçaram, claro, mas o pessoal que estava atrás deles se ferrou.

Deby: Voltando aos professores. Eu mesma tive que ter aula no meu turno que era à tarde e no contraturno que era à noite, foram cinco matérias, eu estudando 12 horas por dia na escola, para poder ter uma base, que os professores tiveram consciência de fazer isso. Só que acontece que foi uma complicação tão grande, se você chegar hoje e perguntar pra qualquer aluna sobre alguma matéria do 1º ano, aposto que a maioria não sabe, a gente precisava de uma bagagem pra chegar ao 3º ano. No 3º ano a gente aqui está se matando na escola, em cursos pré-vestibulares por causa disso. Estava todo mundo no 1º ano, a maioria. A gente se mata por causa de uma coisa que aconteceu há dois anos, foi uma coisa que, foi um bimestre e meio que acabou com a vida da maioria, para alguns não tem essa possibilidade de pagar um bom curso pra fazer um bom Enem, entendeu.

Pesquisadora: Esse vídeo eu analisei mais de 40, eu sei que muitos deles não foram feitos pelos alunos, eu procurei fazer um recorte dos assuntos mais recorrentes, da rotina na escola, dos conflitos, e eu trouxe pra vocês poderem pensar um pouco mais. Então vamos ao vídeo.

O que mais chamou a atenção de vocês nesse vídeo?

Lucas: A primeira vez que eu vejo eles fazendo um vídeo sobre a escola.

Deby: Gente, me desculpa falar, mas isso aqui virou o “Peixão”, um bordel aqui da Ilha.

Vittar: Eles ganharam uma autorização da prefeitura para essa ocupação e para “festa” também.

Cristiano R: Essa autorização que a prefeitura deu, tipo assim, o governo, não quer que a gente estude, ele quer que a gente continue surdo ou cego. Se fosse pelo governo, a escola estava ocupada até hoje em três meses e meio e eles não resolveram nada, se não fosse a gente entrar. Quer parar, e quer que todo mundo te veja, vai para porta do aeroporto.

Pesquisadora: O que pensaram quando estavam vendo?

Deby: Raiva, muita raiva. Porque eles mentiram muito.

Vittar: Omitiram a verdade.

Ester: Claro que eles não vão falar: “Nós estamos fazendo baderna”.

Luna: A mentira, o motivo real é porque eles não gostavam do diretor Marcio, porque no tempo do Marcio a escola era mais organizada, tinha regras, ninguém entrava sem uniforme. Tinha que ser só os alunos daqui, mas quiseram chamar fulano, beltrano.

Cristiano R: Tinha políticos, tinha gente sendo pago para ficar aqui dentro e saco de adesivos.

Vittar: Tiveram quatro assembleias, mas eles não escutaram, porque a maior votação era para não tirar o diretor.

Ester: Parava caminhão aqui para abastecer, eles também iam para Praia das Bica Para pedir ajuda.

Pesquisadora: Se vocês fossem fazer um vídeo sobre esse assunto, o que colocariam nele?

Vittar: Tipo mandaria todo mundo tomar no cu. (A galera riu).

Deby: Desmentir tudo o que eles falaram. Eles faziam totalmente ao contrário do que eles falavam. O que foi botado na mídia? Que o pessoal do desocupa começou a bater em todo mundo, o que eles não viram é que aquele foi um momento de raiva, um momento de surto de todo mundo, porque ninguém mais

aguentava aquela situação. A mídia nos botou como os vilões da história, só que eles não sabiam a verdade.

Ester: Teve um menino que se cortou para dizer que foi a gente que bateu neles.

Vittar: Nós publicaríamos as fotos que nós tínhamos com camisinha, droga, diversas coisas, um vídeo real do que acontecia aqui dentro.

Colaboradora Márcia: Na primeira imagem que vocês viram, vocês disseram: Ih, esses não eram da escola!

Vittar: Foram eles que incentivaram os daqui a fazerem.

Cristiano R: Os políticos, são eles que eles incentivaram, no primeiro ano, vamos ser muito sinceros, ninguém tinha cabeça, tenho certeza que muita pessoa daqui mudou a opinião política, pessoa que era de direita virou de esquerda, e gente que era de esquerda foi pro lado da direita. Você via que tudo o que eles falavam era um discurso decorado, que alguém tinha falado pra eles, era aquela pessoa que não sabia nada, e de repente chegava aqui, e era o esperto, quando era pra falar de política e era sempre o mesmo discurso, você entrava na escola era só uma palavra fascista.

Lucas: Era um discurso decorado, eles sempre sabiam o que eles iam falar, o pessoal do 1º ano sem argumento, ou seja, ouvia o que ele falava, parecia que era uma coisa muito inteligente. O 1º ano todo apoiou, mas, na boa, do 2º e 3º, ninguém apoiou.

Deby: Outra coisa que eu acabei de ouvir “Que eles não tinham líderes”. Mentira, eles tinham sim. Tinham 4 ou 5 pessoas que comandavam tudo aqui. E umas 20 pessoas que a maioria não era da escola. Eles não debatiam.

Lucas: Não botava a cara a tapa.

Luna: Eles entravam muito em contradição, “Que a escola era nossa”, a gente tentava entrar na escola e eles não deixavam. Teve uma vez que eles conseguiram a listagem com o nome de todos os alunos, não sei como. Você só podia entrar na escola se o nome estivesse na listagem, mas tinha aluno aqui, que não sei como, que não era da escola.

Vittar: No início aqui o movimento foi superlegal eu super apoiei o movimento, mas depois virou uma bagunça.

Luna: Teve uma manifestação aqui na Ilha, eu até fui também.

Pesquisadora: A escola mudou após a ocupação?

Três responderam juntos: Não, Não.

Vittar: Só para pior.

Deby: Mudou o quê? Em que sentido? Várias pessoas perderam amigos, criou inimizade.

Vittar: A escola ficou dividida em ocupa e desocupa. O fundão era a gente, na frente eram eles, botaram uma barreira.

Lucas: O que eu achei pior, é que sempre tinha polícia aqui, agora não tem segurança. A última vez que eu vi a polícia aqui, nem foi na ocupação foi no dia em que um pai entrou aqui armado ameaçando o professor.

Pesquisadora: Qual o tipo de escola que os alunos desejam?

Vittar: Uma escola bem melhor, eles chamavam a gente de fascista. Hoje em dia os fascistas estão aqui dentro, na diretoria, no governo.

Pesquisadora: Qual é o tipo de escola que vocês desejam?

Ester: Uma escola com manutenção pelo menos, porque a escola é uma escola boa. Só falta manutenção.

Renata: Os professores têm desejo em da aula pra gente, a professora Maria é um exemplo disso, mas colocam 50 alunos em uma sala pequena sem ventilação. Falta mesa, falta cadeira.

Luna: A escola está sem organização.

Lucas: Eles escreveram na parede Chapa 2, xingando professor.

Luna: Eu votei nessa chapa por causa do Walter.

Cristiano R: A direção não faz nada literalmente, aconteceu uma briga com duas alunas e ninguém fez nada.

Luna: O Walter deveria ser o diretor-geral. Depois da ocupação, não tem mais segurança nenhuma dentro dessa escola.

Deby: Depois que eu estou aqui já entrou três pessoas armadas nessa escola.

Pesquisadora: O que ficou da ocupação?

Luna: O que ficou foi a falta de respeito com o diretor, com a inspetora, eles chega e diz que ela tem que abrir agora, não respeita...

Pesquisadora: A maneira dos professores darem suas aulas mudaram? As aulas são mais integradas, diferentes após as ocupações?

Caio: Depois da ocupação sim, porque os professores que eram muito bons, tiveram que correr com a matéria deixando muitos alunos que não pegaram direito, e poucos conseguiram pegar matéria direito e seguir adiante.

Pesquisadora: Mas hoje eles conseguiram seguir adiante? Melhorou? Ou não?

Caio: Hoje os professores que conseguem trabalhar numa sala adequada conseguem dar uma aula boa. Não melhorou, continuou a mesma coisa.

Pesquisadora: Concordam?

Deby: De certa forma, mudou pouquinho, pra pior, porque, além deles darem a matéria do 3º ano, eles têm que voltar pra ensinar algumas matérias que a gente não aprendeu.

Pesquisadora: Como é o clima escolar e as relações aqui da sua escola?

Vittar: É deserto do Saara, porque é muito quente dentro da sala, e as relações, eu acho uma relação muito boa, mas tem vezes, que o pessoal do grêmio quer se intrometer demais em relação às coisas da escola, tomando um passo à frente dos alunos, e eu não acho legal.

Pesquisadora: O que mais facilita e o que mais dificulta a participação nas aulas? Que tipo de escola os alunos hoje desejam? É a mesma que os da ocupação desejavam?

Cristiano R: Sim, bem sim, mas será que era o que eles desejavam mesmo?

Ester: Eu acho que eles desejavam sim, mas, mesmo assim, eles sabiam que não valia a pena, mas continuavam aqui, porque eles gostavam de bagunça, mas são as mesmas coisas sim.

Cristiano R: ...Mais participação nas aulas, é o caso de a gente ter se atrasado muito no tempo, teve um ano perdido de aula, e nos torna um aluno mais participativo; tem matérias que eu entendo muito bem porque eu tenho facilidades, vamos botar matemática, eu não fico mais na sala, assinei minha dependência porque eu não vou entender, faço de tudo pra entender, mas eu não consigo entender, eu acabo chutando o balde.

Ester: Cara, eu literalmente nunca tive problema pra prestar atenção nas aulas, mas teve uma aula de história que eu não consegui mesmo, eu olhava pro quadro eu só queria lavar o rosto, porque meu rosto estava queimando, aí era som misturado com calor.

Deby: Na aula de geografia eu cheguei a passar mal.

Vittar: A nossa professora de matemática, por exemplo, ela deu aula para uma turma que estava muito quente e tinha muito lixo, e ela estava dando aula com várias moscas ao redor do lixo, foi no tempo que não tinha funcionário para a limpeza.

Pesquisadora: Gente, tem mais. A nova direção mudou a prática de gestão após o movimento?

Vittar: Mudou, mudou pra pior. Depois que tiraram o Marcio.

Lucas: por mais que a Kele seja uma diretora legal com os alunos, ela é legal demais, e a gente precisa de alguém que seja rígido e fale aquilo. E que você tenha que obedecer, sabe. Tipo: não que ele seja maior que você, mas são regras. Tipo chegar em você e falar: “oh, você brigou na escola, agora nós vamos chamar seus pais, vamos chamar alguma coisa assim, suspensão e tal. Mas não, agora não está acontecendo mais nada.

Luna: Mas, tipo assim, concordando e não concordando com você, às vezes ela tenta impor regras, mas eles mesmos, “cagam” para as regras dela, ela fala e eles não escutam. Eles acham que eles são os donos e acabou, eles fazem os que eles querem.

Vittar: ...Tem que ter uma voz ativa: “oh, não fez, esse grupo não fez, não fez, vai embora”.

Luna: o Walter tem voz ativa.

Cristiano Ronaldo: Tem gente que por causa da ocupação odeia o cara, porque ele teve que fechar o portão. Ele não quis brigar com ninguém, mas tem muita gente que não gosta dele. Tem pessoas que até hoje, por causa da ocupação, porque foi ele que segurou o portão na primeira vez, mas é um cara que ajuda a escola.

Pesquisadora: Olha só, eu vou ter que tirar algumas perguntas daqui, porque a gente vai fechar. Quem vai sortear? Como vocês vêem as mídias sociais tradicionais e amadoras?

Luna: Uma parte da mídia era a favor, mas do jeito que eles falavam da ocupação, e do desocupa, eles chegavam tipo, vou até dar o exemplo, do dia que a gente tentou pular o muro de manhã, para tentar tirar eles, a gente falou, pô tem como vocês não filmar agora, filmando isso, na hora que a gente tentou pular o muro, ligaram a câmera.

Pesquisadora: Quem fez parte do desocupa? Vocês eram parte do desocupa? [Quatro levantaram a mão afirmando que participaram].

Luna: No dia que a gente entrou, tentamos conversar com eles, chegamos a pedir pra eles abrirem, pra entrar, na maior parte eles toparam.

Vittar: ...A gente ficou três meses e meio querendo conversar e eles não.

Cristiano R: Teve uma vez que a gente entrou, aí a gente foi, teve até um desembargador aqui na escola ficamos conversando com o desembargador maior tempão. Na boa, a gente vai sair.

Luna: Não, mas teve um dia que eles saíram mesmo e a gente pegou os colchões, foi o dia que a gente ficou mais revoltado. Pegamos os colchões e jogamos lá fora.

Pesquisadora: Por que concordou em participar da pesquisa?

Vittar: Interessante.

Deby: Para explicar outro lado.

Luna: Mostrar realmente a verdade, pra mostrar o nosso tempo de voz, porque antes a gente não tinha, era só para os vândalos.

Lucas: Para mostrar realmente a verdade.

Ester: Até hoje o pessoal pensa que nós somos vândalos.

[Juntos, Deby, Vittar e Cristiano]: Até hoje. Todos balançam a cabeça concordando.

Cristiano: Alguém pra escutar a gente, não somente a versão deles, a gente mostrando a verdade.

Pesquisadora: Eu agradeço muito a colaboração de vocês.

### 8.7.2 Colégio Amaro Cavalcanti

#### GRUPO A FAVOR DA OCUPAÇÃO (ENTREVISTA COLETIVA)

Pesquisadora: Eu vou começar me apresentando, eu sou Adriana Tomaz, sou pesquisadora, professora, sempre estudei em escola pública, fiz curso normal, me formei em Pedagogia, depois fiz mestrado em Educação na Estácio e agora faço doutorado na PUC, essa minha pesquisa é para perceber o que foi o movimento da ocupação na percepção dos alunos, como tudo aconteceu e se ocorreram mudanças.

Colaboradora Ana Luisa: também sou doutoranda da PUC-RJ também sou formada em pedagogia, professora de escola especializada em educação de surdos e estou ajudando Adriana. Então, como eu conheço a trajetória da Adriana na pesquisa, eu vim hoje ajuda-la e, talvez, eu faça algumas perguntas pra vocês, sintam-se à vontade pra responder ou não.

1-Paulo, 18 anos, no 3º, eu futuramente pretendo fazer educação física, estou tentando ver quais as possibilidades de fazer e estou vendo mais algumas coisas e tal, e sobre a ocupação eu sou a favor por que a gente tem os nossos direitos, de lutar e querer melhorar a nossa educação. A gente sempre tem que lutar por aquilo que a gente quer ter, nunca na vida vai vir de graça, sempre estudei em Escola Pública.

2-Mel, 18 anos, ocupei a escola, ocupei o Amaro Cavalcanti, porque acredito que a Escola Pública principalmente é dos estudantes e eu nunca senti isso na escola em que eu estava, em todas as escolas. Sempre estudei em Escola Pública, quero me formar em educação física, e me especializar em educação infantil, e, é isso.

3-Lorena: 18 anos, estudei em escola particular até o 7º ano, depois eu fui pra Escola Pública, pretendo fazer odontologia.

4- Jose: 17 anos, quero fazer ciências sociais, estudei na E. Particular até o 9º ano, e aí eu vim pro Amaro, no 1º, ano que teve a ocupação, aonde eu fui a favor no início, e depois as coisas começaram a sair do controle. Eu não me vi mais representada no movimento.

Pesquisadora: Desculpa, onde você mora?

Jose: Santa Teresa, Costa Barros.

5-Yara: Eu tenho 17 anos, estudei em Colégio Público até o 9º ano, depois vim pro Amaro, também no 1º ano, no ano que teve a ocupação, eu era da tarde e também apoiei; eu quero fazer faculdade de direito.

6-Alberto: Eu Tenho 17 anos, moro no Flamengo, estudei sempre em EP e, no início, eu apoiei a ocupação sim, sempre acreditava que iria mudar, só que acho que depois foram perdendo a representatividade, e que depois acabou mudando os objetivos. Acho que foi isso, que acabou terminando a ocupação, e eu quero fazer engenharia náutica.

7-Raquel: Tenho 17 anos, estou cursando o 3º ano e pretendo, quando terminar a escola, fazer faculdade de psicologia. Estudei a minha vida toda em Escola Pública, moro em Ramos.

8-Lia: 17 anos, moro em Bonsucesso, 3º ano, eu pretendo fazer design onde me sinto muito bem, e sobre a ocupação, quando começou, em 2016, eu não sabia, eu não entendia, então no começo eu não apoiei, mas com o tempo eu apoiei, e deixei de apoiar de novo porque ficou uma bagunça.

9-Mara: 17 anos, sempre estudei Escola Pública, pretendo fazer psicologia ou direito, não sei ainda, aí no começo também não sabia muito bem o que era a

ocupação, do que se tratava então não tinha dado minha opinião, aí eu vi que ficou uma bagunça, então, só querem falar da escola, ah, não apoiava, aí depois que eu vim entender e tal, aí minha opinião mudou.

Pesquisadora: Eu dividi em 3 blocos, para organizar a nossa conversa. Vocês ouviram falar das ocupações em algum momento, durante ou depois que acabaram?

Jose: Eu ouvi, acho que umas duas semanas antes, o meu professor de história falou que iam começar a greve e ele falou que poderia acontecer, e eu não entendi nada, porque eu nunca ouvi falar em ocupação e ele não chegou a explicar o que era ele só falou: “Ah! Vamos ocupar a escola, essas coisas, e o quê estão falando, como assim, vão ocupar a escola, vão dormir na escola? Foi no 1º ano.

Raquel: Eu fiquei sabendo durante o período que estava ocorrendo isso, pelos alunos, a movimentação da escola, e a gente vai percebendo as coisas, só que eu não entendia o foco e o propósito, então, de início, como outros disseram, não sabia se apoiava ou não, mas depois que eu vi as ideias, o propósito aí eu comecei a apoiar. É isso.

Pesquisadora: Alguém ouviu por outro canal?

Mel (O): Desde 2015 eu sou articulada politicamente e já em movimentos, e desde a ocupação em São Paulo, eu já estava sabendo que podia estourar no RJ, e, em 2016, no início do ano, já começou o movimento de ocupar a escola no RJ. Então eu já estava acompanhando, e eu não me lembro direito como é que foi, mas teve um estopim no colégio, acho que foi a falta d’água, não me lembro o que aconteceu. A gente teve assembleia e o grêmio se reuniu pra fazer a assembleia e conseguiu.

Colaboradora Ana Luisa: Hoje você participa do grêmio, alguma coisa assim?

Mel: Não, hoje a gente não tem grêmio no colégio ainda, mas na gestão de 2015 até 2016 eu participei.

Pesquisadora: Por que hoje não tem grêmio no colégio ainda?

Todos: Porque está tendo eleição pro grêmio.

Colaboradora Ana Luisa: O que foi o conselho escolar no ano passado?

Pesquisadora: como é que funciona o conselho escolar?

Mel: O conselho escolar é antes da direção, eu participei do conselho também e a gente toma as decisões junto com a direção.

Pesquisadora: O pensamento de vocês ainda é o mesmo, mudou alguma coisa?

Alberto: Hoje eu vejo a ocupação que pode e existem outros meios pra gente fazer algo parecido com isso, ter as melhorias pra escola. Mas, acho que a ocupação no momento que foi, foi importante pra todos nós que hoje a escola tem uma participação bem melhor com diretores e professores que antes não existia. Eu fiquei muito pouco tempo pra saber como era antes, mas antes não tinha nenhuma interação com a direção, nenhuma, nenhuma, possível.

Pesquisadora: você acha que agora está mais democrático?

Alberto: É.

Pesquisadora: Eu fiz uma seleção de 40 vídeos nas redes sociais sobre as ocupações, selecionei algumas escolas do estado, foi feita uma edição com questões pontuais que eram recorrentes nas escolas, vou colocar pra vocês o vídeo, que é um disparador pra gente continuar nossa conversa. Bom, continuando o segundo bloco, o que mais chamou a atenção de vocês nesse vídeo?

Yara: Pra mim o que mais chamou a atenção foi a força de vontade dos alunos de quererem ocupar e de falar firme porque estavam ocupando. Que a escola era deles, então, é isso.

Lia (O): “Podemos continuar falando sobre isso?” A estudante pergunta e Mel (O), de imediato, responde:

Mel (O) “O diretor é amigo”.

Pesquisadora: O que mais chamou a atenção?

Alberto: Uma coisa que mais chamou atenção, além do que ela falou, foi a persistência deles. Acho que faltou um pouquinho de informação, eu acho que a gente não pode mudar todo mundo, mas eu acho que devia ser algo mais democrático, devia ser algo que incluísse mais as pessoas, porque se fosse um movimento com muito mais pessoas, muito mais gente, mais conscientização de todos os alunos, acho que o movimento poderia ter andado melhor. Quanto mais ideias, porque muita gente não sabia, muita gente não vinha pra escola porque pra eles não havia aula, pra eles era assim: “não tem aula”. É o que eu acho, faltou comunicação.

Pesquisadora: Eu vi que vocês ficaram bem emocionadas, a Mel a Lorena também.

Mel: Pra mim, mexeu bastante com meu emocional, porque foi um momento da minha vida política incrível. Eu entrei em 2015 e tudo mais, só o que eu atuei mesmo assim de corpo e alma foi aqui dentro do colégio que eu estudo, então assim, aqui tem muita luta minha dentro desse colégio, sabe, ver isso tudo de novo repassando depois de 2 anos é incrível, senti tudo isso de novo.

Jose: Bateu a nostalgia, porque foi um momento bem importante na minha vida também, onde eu não tinha noção nenhuma de nada, e com isso eu fiquei esperta. Eu passei a me informar mais, aí criei o senso crítico, sabe, uma coisa que ninguém tinha. Assim, perdeu o foco depois, mas, assim, o processo até chegar lá foi incrível, eu não estava aqui na ocupação, não ficava aqui, mas sempre quando tinha manifestação, essas coisas assim, eu ia e tentava me envolver, só que não ficava aqui de noite, mas é isso.

Pesquisadora: Mais alguém?

Mara: Eu fiquei emocionada porque hoje em dia eu entendo, na época eu não sabia e tal, e eu vejo a oportunidade que eu perdi por falta de comunicação da escola e tal, essas coisas, e foi isso.

Pesquisadora: Ah! Mel, ah eu acho que o Yuri disse esse nome.

Pesquisadora: *Se vocês fossem fazer um vídeo o que colocariam nele?* O Alberto já falou da falta de comunicação, que as pessoas não entendiam muito bem o que estava acontecendo.

Alberto: Acho que meu erro era também ‘na compartilhamento’ dos assuntos, as pessoas sabiam, mas passavam errado. É, literalmente, aí as pessoas falavam, não querem ter aula e estavam ocupando porque não queriam ter aula e só queriam bagunça, mas não falavam o propósito, o porquê da movimentação, e a gente não tinha informação sobre o assunto. Você logo critica você não vê como: “*ah, isso vai mudar alguma coisa*”, então vai perdendo a força do movimento o que deveria ter existido desde o início, então é isso.

Alberto: O pessoal naquela época, muitas pessoas falaram que ia acontecer alguma coisa de noite, não sei que, aí o pessoal acabou perdendo a ideia da ocupação, eu acho que é aquela coisa, o pessoal tem que dar aquela força, tem que se ajudar, dar a ideia certa, não tipo assim, tudo bem. Na época da ocupação eu queria ocupar, mas meus pais não deixaram. Eu também na época tinha alguma

coisa importante, coisas de esporte, então acabei não podendo vir, mas eu queria mesmo ocupar. A ideia porque no começo a mesma coisa aconteceu comigo, entendia, um pouco da ideia, só que quando eu falava que ia virar aquela bagunça, não sei quê lá, acabei virando contra, mas depois que realmente eu vi as ideias o pessoal com o tempo ficando aqui, sabe, e aí depois realmente eu virei casaca, vamos dizer assim, não vai ter aula, e aí as pessoas falavam: “Ah, eles não querem ter aula”... não teriam aula e virava uma bagunça, o porquê da movimentação, a gente não consegue nada de graça, tudo por força de vontade, aquela coisa de você tentar, se você realmente tentar, você vai conseguir.

Lorena: Questão da informação mesmo, é porque realmente, meu pensamento, quando eu falei: “não, eles não querem ter aula, eles estão ocupando porque não quer ter aula”, e isso foi o meu pensamento, depois é que eu comecei a entender, eu disse: “não, isso aí é uma forma de expressar o que a gente quer passar para as pessoas, que a escola é nossa”. Então, realmente a informação era muito importante na época, porque, para mim, era só bagunça, aqui era festa, falavam muita coisa daqui.

Mel: Essa questão da comunicação, como é que funcionou. No dia a gente, de manhã, tinha ocorrido uma assembleia, a gente colocou uma faixa lá fora de apoio: “O Colégio Estadual Amaro Cavalcanti apoia as ocupações no Rio de Janeiro”, não estava falando do Amaro Cavalcanti nem nada, os alunos que vinham chegando da tarde já estavam postando nas redes sociais, que o Amaro já estava ocupado.

Raquel: A questão é, quem queria bagunça, realmente só viu como bagunça, e quem queria o propósito certo do movimento perderam a força por causa da maioria que queria festa, a farrá do negócio, então saíam do controle dos ocupantes. Foi aí que a gente tentou dar a volta por cima, a gente logo depois da segunda assembleia, que foi por maioria do voto, a gente já criou a página, e já começou a postar todas as informações, mudar tudo, Twiter e Facebook, e daí já teve muito acesso, porque a internet é muito ‘amplo’, e todo mundo já tinha acesso.

Pesquisadora: Então, você está me dizendo que ‘foi fundamental as redes sociais’ pra que vocês pudessem ir comunicando, outra coisa, colocaram a faixa que estavam apoiando, mas ainda não estava ocupada? E vocês tiveram influência de que outras escolas?

A maioria responde: Já, já o Amaro foi a primeira escola da zona sul a ficar ocupada.

Lorena: A gente ocupou aqui, já tinham 20 escolas já ocupadas.

Pesquisadora: Da zona sul foi a primeira. Vocês acham que a escola mudou após o movimento?

Yara: Demais, sim mudou bastante.

Lia: Sim. Sim, acho que demais.

Paulo: Acho que mudou bastante, antigamente a parte da direção sempre ficava muito fechada, nunca falava nada para os alunos, quando falava: “vai mudar isso e isso”. E isso acabou, não perguntava nossa opinião.

Mara: Não podia dar opinião de nada, era só eles quem decidiam e acabou e ponto final. A gente não se interava nos assuntos e tal.

Yara: É, eu acho que mudou tanto que a nossa direção foi eleita democraticamente, e acho que a ocupação e esses movimentos deram o início de toda essa perda da ignorância dos alunos.

Lorena: Eu não era no 1º ano do Amaro eu era do Julia Kubistchek, e a gente teve assembleia daí que foi uma assembleia muito mal organizada e os professores e a própria direção queriam intervir, só que teve um problema, por falta de informação do que era a ocupação, o 3º ano, começou a espalhar boato de que eles ficariam sem diploma, que iriam ficar sem o certificado do ensino médio e que era o último ano deles e a gente iria estragar tudo. Teve uma confusão lá, tipo assim, quem era do primeiro ano, eu era do 1º ano, eu apoiava, e colocaram um pessoal que apoiava no meio da quadra e pessoal queria agredir a gente, isso no Julia, aí como a gente não conseguiu ocupar lá o pessoal foi recorrer para pedir ajuda aos colégios, aí a gente veio no Amaro Cavalvanti e chegou a ir também ao Souza Aguiar. E, a gente viu, a ocupação não era nada do que eles passavam, que eles realmente estavam pensando nos certificados deles, e não estavam pensando, assim, no 1º ano, estava entrando e como é que ia ser. Ia continuar a mesma coisa, a alimentação, tipo faltando, porque, na época era integral, não tinha alimentação pra todo mundo, o ar condicionado, a gente ficava o dia inteiro no calor dentro de sala de 7 até às 6 da noite, também não tinha, então, tipo assim, pra eles era tipo: - “não estou nem aí, já estou saindo daqui” e quando a gente chegou aqui, a gente começou a frequentar tudo, depois a gente viu, a ocupação não era só de “ah, estou aqui no colégio e não vai entrar ninguém”. Eles mostraram que a escola é local de cultura também, tinham outras coisas, tinham eventos para mostrar o que realmente era.

Mel: Foi importante que a gente falou da questão que foi um mérito da ocupação dos estudantes da eleição democrática e foi muito importante pro colégio e hoje a gente tem o impacto dessa mudança diariamente que é a relação aluno-professor, aluno com diretor, e sempre foram muito acolhedores com a gente, eram professores do Amaro antes.

Pesquisadora: Antes do movimento, o nosso encontro aqui seria mais difícil?

Todos: Com certeza!

Lorena: No Júlia não entra ninguém lá, poxa, você tem oportunidade de fazer é muito clara, pra você entrar lá, é um saco, porque pra eles tinha que ser do jeito deles, só vai entrar quem eu quero, só vai ter informação daqui se eu quiser, os alunos vão ficar numa prisão e tudo mais, tanto que eu troquei de colégio, completamente diferente, não tem de noite, também, é completamente diferente até com os professores a gente é mais próximo, e com a direção, a gente quer pedir algo, eles acolhem, sabe.

Colaboradora Ana Luisa: Deixa eu te perguntar, você trocou de colégio, você veio do Julia?

Lorena: É eu tentei pedir transferência, mas não quiseram me transferir, aí até porque o Júlia sabia que eu apoiava as ocupações eu e outras pessoas, e eles queriam prender por conta de nota também, eles querem ter notas boas pra ficar na Seeduc, ficar com bom padrão, e daí, até quando foi no ano seguinte quando acabou a ocupação eu só consegui minha transferência mesmo eu estava estudando aqui, mas eles só me liberaram lá quando foi em março, maio, por aí.

Colaboradora: E por que você escolheu vir pra cá?

Lorena: Porque a direção de lá não era boa, a gente não era bem acolhida, a gente era largado, a gente ia tentar conversar com a direção, e eles já vinham com mil pedras pra conversar com a gente, quando o professor tentava ajudar a gente também, a direção não ligava mesmo. A gente era muito largada; eles tentam colocar o colégio como padrão e a gente não tem o ensino direito, não tem uma infraestrutura boa e quando teve essa assembleia da ocupação eles saíram

correndo, para, tipo, trocar a janela que estava quebrada, arrumaram o ar condicionado, tentando encobrir pra não ter ocupação.

Pesquisadora: O que vocês acham da escola de vocês, gostam dela?

Lorena: Eu vejo que mudaram coisas, mas também tem coisas que não mudaram, em relação à ajuda dos alunos, a escola tenta mudar, mas os alunos não ajudam, não cooperam, a escola tenta melhorar e os alunos vão lá e quebram, bagunçam, rabiscam. Pintaram a escola, na primeira semana de aula, e já tem rabisco na parede, pichada, a escola estava toda direitinha, ela estava consertada, as coisas estavam organizadas, e em pouco tempo, um período muito curto, a escola já estava detonada, mas aí é questão de a nossa educação pode ser de qualidade, pode ser a melhor possível, mas se você não tiver essa consciência não vai adiantar em nada, porque estava tudo certo e não conseguiram manter isso até hoje. Se você for nas salas, as salas estão uma porcaria, mas foi porque nós sujamos, nós estragamos.

Pesquisadora: Isso foi no início do ano?

Yara: É porque não adianta o aluno querer um conserto se ele não mantiver o conserto, e não estava sendo mantida, então a escola vai pagar as contas, o dinheiro vai gastando todos os recursos à toa, e foi isso que aconteceu aqui. Acho que há falta mais de conscientização nossa, para as coisas se manterem preservadas.

Lorena: Um exemplo, a gente tem aqui um patrimônio tombado, então, nós, a gente não pode estragar, o pessoal estava indo lá fora e não estava nem pichada, eles estavam pegando coisa de compasso, porque viram que estavam apagando a pichação. E pegaram um compasso e arranharam tudo, então, assim, vem da conscientização dos alunos também.

Mel: Então, a gente vê como a gente fala sobre educação e é sempre um assunto tão complexo, nunca pode ter um assunto tão leve, porque a Lorena nem estudava aqui, viveu uma questão no colégio dela muito complexa, e em questão da escola que estava falando agora. Realmente, é uma conscientização dos alunos de respeitar a escola, porque aqui é um ambiente de respeito. Assim, que é nossa, a gente tem que cuidar, é o caso, a gente não deixa a nossa casa uma zona não, pichada parede, não faz nada, então a gente tem que entender, trabalhar isso até a gente cuidar do nosso amigo próximo do colégio e trabalhar essa questão de cuidar do colégio.

Pesquisadora: O que ficou desse movimento, qual foi o legado deixado?

Lorena: Acho que foi a questão de as pessoas, o diretor, ouvirem a nossa opinião, ouvir mais os alunos. E eu acho que foi isso que marcou, porque antigamente, você falava um “a”, eles te ignoravam, jogavam pedra em você, mas, agora eles tentam ouvir, mas ninguém explicava, o povo era muito ignorante, então com essa direção, melhoraram, eles tentam ouvir os alunos.

Raquel: Então, a partir da movimentação que teve nessa escola, tipo mostrou o que era quando a gente se une, a gente faz, a gente faz acontecer.

Alberto: A questão que mais marcou foi a união da escola, dos alunos nessa época, sabe por que, a gente ficava restrito – alunos e diretores da escola, então era aquele contato, muito frio, muito distante, e hoje em dia você consegue conversar, você consegue enxergar, eles entram na nossa vida mais a fundo, não fica essa coisa superficial.

Jose: Se você tiver um problema, você pode ir à direção, você pode conversar que eles vão tentar te ajudar da melhor forma possível, e antigamente não era assim, você se sente acolhido aqui, se tiver um problema em casa.

Mara: ...A convivência com a direção era muito ruim, a gente chegava e falava assim, legal, pronto, hoje em dia não é mais assim, hoje em dia são coniventes, acolhem mais as pessoas, e hoje houve a discussão no ponto de ônibus... aí ela subiu, e a cobradora puxou o cabelo dela e não deixou ela entrar, agrediu porque na hora ela foi mostrar que estava com a declaração da passagem, ela foi inclusive hoje falar com a Penha sobre o cartão do ônibus.

Lorena: Eu perdi meu RioCard e mandei fazer outro, porque a ocupação não foi só por conta dos problemas no colégio, mas do estado em geral, sabe, em tudo, eu pedi o RioCard, demorou um mês pra chegar, eu passei o mês todo pagando passagem, tipo assim, tem gente que não tem condições, mas é porque você está com declaração, o motorista pega e te larga no ponto, manda entrar por trás, e te larga.

Pesquisadora: Você não tem declaração e não liberam?

Lorena: Você tem o direito de passar por trás e não te liberam e aí você tem a declaração, tem direito de passar por trás e não te deixam passar por trás, então, ontem, foi por conta disso, a gente está sem declaração e eu estava uniformizada e no ponto final, eles sabem disso, a escola é aqui do lado é o horário que todo mundo sai junto, e ela fazer isso, querer humilhar as pessoas, a gente passa por humilhação todos os dias até mesmo com esse Riocard normal.

Paulo: O legado ficou muito a questão democrática, hoje eu vejo a escola assim, como se fosse uma roda, todo mundo se vê por igual então isso é muito importante não tem um... super envolvimento da direção, do envolvimento técnico, uma outra questão também foi mais nossa, da ocupação. Pra mim sempre foi uma prova assim, uma prova mais democrática, a escola que fizer por merecer vai ficar bem à beça, as maiores notas, e isso também foi uma das principais pautas, e hoje não tendo a Saerj eu vejo bem melhor o ensino público.

Pesquisadora: Esse é o nosso terceiro bloco, mas eu acho que a gente já abordou praticamente tudo, só tem algumas questões que eu ainda queria que vocês comentassem. Como é que ficou o clima escolar após o movimento?

Mel: Assim, hoje vejo, na época da ocupação, entre os professores, pelo menos, grupos assim, separados, nos que apoiavam e não apoiavam, tinham vários professores que vinham aqui pra porta pedir pra desocupar, foi assim bem tenso, a questão dos professores com os alunos e professores com professores. Hoje os professores estão se unindo muito mais pela escola, eu tenho reparado muito isso, muito mais mesmo, eu vejo que não tem mais rixas. Antigamente tinha vários, antigamente eram 10 professores, hoje só tem dois ou três. A direção querendo mudar a escola, hoje em dia é mais unida do que antigamente, os professores estão procurando se ajudar mais, as pessoas se unindo muito mais, os alunos com os professores, é muito difícil hoje em dia os professores não ajudarem a gente, sempre está em união com a gente.

Pesquisadora: A maneira dos professores darem aula, isso mudou?

Raquel: A gente começou com muita discussão sobre a forma de dar aula dos professores, após o movimento, e a gente começou a debater mais e aquela aula está começando a trazer benefícios, realmente estava prevendo pra aquilo e em minha opinião não tinha muito isso. “Ah, professor, a sua aula não está ainda...” Exatamente, e hoje em dia já está sendo, o professor na própria sala conversa de que forma ele pode mudar, de que forma podemos mudar, então isso se tornou mais aberto nós podemos opinar mais na aula dele e ele opinar nas nossas atitudes também como aluno.

Colaboradora Ana Luisa: Eu queria saber, antes da ocupação, quais eram os meios que vocês utilizavam, a Lorena falou que era difícil a relação na escola dela, antes vocês já estavam mais mobilizados...

Raquel: Quando entrei eu não tinha muito pensamento político do movimento e das coisas, e sim, quando eu entrei aqui eu comecei tipo: “nossa, eu tenho que lutar, eu tenho o meu direito de querer mudar, ter mudanças, isso foi o meu pensamento em relação a tudo, não só na forma da escola, na minha cidade, no meu país, de querer ir atrás, de querer se envolver, acontecer, isso começou a partir de quando eu entrei aqui. Porque a movimentação foi a única, onde eu vi nessa escola. Pra mim foi um ótimo movimento porque me fez pensar melhor, abrir meu horizonte pra essa coisa da política e tudo mais.

Mara: Eu entrei no EM na cabeça assim... eu entrei, logo no segundo mês que estava aqui, não conhecia ninguém ainda, passava o Yuri em cada sala chamando todo mundo pra descer e não assistir aula porque tinha faltado água: “Ninguém vai assistir aula”, todo mundo desceu.

Raquel: É, ele é ótimo, ele é demais, e então assim, dali, diversos núcleos pequenos começaram a ter essas conversas dentro do colégio, as conversas políticas, por melhorias, os porquês, porque começam a surgir muitos porquês, por quê que a educação é tão difícil de a gente entender, é tão difícil de ter uma educação boa, é uma coisa que é pública, é direito, então, assim, aí eu comecei a amadurecer as minhas ideias, e logo depois viemos a ocupar.

Pesquisadora: Alguém quer falar?

Raquel: A questão é que estava falando aqui, a gente estava falando que depois de 2016 que foi o ano que a gente entrou, meio que congelou a questão política da gente, porque até certo ano, faziam um pouquinho do movimento, por isso e aquilo, mas a partir do movimento, a gente congelou muitos que entraram agora não estão preparados para isso.

Mel: Acho que falta aqui na escola sentar pra conversar, pra saber. Movimento político é trabalho de base, isso o que a gente está começando aqui é trabalho de base, a gente está articulando, a gente está conversando.

Alberto: Mas agora, a gente procura uma base para sustentar o nosso movimento. “...Ah, você não gosta disso, mas por quê?”, entendeu?

Lia: Na minha visão, a gente veio como no município, eu cheguei a passar por greve, então eu já conhecia mais ou menos como ocorria o que acontecia, e a ocupação só serviu pra gente ter mais voz. A meu ver, o pessoal que é do 1º ano agora que vieram do município eles não passaram por essa greve e eles têm uma visão de fora, muitos não vivenciaram, eles têm uma visão de: “Ah, a ocupação fez festa, porque era uma baderna, quando eu chegar no EM eu vou poder fazer tudo o que eu quiser, já estou mais velho”. E assim, tipo, a gente não tem o inspetor, por eles, eles podem ficar o tempo que quiserem no meio do corredor, sem estudar, não quero saber de nada e vou passar tipo isso também.

Colaboradora Ana Luisa: Assim, vocês falaram que colocaram uma faixa que apoiava o movimento, que a partir dali, vocês começaram também a fazer parte do movimento mais ativamente, nesse processo teve atores externos à escola, apoiando vocês, juntos com vocês, pessoas externas, a comunidade em geral, e até questão do conselho tutelar, eu sei que tem representantes da comunidade também, o conselho escolar com relação ao movimento, se estavam a favor, como é que era, os pais de vocês, apesar de alguns não poderem estar na escola, tinha essa consciência política de vocês, tanto em relação ao apoio da comunidade, quanto dos responsáveis de vocês?

Jose: Que era uma bagunça, e era minha amiga também, mas até hoje ela não pensa sobre a ocupação...

Mara: A minha mãe sempre foi de apoiar as coisas, o movimento, a questão é que ela tinha medo da minha segurança no local, então eu não podia vir, porque meu pai vinha junto, porque na época tinha polícia batendo sempre, estava até mesmo aqui dentro acontecer alguma coisa, de destratar, machucar, essas coisas, então nessa época não me deixava entrar no movimento, exatamente pelo medo da minha segurança, mas fora isso ela apoiava, a questão dos alunos ela sempre soube que a gente tem que lutar tem que correr atrás disso.

Mel: A gente recebeu muito apoio aqui da comunidade e até hoje essas pessoas perguntam pela gente, temos muito contato, então foi uma reação boa e foi uma ajuda necessária, e a questão dos meus pais, meu pai, mais ou menos, eu morava com ele na época, mas como foi uma decisão minha ele sempre respeitou, a minha mãe sempre foi muito presente na minha vida, em tudo, ela sempre estava aqui, sempre que podia ela estava aqui, foi legal.

Pesquisadora: Essa é outra colaboradora. Maria Elisa, você pode dar uma filmada nesse último momento, é outra amiga minha que chegou para o toque final. Porque vocês podem falar o nome de vocês, depois eu vou ficar com o áudio e o vídeo.

Bom, gente, a gente fecha o nosso encontro, que rendeu bastante, eu queria com uma palavra ou uma frase por que vocês aceitaram participar dessa pesquisa e contribuir?

Lorena: liberdade.

Mara: Exatamente o pensamento mais crítico, isso aqui também ajudou, foi uma reunião aonde a gente pôde debater sobre, não só passar a mão na cabeça de ninguém, não só falando dos erros como alunos e de escola mesmo, então acho que isso foi um ponto positivo dessa reunião.

Jose: A discussão foi ótima, porque compartilhar informação é uma coisa que precisava fazer, porque não adianta eu falar a minha experiência eu só fiz mais amigos eu tenho que compartilhar com pessoas que eu não conheço tipo eu não conhecia vocês, mas saber que pra vocês as experiências foram satisfatórias, acho que no geral foram satisfatórias a ocupação, é uma coisa muito boa a gente conheceu várias histórias, e eu acho que isso é que vale.

Raquel: Agora é satisfação, porque tudo tipo, mesmo não sendo do colégio, eu aceitei participar porque a ocupação teve um marco. A gente está apoiando em falar sobre isso, tipo, será que há um tempo a gente poderia estar falando sobre isso? Será que a gente vai poder continuar falando sobre isso, então acho muito importante registrar esse debate.

Yara: Eu aceitei porque eu fui recrutada pela Mel e acho isso muito importante, mesmo não conhecendo a gente e ela quis que a gente viesse aqui para dar a nossa opinião, ela quis dar voz, a gente estar aqui pra compartilhar experiência.

Mel: Eu aceitei participar porque a ocupação é um marco e eu quero que seja lembrada por décadas e séculos e que isso entre na história e que isso não seja esquecido, e pela primeira vez que a gente viu a juventude se mobilizando, por uma coisa que é nossa, pra mim foi muito importante, e uma palavra assim que defina, é satisfação, assim, por estar trabalhando essa base.

Paulo: Eu aceitei vir aqui, eu queria relembrar aquele momento que aconteceu da ocupação tipo um momento, uma coisa política da nossa vida, a primeira coisa política que eu participei, eu gostei, queria relembrar, mas eu gostaria que as pessoas novas que estão vindo para o Amaro, tipo assim, não é de você estudar, é

óbvio, dar só uma olhada no que aconteceu na nossa escola, o que a gente lutou, o que a gente conquistou, tipo assim, não conseguimos melhorar 100% , mas para o que era, a gente melhorou bastante, e isso já é um avanço pra gente, eu gostei, por isso que eu queria participar dessa pesquisa, queria relembrar mais o momento, o que aconteceu, essas coisas.

Alberto: Eu aceitei participar porque eu acho que isso é um grande marco, de ser diferente, porque nós estamos aqui.

*Pesquisadora: Todos falaram?* Bom, gente, eu acho que podemos ficar por aqui. Eu agradeço muito, muito mesmo, a presença de todos.





## 8.9.

**Anexo IX: Roteiros das Entrevistas Individuais**

## 1- PROFESSOR(A)

Identificação do(a) professor(a)

Nome da escola:

Nome do(a) professor(a):

Disciplina em que atua:

Turmas em que lecionava:

Servidor(a) ou contratado(a):

Características do(a) professor(a)

- a. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- b. Idade:
- c. Formação profissional:
- d. Se Magistério, especifique o ano de conclusão.
- e. Se Pós-graduação, especifique o curso e o ano de conclusão.
- f. Se Graduação, especifique o curso e o ano de conclusão.
- g. Tempo de atividade profissional:
- h. Tempo em que leciona na escola:

**III. A percepção do movimento**

- a. Como você vê as ocupações?
- b. A que você atribui o ocorrido?
- c. Por que naquele momento e não antes?
- d. Quais foram as iniciativas da SEEDUC em resposta ao movimento?  
Como você avalia essas iniciativas?
- e. Houve mudança de direção? Quais as razões da saída da direção? Como a nova direção administrou o que estava acontecendo?
- f. Você participou das ocupações? De que maneira?
- g. Os estudantes estavam apoiando os professores?
- h. O movimento contribuiu para um aperfeiçoamento da prática docente? Dê exemplos:

**IV. As reivindicações para esta unidade escolar**

- a. O que estava na pauta desta escola?
- b. Qual é a ideia de escola que os estudantes defendem?
- c. Houve conquistas para os estudantes nesta escola após o movimento? Quais?
- d. As reivindicações já eram feitas antes do movimento? Quais?
- e. Após o movimento, a escola colocou metas a atingir? Quantas/quais? Estes objetivos e metas estão registrados em algum documento escolar?
- f. Quais estratégias/iniciativas a escola desenvolve para realizar seus objetivos e metas?  
Algum projeto específico foi criado? Vocês tiveram apoio? De quem? Como?

**V. Clima Escolar durante e após o movimento**

- a. Como a direção lidou com os professores?
- b. A relação entre os professores que apoiavam e não apoiavam?

- c. Professores e estudantes?
- d. Direção e estudantes?
- e. Após o movimento, como se estabeleceram essas relações entre esses diferentes atores?
- f. A forma de gerir a escola muda após o movimento?

#### **VI. Gestão democrática**

- a. Após o movimento, mudou alguma coisa na gestão pedagógica da escola? Dê exemplos:
- b. Que mudanças no Ensino Médio essas ocupações apontaram?
- c. Houve mudanças na sua prática de gestão após o movimento?
- d. Mediante a fala e ações dos estudantes, eles apontavam para um novo modelo de metodologia de ensino, de que maneira isso foi percebido pelos docentes?

Expectativas sobre o movimento

- a. Qual o perfil dos alunos dessa escola?
- b. Qual a escola que os estudantes estão defendendo?
- c. Qual o perfil das famílias dos alunos atendidos pela escola?
- d. Na sua percepção, o que foi atendido?
- e. Os alunos sentiram-se contemplados?
- f. Como foi o retorno às aulas após as ocupações em termos do relacionamento entre os estudantes?
- g. Houve reposição das aulas?
- h. Quais foram as ações da SEEDUC para administrar e garantir os dias letivos?

#### **VII. Interlocução entre diferentes atores (escola, família, comunidade, Defensoria pública, polícia...)**

- a. Em sua opinião, qual a influência dos familiares no período das ocupações?
- b. A comunidade apoiou ou rejeitou o movimento? Quais foram as ações concretas?
- c. Como a direção mediou esses diferentes atores?
- d. Nesta unidade escolar, ocorreu o movimento Desocupa? Como aconteceu? Como foi mediado?
- e. Qual foi o posicionamento da SEEDUC?

#### **IX. As redes sociais e o movimento**

- a. Na sua percepção, qual foi a importância das Mídias Sociais tradicionais?
- b. Na sua percepção, qual foi a importância das Mídias Sociais “amadoras”?
- c. Você participa das redes sociais em contato com os estudantes?
- d. Como a unidade escolar se relaciona com os estudantes por meio das mídias sociais?

#### **X. Legado deixado pelo movimento**

- a. As pessoas se lembram das ocupações? De que maneira?  
Na sua concepção, o que é preciso para alcançar essa escola almejada por eles?  
Qual foi o legado deixado pelo movimento?

## 2. DIREÇÃO

Identificação do(a) diretor(a)

Nome da escola:

Nome do(a) diretor(a) atual:

Nome do(a) diretor(a) no período do movimento:

Início do movimento:

Fim do movimento:

Tempo de duração do movimento:

Início da entrevista:

Fim da entrevista:

A percepção do movimento

- a. Como você vê as ocupações?
- b. A que você atribui esse movimento?
- c. Por que naquele momento e não antes?
- d. Quais foram as iniciativas da SEEDUC em resposta ao movimento e como você as avalia?
- e. Houve mudança de direção na sua escola? Quais as razões da saída da direção? Como a nova direção administrou o que estava acontecendo?
- f. Existe alguma característica marcante no movimento dos estudantes do Rio de Janeiro que o diferencie das ocupações das escolas em outros estados?

### III. As reivindicações para esta unidade escolar

- a. O que estava na pauta do movimento nesta escola?  
Como é a escola que os estudantes defendem?  
Qual foi, caso tenha havido, a maior conquista para os estudantes desta escola após o movimento?  
As reivindicações já eram feitas antes do movimento? Quais delas?  
Após o movimento, a escola colocou metas ou objetivos a atingir? Quais? Esses objetivos e metas estão registrados em algum documento escolar?  
Quais estratégias/iniciativas a escola desenvolve para realizar seus objetivos e metas?  
Algum projeto específico foi criado? Vocês tiveram apoio? De quem? Como?

### IV. Clima escolar durante e após o movimento (relacionamento interpessoal, participação, compromisso, prática de gestão)

- a. Como a direção lidou com os ocupantes?  
Que relações se estabeleceram entre professores e estudantes?
- b. Que relações se estabeleceram entre direção e professores?
- c. Se ele/ela não era o(a) diretor(a) no momento, não haverá como responder.
- d. Que relações se estabeleceram entre direção e estudantes?
- e. Que relações se estabeleceram com a polícia?
- f. Que relações se estabeleceram com o Ministério Público?
- g. Após o movimento, como se estabeleceram as relações entre esses diferentes atores?
- h. A gestão da escola mudou após o movimento?
- i. Como ficou a relação dos ocupantes com os estudantes contrários ao movimento?

Gestão democrática

- a. De modo geral, como a direção lida com as solicitações dos estudantes?
- b. Após o movimento, mudou alguma coisa na gestão?
- c. A que mudanças no Ensino Médio essas ocupações apontaram?
- d. As falas e ações dos estudantes apontavam para um novo modelo de metodologia de ensino?
- e. De que maneira isso foi recebido pela escola?

Perfil e expectativas dos alunos sobre o movimento

- a. Qual é o perfil dos alunos desta escola?
- b. Qual é o perfil das famílias dos alunos atendidos pela escola?
- c. Na sua percepção, os alunos sentiram-se contemplados, em suas reivindicações, pela escola?
- d. Como foi o retorno às aulas após as ocupações?

**VII. Interlocução entre diferentes atores (escola, família, comunidade, Defensoria Pública, polícia etc.)**

- a. Na sua percepção, como as famílias se relacionaram com a escola e com os estudantes no período das ocupações?
- b. A comunidade apoiou ou rejeitou o movimento? Quais foram as ações concretas tomadas pela comunidade?
- c. Como a direção mediou as relações entre esses diferentes atores?
- d. Nesta unidade escolar, ocorreu o movimento Desocupa? Como aconteceu? Como foi mediado?
- e. Qual foi o posicionamento da SEEDUC?

A influência da mídia na atuação do movimento

- a. Na sua percepção, qual foi a importância da mídia tradicional (mídia impressa, TV, rádio)?
- b. Na sua percepção, qual foi a importância da mídia social alternativa (Mídia Ninja, Mídia Ativista)?
- c. Você participa das mesmas redes sociais que têm a participação dos estudantes da escola?
- d. Que aspectos concretos o movimento deixou para a escola? Dê exemplos.
- e. Como a unidade escolar se relaciona com os estudantes por meio das mídias sociais?
- f. Qual foi a função dos vídeos produzidos pelos estudantes durante a ocupação?

Legado deixado pelo movimento

- a. Dentro da escola, as pessoas ainda se lembram das ocupações? De que maneira?
- b. A escola mudou? Em que sentido?
- c. Como ocorreu o encerramento da ocupação na sua escola?
- d. Quais foram as mudanças para o Ensino Médio apontadas pelo movimento?
- e. As reivindicações foram atendidas? Quais?
- f. Na sua percepção, qual foi o maior ganho desse movimento?

### 3. Agente SEEDUC

Identificação do(a) agente

- a. Função Desempenhada:
- b. Formação:
- c. Instituição de Formação:
- d. Data:
- e. Tempo no Cargo:
- f. Tempo como servidor no estado:

#### II. A percepção do movimento

- a. Como você vê as ocupações?

A que você atribui esse movimento?

Como a Secretaria se posicionou diante de um fato NOVO, diante do que estava acontecendo? Por que naquele momento e não antes?

Quais foram as ações realizadas pela SEEDUC em resposta ao movimento e como você as avalia?

Existe alguma característica marcante no movimento dos estudantes do Rio de Janeiro que o diferencie das ocupações das escolas em outros estados?

As reivindicações

- a. Quais eram as questões da pauta de reivindicação dos estudantes nas escolas?
- b. O que foi feito para garantir o direito dos estudantes?
- c. Como era a escola que os estudantes defendiam?
- d. Como foi, na sua percepção, o movimento Desocupa?
- e. Como era a relação com os estudantes e com o Ministério Público?

#### IV. Ambiente escolar durante e após o movimento (relacionamento interpessoal, participação, compromisso, prática de gestão)

- a. O que foi realizado para administrar o clima escolar durante e após o movimento?
- b. Na sua percepção, a gestão da escola mudou após o movimento?
- c. Quais foram os temas discutidos?

#### V. Gestão democrática

- a. A que mudanças no Ensino Médio essas ocupações apontavam?
- b. Há autonomia nas escolas? De que maneira o órgão central possibilita autonomia para as escolas da rede?
- c. Na sua percepção, os alunos sentiram-se contemplados, em suas reivindicações, pela escola?
- d. Ocorreu um fortalecimento dos grêmios? Dos Conselhos?
- e. O que foi legislado em função do que estava acontecendo?
- f. Ocorreram reposições das aulas por conta do período das ocupações?

Interlocação entre diferentes atores (escola, família, comunidade, Defensoria Pública).

- a. Na sua percepção, como as famílias se relacionaram com a escola e com os estudantes no período das ocupações?

- b. A comunidade apoiou ou rejeitou o movimento? Quais foram as ações concretas tomadas pela comunidade?
- c. Como os poderes (executivo, legislativo e judiciário), se manifestaram frente ao movimento?

VII. A influência da mídia na atuação do movimento

Na sua percepção, qual foi a importância da mídia tradicional (mídia impressa, TV, rádio)?

- a. Na sua percepção, qual foi a importância da mídia social alternativa (Mídia Ninja, Mídia Ativista)?
- b. Qual foi a função dos vídeos produzidos pelos estudantes durante a ocupação?

VIII. Legado deixado pelo movimento

- a. Que aspectos concretos o movimento deixou para a escola? Dê exemplos. A escola mudou?
- b. Na sua percepção, houve algum ganho ou perda com o movimento? Se houve, qual foi o maior ganho ou a maior perda?
- c. Na sua percepção, houve mudança da prática docente e da gestão escolar nos últimos dois anos? Se houve, quais?

Identificação do(a) ex-aluno(a) participante

Nome da Escola:

Nome do(a) ex-aluno(a):

Idade:

A percepção do movimento

- a. De onde veio essa inspiração para ocupar?
- b. Na sua concepção, o que foi o movimento?
- c. Como você vê as ocupações?
- d. A que você atribui o ocorrido?
- e. Por que houve a decisão de ocupar naquele momento e não antes?
- f. Você conhece/sabe quais foram as iniciativas da SEEDUC em resposta ao movimento e como você as avalia?
- g. Houve mudança de direção? Quais as razões da saída da direção? Como a nova direção administrou o que estava acontecendo?

As reivindicações para sua unidade escolar

- a. O que estava na pauta dessa escola?
- b. Qual é a ideia de escola que os estudantes defendem?
- c. Se teve, qual foi a maior conquista para os estudantes nessa escola após o movimento?
- d. Essas reivindicações já eram feitas antes do movimento? Quais? Por que não eram atendidas?
- e. Após o movimento, a escola colocou metas a atingir? Quantas/quais? Estes objetivos e metas estão registradas em algum documento escolar?

- f. Quais estratégias/iniciativas a escola desenvolve para realizar seus objetivos e metas?
- g. Algum projeto específico foi criado? Vocês tiveram apoio? De quem? Como?

Organização das ocupações

- a. Como foi feito o planejamento para ocupar?
- b. Como se organizaram?
- c. Quais foram as dificuldades encontradas?
- d. Como ocorreu o diálogo com os diferentes atores envolvidos?
- e. Quais foram as estratégias utilizadas do movimento na sua escola?
- f. Quais foram as facilidades?

**V. Clima Escolar durante e após o movimento (relacionamento interpessoal, participação, compromisso, prática de gestão)**

- a. Como a direção lidou com os ocupantes?
- b. Que relações se estabeleceram entre professores e estudantes?
- c. E entre direção e professores?
- d. Direção e estudantes?
- e. Com a polícia?
- f. Com o Ministério Público?
- g. Após o movimento, como se estabeleceram essas relações entre esses diferentes atores?
- h. A gestão da escola muda após o movimento?
- i. Como ficou a relação dos ocupantes com os estudantes contrários ao movimento?

As Redes Sociais e o movimento

- a. Havia uma equipe de comunicação? Como funcionava?
- b. Na sua percepção, qual foi a importância das Mídias Sociais tradicionais (imprensa; TV; rádio)?
- c. Na sua percepção, qual foi a importância das Mídias Sociais alternativas (Ninja; ativista)?
- d. Você participa das redes sociais que tenham também participação dos professores da escola?
- e. Como a unidade escolar se relaciona com os estudantes por meio das mídias sociais?
- f. Qual a função dos vídeos produzidos pelos estudantes durante a ocupação?

Gestão Democrática

- a. Antes do movimento, existia grêmio estudantil na sua escola? Como funcionava?
- b. O grêmio passou a existir na sua escola, após as ocupações? Como funciona?
- c. Antes do movimento, existia conselho estudantil?
- d. O conselho passou a existir na sua escola, após as ocupações? Como funciona?
- e. Antes do movimento, como era a participação dos estudantes no cotidiano da escola?

- f. Havia uma gestão participativa? O que mudou em termos de participação dos estudantes após as ocupações das escolas?
- g. Qual é a escola que os alunos desejam?

Legado deixado pelo movimento

- a. Dentro da escola, as pessoas lembram das ocupações? De que maneira?
- b. Que aspectos concretos o movimento deixou para a escola? Dê exemplos.
- c. A escola mudou? Em que sentido?
- d. Como ocorreu o encerramento da ocupação em sua escola?
- e. Quais foram as mudanças para o Ensino Médio apontadas pelo movimento?
- f. As reivindicações foram atendidas? Quais?
- g. Na sua concepção, qual foi o maior ganho desse movimento?

Identificação do(a) diretor(a)

Nome da escola:

- a. Nome do(a) diretor(a) adjunta:

Nome do(a) diretor(a) no período do movimento:

Início do movimento:

Fim do movimento:

Tempo de duração do movimento:

A percepção do movimento

- a. Como você vê as ocupações?
- b. A que você atribui esse movimento?
- c. Por que naquele momento e não antes?
- d. Quais foram as iniciativas da SEEDUC em resposta ao movimento e como você as avalia?
- e. Houve mudança de direção na sua escola? Quais as razões da saída da direção? Como a nova direção administrou o que estava acontecendo?
- f. Existe alguma característica marcante no movimento dos estudantes do Rio de Janeiro que o diferencie das ocupações das escolas em outros estados?

### III. As reivindicações para esta unidade escolar

- a. O que estava na pauta do movimento nesta escola?

Como é a escola que os estudantes defendem?

Qual foi, caso tenha havido, a maior conquista para os estudantes desta escola após o movimento?

As reivindicações já eram feitas antes do movimento? Quais delas?

Após o movimento, a escola colocou metas ou objetivos a atingir? Quais? Esses objetivos e metas estão registrados em algum documento escolar?

Quais estratégias/iniciativas a escola desenvolve para realizar seus objetivos e metas? Algum projeto específico foi criado? Vocês tiveram apoio? De quem? Como?

**IV. Ambiente escolar durante e após o movimento (relacionamento interpessoal, participação, compromisso, prática de gestão)**

- a. Como a direção lidou com os ocupantes?
- b. Que relações se estabeleceram entre professores e estudantes?
- c. Que relações se estabeleceram entre direção e professores?
- d. Que relações se estabeleceram entre direção e estudantes?
- e. Que relações se estabeleceram com a polícia?
- f. Que relações se estabeleceram com o Ministério Público?
- g. Após o movimento, como se estabeleceram as relações entre esses diferentes atores?
- h. A gestão da escola mudou após o movimento?
- i. Como ficou a relação dos ocupantes com os estudantes contrários ao movimento?

**V. Gestão democrática**

- a. De um modo geral, como a direção lida com as solicitações dos estudantes?
- b. Após o movimento, mudou alguma coisa na gestão?
- c. A que mudanças no Ensino Médio essas ocupações apontaram?
- d. As falas e ações dos estudantes apontavam para um novo modelo de metodologia de ensino?
- e. De que maneira isso foi recebido pela escola?

**VI. Perfil e expectativas dos alunos sobre o movimento**

- a. Qual é o perfil dos alunos desta escola?
- b. Qual é o perfil das famílias dos alunos atendidos pela escola?
- c. Na sua percepção, os alunos sentiram-se contemplados, em suas reivindicações, pela escola?
- d. Como foi o retorno das aulas após as ocupações?

**VII. Interlocução entre diferentes atores (escola, família, comunidade, Defensoria Pública, polícia etc.)**

- a. Na sua percepção, como as famílias se relacionaram com a escola e com os estudantes no período das ocupações?
- b. A comunidade apoiou ou rejeitou o movimento? Quais foram as ações concretas tomadas pela comunidade?
- c. Como a direção mediou as relações entre esses diferentes atores?
- d. Nesta unidade escolar, ocorreu o movimento Desocupa? Como aconteceu? Como foi mediado?
- e. Qual foi o posicionamento da SEEDUC?

**VIII. A influência da mídia na atuação do movimento**

- a. Na sua percepção, qual foi a importância da mídia tradicional (mídia impressa, TV, rádio)?
- b. Na sua percepção, qual foi a importância da mídia social alternativa (Mídia Ninja, Mídia Ativista)?
- c. Você participa das mesmas redes sociais que têm a participação dos estudantes da escola?

- d. Como a unidade escolar se relaciona com os estudantes por meio das mídias sociais?
- e. Qual foi a função dos vídeos produzidos pelos estudantes durante a ocupação?

**IX. Legado deixado pelo movimento**

- a. Dentro da escola, as pessoas ainda se lembram das ocupações? De que maneira?
- b. Que aspectos concretos o movimento deixou para a escola? Dê exemplos.
- c. A escola mudou? Em que sentido?
- d. Como ocorreu o encerramento da ocupação na sua escola?
- e. Quais foram as mudanças para o Ensino Médio apontadas pelo movimento?
- f. As reivindicações foram atendidas? Quais?
- g. Na sua percepção, qual foi o maior ganho desse movimento?

Fonte: Elaborada pela autora, 2017.